

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Marina Tatiana Ferreira Costa

**Civismo, Religião e Trabalho: o Instituto Cruzeiro e a experiência da
Escola Nova no Vale do Paraíba Paulista (1932-1944)**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

SÃO PAULO

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Marina Tatiana Ferreira Costa

**Civismo, Religião e Trabalho: o Instituto Cruzeiro e a experiência da
Escola Nova no Vale do Paraíba Paulista (1932-1944)**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: História, Política, Sociedade, sob orientação do Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves

SÃO PAULO

2014

BANCA EXAMINADORA

**Dedicado aos meus avós maternos João Vital Ferreira e Francisca da Conceição
Ferreira (*in memoriam*)**

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves, pela orientação, paciência e generosidade com que me auxiliou e contribuiu para o processo de elaboração deste trabalho.

Aos professores doutores Antonio Donizette Sgarbi e Luiz Carlos Barreira, pela participação da banca de qualificação e pelas contribuições pontuais para a melhoria da pesquisa.

Ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, principalmente aos professores que ministraram disciplinas importantes para a minha formação. Aos professores doutores Alda Junqueira Marin, Carlos Giovinazzo Júnior, Circe Maria Fernandes Bittencourt, Daniel Ferraz Chiozzini, Helena Machado de Paula Albuquerque, Kazumi Munakata, Luciana Maria Giovanni e Odair Sass.

Aos amigos de início de jornada do 1º semestre de 2012: Geane, Elvis, Sandra, Andrea, Fernanda, Luciane, Jaqueline, Denise. Ao Samir, que se tornou um grande amigo e conselheiro, e Elaine que, além de proporcionar o aconchego de sua casa, se tornou uma grande amiga. E às amigas ao longo das disciplinas: Michele, Paula e Talita.

À Betinha, sempre aliada e solícita, que sempre nos proporcionou segurança nesse intenso processo.

À Marina Tapiero, Maria Cristina Prata e Maria Helena Bittencourt Neiva, familiares do professor Álvaro Moitinho Neiva, que nos forneceram materiais impressos importantes para a construção de sua trajetória.

Ao Dr. Antônio Carlos Monteiro Chaves, que possibilitou o conhecimento da existência da Escola da Fábrica de Pólvora na cidade de Piquete, liderada pelo Major Pompeu Montes, e que seguia as diretrizes da Escola Ativa Direta.

Ao Fernando M. do Espírito Santo e Wilma T. Barbosa Dias que, graças a suas amizades, me possibilitaram conhecer pessoas singulares da cidade de Cruzeiro, como o casal Demóstenes F. Viana e Terezinha Possini Viana, a Ieda b. de Oliveira que foram alunos do Instituto Cruzeiro, a historiadora da cidade Maria Umbelina de S. Mendes e o advogado e radialista Carlos Coelho (*in memoriam*).

À minha família, meu pai Fernando, minha mãe Neusa, meus irmãos Max e Fernando, minha tia Elza, prima Vanessa, à amiga Maria Isabel, que é irmã de coração. Em especial, à minha tia Hermínia que me apoiou.

Ao meu esposo Paulo Willian, companheiro dedicado e apoio presente em todos os momentos.

A Deus, que me possibilita amar, criar e transcender.

Ao CNPq, pelo financiamento dessa pesquisa.

COSTA, Marina Tatiana Ferreira. 2014. *Civismo, Religião e Trabalho: O Instituto Cruzeiro e a experiência da Escola Nova no Vale do Paraíba Paulista (1932-1944)*. Dissertação (mestrado em Educação) São Paulo: Programa de Estudos de Pós Graduados em Educação: História, Política, Sociedade – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientação: Prof. Doutor Mauro Castilho Gonçalves.

RESUMO

A presente dissertação examinou a história da implantação do *Instituto Cruzeiro*, escola localizada no município paulista de Cruzeiro, cujo funcionamento está demarcado entre os anos de 1932 a 1944. Foram objetos de investigação as articulações efetuadas entre o seu fundador – Álvaro Moitinho Neiva – e lideranças educacionais relacionadas ao campo católico que atuaram nas décadas de 1920 e 1930. O referido *Instituto* destacou-se, à época, como uma escola experimental, que teria aplicado os princípios pedagógicos do escolanovismo, segundo informações coletadas em *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, de Lourenço Filho. São examinadas fontes primárias produzidas pela própria instituição, a imprensa periódica e documentos oficiais. O recorte temático recai sobre o protagonismo e na instituição escolar de Neiva e seu papel na criação e na consolidação desse *Instituto* e suas relações com um contexto marcado pela forte tradição católica.

Palavras-chave: Escola Nova; Escola Ativa Direta; Intelectuais da Educação; Instituto Cruzeiro; Vale do Paraíba Paulista.

ABSTRACT

This dissertation examined the history of the deployment of Cruzeiro Institute, school is located in Cruzeiro, state of São Paulo, whose operation is demarcated between the years 1932 -1944. They were objects of investigation joints made between its founder - Álvaro Moitinho Neiva - and educational leadership related Catholic field who worked in the 1920s and 1930s . The Institute stood out at the time as an experimental school, which would have applied the New School pedagogical principles, according to information collected in Introduction to the Study of the New School, Lourenço Filho. Primary sources produced by the institution itself, the periodical press and official documents will be examined. The thematic cutting backslides role and in the Neiva's institution educational and its function in the creation and this Institute consolidation and its relations with a context marked by hard Catholic tradition.

Keywords:; New School; Direct Acting School; Intellectual Education; Cruzeiro Institute ; Vale do Paraíba Paulista.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1. A TRAJETÓRIA DE ÁLVARO MOITINHO NEIVA.....	22
1. 1 Infância e formação acadêmica.....	22
1.2 Álvaro Moitinho Neiva no Rio de Janeiro.....	25
1.3 Neiva e a Constituição de uma rede de sociabilidade entre intelectuais católicos no Rio de Janeiro.....	29
CAPÍTULO 2. O INSTITUTO CRUZEIRO NA CIDADE DE CRUZEIRO.....	34
2.1. A fundação do <i>Instituto Cruzeiro</i> e a memória do educador Álvaro Moitinho Neiva.....	35
2.2 A proposta do fundador e a cidade de Cruzeiro nas décadas de 1930 e 1940....	39
2.3 Cotidiano, manifestações e redes de sociabilidade.....	49
CAPÍTULO 3. A ESCOLA ATIVA DIRETA E AS INSTITUIÇÕES EXTRACLASSES.....	60
3.1. O Instituto Cruzeiro ou a Escola Ativa Direta: uma escola laboratório.....	60
3.2 O que é a escola Ativa Direta.....	65
3.3 A fundação do Instituto Cruzeiro e suas configurações.....	73
3.4 A Escola Ativa Direta e as instituições extraclasses.....	77
3.5 O término do Instituto Cruzeiro.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	99
ANEXOS.....	108

INTRODUÇÃO

Os objetivos da presente pesquisa nasceram a partir das inquietações relacionadas às metodologias de ensino de História na rede pública estadual. Desde a entrada no antigo curso Magistério e, posteriormente, na graduação, esse tema foi objeto de minhas preocupações profissionais. Quando do ingresso no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da PUC-SP, passei a considerar os estudos relacionados à História da Educação Brasileira como relevantes no entendimento dos problemas da escola brasileira atual. Ao entrar em contato com a ementa do projeto de pesquisa *História das instituições educacionais: intelectuais, políticas e práticas*, em desenvolvimento no âmbito do referido programa, verifiquei a pertinência de elaborar algo relacionado à história do Vale do Paraíba paulista, região onde resido e atuo como professora de História na rede estadual de ensino.

Na apresentação das possibilidades de pesquisa na área da História da Educação Brasileira, o projeto mencionado abriu uma perspectiva de examinar a história de uma instituição de ensino que foi criada no município de Cruzeiro, localizada no Vale do Paraíba paulista, no ano de 1932. Essa escola funcionou até 1944. Segundo os dados coletados, a instituição adotou os princípios e métodos do movimento pedagógico escolanovista, recebendo, inclusive, uma citação elogiosa de Lourenço Filho, na sua obra *Introdução aos Estudos da Escola Nova*.¹

No processo da pesquisa e na busca por informações mais objetivas, localizamos um conjunto de fontes primárias constituído por boletins e algumas revistas publicadas pela instituição no período de sua existência, o que nos levou a rastrear fontes conexas, como algumas edições da imprensa periódica de Cruzeiro. Uma questão nos motivou: será que estaríamos diante de uma experiência única no Vale do Paraíba paulista? As fontes, de início, nos encaminharam para o protagonista e fundador do chamado *Instituto Cruzeiro*², Álvaro Moitinho Neiva, especialmente a documentação institucional.

¹. Agradecemos ao Prof. Dr. Odair Sass, docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, por ter sugerido a produção da pesquisa em tela.

² Doravante denominado *Instituto*.

Álvaro Moitinho Neiva nasceu no Rio de Janeiro e, ainda cedo, veio residir em Redenção da Serra, município localizado entre Taubaté e São Luís do Paraitinga, a caminho da Serra do Mar, onde seu pai foi telegrafista. Frequentou o Grupo Escolar da cidade de Paraibuna (SP). Aos 17 anos, foi o primeiro Professor da Instrução Moral e Cívica do Colégio Salesiano Santa Rosa, em Niterói.

Passamos a nos perguntar: qual a relação entre a formação de Neiva e os princípios do escolanovismo debatidos na década de 1920? O que levou Lourenço Filho, um dos protagonistas desse movimento, a referenciar a experiência de Álvaro Neiva na cidade de Cruzeiro? Ressalte-se que o mesmo Lourenço Filho esteve, em 1941, na instituição proferindo palestra sobre o tema, conforme indicam as fontes. Seria o caso de afirmar que Neiva realizou uma “experiência à frente do seu tempo”? Essas problematizações nos levaram ao interesse temático de reconstituir a trajetória intelectual de Álvaro Moitinho Neiva, sua formação intelectual, seus grupos de pertencimento e sua rede de relações sociais, para assim verificar o alcance de como sua trajetória contribuiu para a institucionalização de uma escola com características peculiares no período histórico demarcado.

Examinando, em linhas gerais, e considerando o alto grau de complexidade histórica e teórica do movimento pedagógico escolanovista, nota-se a contribuição para o questionamento, não apenas do sistema de ensino tradicional, baseado no protagonismo do papel do professor, mas também das questões estruturais e políticas nas quais o país debatia, dentre elas, o processo de elaboração de um imaginário coletivo nacional, em que a educação seria um mecanismo de alcançar o ideário republicano, homogêneo e nacional, reivindicado, desde a sua origem, pelas elites históricas do republicanismo.

Como afirmado acima, a experiência do *Instituto* foi citada por Lourenço Filho (1963) como um “ensaio brasileiro no ensino secundário”:

[...] deu-se no Instituto Cruzeiro, na cidade do mesmo nome, Estado de São Paulo, sob a direção do Prof. Álvaro Neiva. Esse estabelecimento, com internato e externato, obedecia aos programas do padrão federal. Nele se desenvolveu, no entanto, um sistema de organização geral das atividades escolares sob forma de instituições as mais diversas - associações, centros, núcleos, academias, grêmios, cooperativas, fábricas, oficinas - e que substituíam, em seu funcionamento, a atividade das aulas de cada disciplina do programa oficial, e de outras, acrescidas. Havia,

assim, uma absorção completa do currículo escolar por atividades que se diriam, a primeira vista, extracurriculares (LOURENÇO FILHO, 1963, p.177-178).

Ao optarmos pelo exame do *Instituto Cruzeiro* e a sua proposta pedagógica, deveríamos considerar a relação dessa experiência com as realizações do movimento da Escola Nova em diferentes partes do mundo, notadamente Estados Unidos e Europa e, ainda, com as reformas educacionais da década de 1920 no Brasil, a partir do protagonismo de lideranças tais como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, dentre outros.

Na realidade brasileira, a memória consolidada de uma instituição ideal da Escola Nova seria as práticas dos conceitos como: gratuidade, autonomia, democracia e a laicização do ensino, conceitos estes construídos na memória da história da educação brasileira, por meio da atuação e o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, no mesmo ano da fundação do *Instituto Cruzeiro*. Saviani (2010) levanta esse questionamento referente à obra de Lourenço Filho:

Registra que no ensino particular aconteceram muitos ensaios adaptando aos sistemas de Montessori e Decroly e se detém um pouco em dois desses ensaios: no caso do ensino primário, a Escola Regional de Meriti, criado em 1923 por iniciativa de Armanda Álvaro Alberto e no ensino secundário, o Instituto Cruzeiro, de iniciativa de Álvaro Neiva, instalado na cidade de Cruzeiro no estado de São Paulo. Como ocorreu predominantemente na Europa, essas duas escolas foram instaladas por iniciativa particular, de forma isolada e a margem das redes públicas de ensino. É curioso que Lourenço Filho destaque exatamente o fato que o movimento da Escola Nova, como se explicou no “Manifesto”, teve em mira principalmente a reconstrução educacional dos sistemas públicos. (SAVIANI, 2010, p.202)

Desse modo, torna-se necessário uma melhor compreensão e análise sobre a filosofia e práticas pedagógicas vivenciados no *Instituto Cruzeiro* compreendendo como essas concepções educativas eram praticados nos âmbitos nacional e regional. Ao localizarmos fontes primárias relativas à história do *Instituto*, tornou-se necessária uma análise sobre a formação e itinerário do seu fundador, Álvaro Moitinho Neiva.

Essa percepção se tornou ainda evidente ao cursar a disciplina Leitores e Leituras da Educação Brasileira, ocasião em que foi possível a reflexão sobre as ideias e práticas de dois intelectuais ligados ao campo católico: o padre jesuíta Leonel Franca e Everardo Backheuser.

Nos primeiros passos da pesquisa, localizamos uma fonte primária central: um boletim produzido pelo *Instituto* denominado *Coleção Instituto Cruzeiro*. Os cinco volumes da coleção registram aspectos do cotidiano da escola, notadamente os eventos considerados nevrálgicos para Neiva e sua equipe. Destacam-se as visitas de Lourenço Filho e Alceu de Amoroso Lima, amplamente divulgadas pela imprensa local e as manifestações cívicas e religiosas promovidas pela instituição.

Por meio dessa fonte localizamos os mecanismos da efetivação de uma concepção religiosa do *Instituto*, não apenas pelo traço cultural e educacional da região do Vale do Paraíba, mas, principalmente, pela rede de sociabilidade em que Álvaro Moitinho Neiva se inseriu no período.

As pesquisas mapeadas sobre aspectos relativos à história da educação no Vale do Paraíba paulista, ressaltam a defesa, nas primeiras décadas do século XX, de uma sociedade em processo de modernização e de propostas educacionais alternativas, algumas no âmbito da rede privada, com destaque às instituições confessionais, em especial as católicas. Poderíamos, de início, afirmar que o *Instituto* estava inserido nesse cenário característico da região.

As fontes pesquisadas indicaram que a escola de Álvaro Moitinho Neiva tinha a preocupação de transmitir aos seus alunos, além de uma nova proposta pedagógica, uma base de formação religiosa, partindo do lema “Educação para a Vida”, inspirado em Dom Bosco, fundador da Ordem Salesiana e eleito padroeiro da instituição:

Demos a essa instituição o patrocínio de Dom Bosco, o grande educador que encheu de sua glória e de sua bondade o século passado, devotando-se, como nenhum outro na história da pedagogia, a formação da mocidade em moldes santamente ativistas (FEDERICI, *In*.REVISTA COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO,1935,p.5).

Esta é a temática que nos interessa aprofundar e compreender: de que forma o ideário escolanovista foi apreendida pela experiência institucional liderada por Álvaro

Neiva, na cidade de Cruzeiro. Para tanto, elegemos como objeto de análise a institucionalização filosófica e pedagógica do Instituto Cruzeiro bem como seu cotidiano pedagógico sem deixar também de privilegiar sua trajetória de formação e as redes de sociabilidade teórica e profissional que estabeleceu no período em que protagonizou a iniciativa de criar uma escola que pudesse levar a efeito os princípios da Escola Nova articulados com o ideário católico, marca da região em tela.

Para tanto, além de trabalharmos com os diferentes contextos de penetração da Escola Nova no Brasil, valerá uma incursão sobre os aspectos peculiares da cultura e da realidade do Vale do Paraíba paulista, *locus* da formação de Álvaro Moitinho Neiva e de sua experiência profissional. Nota-se, de pronto, a ausência de pesquisas sobre essa instituição em pauta, bem como a análise da trajetória do seu idealizador. Além das fontes primárias, outras secundárias foram muito importantes, principalmente para compreender os aspectos díspares e complexos do movimento da Escola Nova no Brasil.

As análises de fontes secundárias, especialmente teses e dissertações relativas à temática escolhida, foram de extrema importância para se localizar histórica e socialmente as experiências pedagógicas de várias escolas experimentais que foram construídas em uma época em que a educação era concebida como um agente da construção da nova identidade social brasileira.

Para Sgarbi (1997) as disputas protagonizadas pelo escolanovismo católico evidenciando que a produção historiográfica, tem subestimado a intervenção dos católicos na configuração e difusão da pedagogia da Escola Nova no Brasil, nos anos iniciais da década de 1930. Seguindo essa lógica, tornou-se relevante reconstituir aspectos da trajetória de Álvaro Moitinho Neiva, anterior a criação do *Instituto*.

Em especial, a década de 1920 e 1930 foi um período intenso de debates e disputas em vários âmbitos da esfera pública brasileira, e no campo da educação não foi diferente. A educação se tornou um elemento essencial para a tentativa da construção da identidade nacional. Segundo Stranky (2008) a educação começou a ser pensada como um problema social que precisaria ser solucionado; fazia-se então necessário a construção de uma identidade, e para isso a escola introduziria os ideais e princípios da modernidade que estava em processo.

As iniciativas promovidas por intelectuais e “técnicos da educação” não se restringia apenas no ensino público, mas a propagação de vários ensaios principalmente com o intuito de experimentação de novos conceitos e métodos da Escola Nova. Segundo Lourenço Filho (1978), uma das instituições que contribuíram para a difusão de novos métodos e ensaios, foi a Associação Brasileira de Educação fundada em 1924, que por meio de reuniões e congressos regionais discutiam sobre o papel social das instituições escolares. Porém as discussões educacionais além das associações e o Estado também outra grande instituição até então responsável pelas iniciativas particulares começaram a rearmar e intervir na questão educacional: a Igreja Católica.

Essa intervenção se concretizou pelo fortalecimento da participação de leigos católicos nos quadros de atuação na Associação Brasileira de Educação, como identificou Carvalho (1998) nas instituições escolares públicas e particulares e posteriormente várias associações de natureza específica de formação católica, a exemplo da Associação Fluminense dos Professores Católicos, como sinalizou Sgarbi (1997).

Já no final da década de 1920, os debates ideológicos acirraram-se. Neste período, inaugura-se uma nova conjuntura política e social com a Revolução de 1930 iniciando o Governo Provisório de Getúlio Vargas, demarcando novos territórios e divergências ideológicas em todos os campos da esfera pública.

Com Vargas à frente do Governo Provisório, foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública. O primeiro ministro foi Francisco Campos, “[...] que promovera a reforma escolanovista de Minas Gerais em 1927, mas era católico e antiliberal [...]” (HILSDORF, 2005, p.94). O catolicismo, até então detentor do monopólio educacional, sofreu as consequências com a laicização que se instaurou na sociedade brasileira, por meio do movimento liberal e que ganhou destaque no cenário nacional. A separação entre Igreja e Estado ensejou algumas medidas com as quais as autoridades eclesiásticas buscaram recuperar a força da instituição católica. Tal processo introduziu no Brasil o movimento de romanização a fim de unificar os católicos e traçar diretrizes consoantes com o espírito romano. Como analisou Cury (1978) esta foi à tônica básica das encíclicas papais de Pio X e Leão XIII. Essa unificação resultou, entre outras coisas, em uma proposta de solidificação da moral católica que por muito tempo vivenciou privilégios e poder em todos os âmbitos da vida pública.

A estratégia adotada pela Igreja diante desse quadro foi a de estabelecer uma reforma pelo alto. A educação adquiriu a fertilidade do solo apropriado para plantar os ideais, os valores e a moral católica.

Neste cenário, especialmente, destacou-se a atuação do padre jesuíta Leonel Franca, defensor da uma educação particular confessional e a regulamentação do ensino religioso nas escolas públicas; a Igreja cria mecanismos de aproximação com a intelectualidade leiga, que foi fortemente marcado pela sua militância moral e educacional na concretização da revista *A Ordem*.

Destaca-se, na educação da Era Vargas, a luta ideológica entre, principalmente, os movimentos de natureza liberal e os católicos. Os estudos realizados sobre a década de 1930 foram fortemente demarcados pela ideia de polaridades de debates intensos por duas ideologias, “de um lado os liberais que seriam os escolanovistas, principalmente os signatários do manifesto pela Escola Nova em 1932, e por outro um grupo coeso e homogêneo de católicos” (CURY, 1978, p. 11). De outra perspectiva, Sgarbi (1997), aponta a existência de um chamado “escolanovismo católico”, em que os métodos da Escola Nova foram adaptados aos valores do catolicismo, sob a liderança de Alceu Amoroso Lima e de outros intelectuais ligados ao campo católico.

A leitura antagônica do movimento educacional do período foi desmistificada pelos trabalhos de Carvalho (1998) e Sgarbi (1997) ao evidenciarem a postura ideológica dos grupos participantes da Associação Brasileira de Educação (ABE), composta, em sua maioria, de católicos atuantes.

Apesar de propagação e conciliação de várias formas de concepções e práticas da Escola Nova na educação brasileira, ao pesquisar o *Instituto* percebemos a importância de analisar novas experiências pedagógicas que foram realizadas e detectar “novos” sujeitos históricos que foram atuantes no âmbito nacional e regional.

Em analogia a esses “novos” sujeitos históricos que também atuaram de maneira expressiva para a consolidação de ideários e práticas nas instituições escolares, Neiva propôs fundar e experimentar os métodos da Escola Nova no âmbito do ensino secundário. Ao realizar uma experiência da Escola Nova neste segmento de ensino, propôs uma

renovação do ensino tradicional desta modalidade que tinha como objetivo central a preparação humanística e formalista para o ensino superior.

Diante disso, a análise da trajetória de Álvaro Moitinho Neiva, no interior desse cenário nacional, de engajamento educacional, possibilita a investigação de como essa proposta ganhou corpo na região do Vale do Paraíba paulista, considerando suas particularidades regionais.

Trata-se de investigar o processo histórico da instalação dessa escola. Para tanto, faz-se necessário investigar os atores desse processo, preferencialmente seu fundador. Pretendeu-se com esta pesquisa caracterizar sua trajetória intelectual e a experiência educativa numa instituição que, segundo as fontes primárias consultadas, estava “à frente de seu tempo”. Localizada em uma região de forte tradição católica, a instituição trouxe para a cidade um “otimismo cultural”, como descreve a imprensa local no período.

Os esforços do Dr. Álvaro Neiva, diretor do Instituto, merecem os maiores aplausos, porque resultaram numa casa de ensino à altura de que Cruzeiro necessitava. Para outro número prometemos longa reportagem sobre este estabelecimento de ensino secundário: mostrando o que de fato ele representa para a vida intelectual da nossa cidade (O MOMENTO, 5 de fevereiro de 1933, p.8).

O objetivo geral desta pesquisa é contribuir para a História e a Historiografia da Educação Brasileira, produzindo o conhecimento sobre a institucionalização e a prática pedagógica intitulada Escola Ativa Direta concomitante à trajetória intelectual, no caso específico, de um educador do Vale do Paraíba que se propôs uma atuação a favor da proposta pedagógica escolanovista nessa região. Com esse propósito, procuramos caracterizar o pertencimento social dos antecedentes e dos posteriores na trajetória desses sujeitos históricos e a rede de sociabilidade que constituíram dentro da instituição escolar em foco. Essa argumentação nos leva a questionar os seguintes elementos: Como iniciou o processo da fundação da instituição na cidade de Cruzeiro, no Vale do Paraíba? Quais foram seus atores históricos, seus intelectuais que realizaram este projeto institucional? Quais foram às propostas pedagógicas e curriculares para a efetivação de sua proposta pedagógica? Quais estratégias políticas e pedagógicas foram acionadas para a instalação de uma escola experimental escolanovista e seu impacto na região?

O procedimento de pesquisa tem uma abordagem histórica sobre a constituição da trajetória intelectual de um sujeito e sua intervenção nos espaços e na instituição escolar, e como se deu a atuação dos sujeitos que atuaram nesse ambiente. Para tanto, a pesquisa analisará os antecedentes da instituição, ou seja, os motivos históricos que levaram a seu surgimento, e sua dinâmica interna, bem como a experiência educativa da historiografia regional. Sendo assim, a pesquisa analisará os atuantes intelectuais e a sua contribuição para a instituição escolar na qual está inserida dentro de um contexto em processo.

As fontes ou documentos são requisitos fundamentais para a produção e sistematização do conhecimento histórico. O trabalho de levantamento, catalogação, identificação e interpretação das fontes são elementos constituintes da pesquisa histórica e representam o alicerce para a preservação da memória histórica. Dessa forma, a compreensão do conhecimento acumulado historicamente e da própria História são condições indispensáveis tanto para a produção de novos conhecimentos, quanto para evitar a sua mera reprodução. Cabe, portanto, ao pesquisador a tarefa de localizar tal conhecimento e sua historicidade, selecioná-los e interrogá-los. Como afirma Ragazzini,

A fonte é uma construção do pesquisador, isto é, um reconhecimento que se constitui em uma denominação e em uma atribuição de sentido; é uma parte da operação historiográfica. Por outro lado, a fonte é o único contato possível com o passado que permite formas de verificação. Está inscrita em uma operação teórica produzida no presente, relacionada a projetos interpretativos que visam confirmar, contestar ou aprofundar o conhecimento histórico acumulado. A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada. A fonte é uma ponte, um veículo, uma testemunha, um lugar de verificação, um elemento capaz de propiciar conhecimentos acertados sobre o passado (RAGAZZINI, 2001, p. 14).

O fruto de uma pesquisa bibliográfica referente ao período estudado, o pesquisador estará embasado para prosseguir no levantamento da documentação, na análise e na interpretação de suas fontes. Ele “já pode cotejar informações, justapor documentos, relacionar texto e contexto, estabelecer constantes, identificar mudanças e permanências e produzir um trabalho de História” (BACELLAR, 2005, p. 71). Todos testemunham as ações dos homens no tempo e, portanto, esses testemunhos podem ser usados na produção do conhecimento. Cabe ao pesquisador selecioná-los e fazer as correlações que forem necessárias. Mas é preciso ir além. Segundo Bacellar, ao iniciar a pesquisa documental, é

preciso conhecer a fundo, ou pelo menos da melhor maneira possível, a história daquela peça documental que se tem em mãos. Sob quais condições aquele documento foi redigido? Com que propósito? Por quem? Essas perguntas são básicas e primárias na pesquisa documental, mas surpreende que muitos ainda deixem de lado tais preocupações. Contextualizar o documento que se coleta é fundamental para o ofício do historiador (BACELAR, 2005, p. 63).

É o caso da imprensa, por exemplo. Luca (2005) chama a atenção sobre a importância dos jornais para a possibilidade do estudo de outros eixos temáticos que proporcionaram a variação e ampliação das abordagens historiográficas. Esse alargamento do campo de pesquisa ocorreu graças à capacidade dos impressos de reunir em suas páginas diversos espaços, ou seja, editorias variadas de representação social. Esta fonte tem propiciado não apenas o alargamento da análise do historiador, mas principalmente a possibilidade de verificar e conhecer, dentre outros, as transformações das práticas culturais, os comportamentos sociais de uma referida época, as manifestações ideológicas de certos grupos, a representação de determinadas classes e a visibilidade dos gêneros.

A dimensão representativa da imprensa, ou seja, sua legitimação em representar os acontecimentos ocorridos na sociedade, assim como de reconstruir os fenômenos culturais e os estereótipos sociais, faz dos jornais um potencializador e guardador de memórias locais ou mesmo nacionais.

Os jornais analisados são datados nos anos de 1932 a 1944. Dentre eles, destacam-se: *O Momento*, *Folha de Cruzeiro* e *O Cruzeiroense*. Os jornais locais são pertinentes para mapear e problematizar a atuação de Neiva, principalmente a rede de sociabilidade em interação com o processo modernizador que a cidade de Cruzeiro estava em processo. Luca (2005) discute a relação dos periódicos como fonte histórica e seus desdobramentos.

Quando analisamos um jornal impresso temos que tomar vários cuidados, um deles diz respeito à fonte de informação: “sua tiragem, área de difusão, relações com instituições, grupos econômicos e financeiros, aspectos que continuavam negligenciados seja pelos historiadores que recorriam à imprensa, seja pelos que se dedicavam a escrever sua história (LUCA, 2005, p.116).

Além dos periódicos locais, outra fonte pesquisada foi o livro *Educação Moral e Cívica e as Instituições Extraclases*, publicado em 1972 por Álvaro Neiva. Neste momento, o autor era vice-presidente da Comissão de Educação Moral e Cívica. Essa obra mesmo sendo produzida durante a Ditadura Militar com fins pedagógicos de difundir a contribuição da educação moral e cívica para as escolas brasileiras, relata a sua experiência como fundador do *Instituto* e a metodologia da Escola Ativa Direta.

Para a compreensão da trajetória de Álvaro Neiva, emprestamos de Sirinelli (2003) o conceito de “intelectual”, relacionado a outras categorias conexas, tais como: itinerário, geração e sociabilidade. Ressalvas feitas a cada uma delas, o autor mostra que são importantes para o estudo de um grupo de intelectuais, como, por exemplo, aqueles que se constituem em componentes de uma revista, “pequeno mundo estreito” no qual são atados os laços humanos, as sociabilidades intelectuais. Segundo ele, constituem-se:

Ao mesmo tempo em que um observador de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são, aliás, um lugar precioso para a análise do movimento das ideias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão (SIRINELLI, 2003, p. 249).

Dessa forma, procuraremos compreender os intelectuais de forma múltipla, em seus diversos espaços de atuação, e como agentes dentro de um meio cultural e político específico, no qual encontraram espaços para suas produções intelectuais e políticas. Seguindo ainda a análise da categoria dos intelectuais, Álvaro Neiva pode, segundo a acepção de Bobbio (1997) ao caracterizar as diversas funções do intelectual, ser considerado um “agente da cultura”, por fundar uma instituição escolar que estimulava a produção literária e cultural da cidade de Cruzeiro.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro apresenta a trajetória e o itinerário do educador Álvaro Moitinho Neiva e seus primeiros anos de formação, principalmente suas relações de formação de natureza católica, que influenciou a consolidação de uma instituição com essa característica. A introdução dos valores salesianos em sua metodologia educativa não é o único indício de sua atuação religiosa. Os documentos encontrados, como os jornais cariocas e os jornais da cidade de Cruzeiro, evidenciaram sua participação em movimentos dos professores católicos, como a

Associação Fluminense de Professores Católicos, liderada por Everardo Bachkheuser, constatando um itinerário de natureza católica que se consolidou na formação pedagógica na instituição em que foi fundador.

No segundo capítulo são apresentados os elementos que exerceram influência na criação *do Instituto* e a proposta pedagógica do seu fundador e sua relação com a intelectualidade católica.

Por fim, o terceiro capítulo aborda aspectos da organização curricular da escola de Álvaro Neiva, notadamente suas “instituições extraclasses” que, segundo seu fundador, realizou o projeto da “Escola Ativa Direta”, categoria pedagógica defendida pelo autor da proposta como a solução para o ensino secundário brasileiro.

CAPÍTULO 1. A TRAJETÓRIA DE ÁLVARO MOITINHO NEIVA

Esta seção tem por objetivo analisar a trajetória de formação e a rede de sociabilidade constituída por Álvaro Moitinho Neiva no período anterior à criação do *Instituto*. Parte-se do pressuposto que o itinerário de formação acadêmica e sua atuação profissional e política foram decisivas na consolidação deste projeto educacional na cidade de Cruzeiro.

1.1 Infância e formação acadêmica

Álvaro Moitinho Neiva nasceu no dia 5 de janeiro de 1905, na cidade do Rio de Janeiro. Era sobrinho do médico Artur Neiva, que trabalhou com Oswaldo Cruz no combate à erradicação da febre amarela e malária³. Sua família era composta por homens proeminentes na política, como seu avô, engenheiro e comendador João Augusto Neiva, deputado baiano e atuante na questão ferroviária no estado do Espírito Santo e Minas Gerais.

Ainda criança, veio residir na cidade de Redenção da Serra⁴, em razão da transferência do pai, João Augusto Neiva Junior, que assumiu a direção da rede de telegrafia, designado para instalar a estação da linha telegráfica de Taubaté a Salesópolis. Em 1918, seu pai elegeu-se vereador numa cidade próxima, Jambeiro.

Neste período, o vale do Paraíba paulista, em dinâmica transformação, consolidava-se como uma região de destaque, colhendo os frutos advindos da construção, no final do século XIX, da rede ferroviária, como destaca Costa (1999):

³ Artur Neiva nasceu em Salvador no dia 22 de março de 1880. Na capital baiana, fez os primeiros estudos no Colégio São Salvador e frequentou a Faculdade de Medicina até o segundo ano. Transferiu-se, em seguida, para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, onde concluiu o curso de medicina em 1903. Discípulo de Oswaldo Cruz, em 1906, passou a trabalhar no Instituto Soroterápico, no Rio, dirigido por esse cientista. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br>. Acesso em 20 set. 2013.

⁴ Redenção da Serra localiza-se entre as cidades de Taubaté, Jambeiro e São Luís do Paraitinga. Foi elevada à categoria de município em 08 de maio de 1877.

A inauguração da Estrada de Ferro, em 1877, foi responsável por alterações na vida da cidade proporcionando abertura para um incremento comercial criando necessidades, possibilitando o contato com um mundo mais urbanizado, com novos hábitos culturais trazendo novos ares, ares da modernidade, temida pelo estilo patriarcal dos senhores das fazendas de café. A estrada de ferro por sua vez, além de contribuir para o desenvolvimento do mercado interno, estimulando indiretamente a urbanização, fez nascerem cidades e mataram outras. Facilitando as comunicações, a ferrovia permitiu aos fazendeiros transferirem suas residências para os centros mais importantes, reduzindo a importância grandes cidades (COSTA, 1999, p.256).

Álvaro Neiva concluiu a escola primária na cidade de Paraibuna, mas desde a infância participou de apresentações de eventos literários nas escolas reunidas de Redenção da Serra. Em 1918, matriculou-se no internato do ginásio São Joaquim, na cidade de Lorena, formando-se, posteriormente, bacharel em Ciências e Letras.⁵

O ginásio São Joaquim integrava a plêiade de instituições que acolhiam em seus internatos os filhos da elite cafeeira e dos setores médios urbanos em ascensão no Vale do Paraíba e sul de Minas Gerais. Segundo Azzi (1983) os internatos ministravam a formação secundária, equiparada aos seminários católicos. Grande parte desses internatos estava sob a responsabilidade de instituições particulares e confessionais. O Ginásio São Joaquim era uma dessas escolas. Tornou, com o tempo, referência de internato masculino na região.

A formação de Álvaro Neiva, foi decididamente marcada pela influência desta formação. Nesse sentido, vale frisar alguns elementos que caracterizaram esta instituição. A pesquisa de Borges (2008) auxilia nessa caracterização. Para o autor, o São Joaquim de Lorena, como ficou popularmente conhecido, foi fundado em 1890 como a terceira casa salesiana do Brasil.

Destaca, em sua pesquisa, a história de sua fundação e a aplicabilidade do método educativo de seu fundador. Para ele, “D. Bosco considerava o internato o modelo ideal para a execução de sua prática educativa, o “observatório”. Este contemplava o desejo de que os alunos ficassem reclusos sob a influência diária pedagógico-moral exclusiva dos padres e funcionários da instituição” (BORGES, 2008, p. 29). O ginásio obedecia a esses preceitos idealizados por Dom Bosco e sistematizados em regulamento:

⁵ Cf. *Jornal Correio Paulistano*, 15 de dezembro de 1914, p. 7.

[...] escrito pelo próprio Dom Bosco entre os anos de 1852 e 1854, que possuía como intenção dar homogeneidade de formação pedagógica, de ação missionária, de postura moral por parte dos padres e alunos, organizar social-político e economicamente a vida interna das Casas de Ensino da mesma Congregação (BORGES, 2008 p. 30).

Santos (2000), que estuda as particularidades dos internatos salesianos, analisou as primeiras propostas educativas desses colégios. Num primeiro momento, seus objetivos eram o de educar meninos pobres para o trabalho e para os princípios e valores da fé cristã. Porém, na prática, de acordo com as pesquisas de Borges (2008), as matrículas destinaram-se aos filhos da classe média, filhos de pequenos e médios proprietários do Vale do Paraíba e a região sul do estado de Minas Gerais.

O cotidiano do ensino salesiano, e em específico o Colégio São Joaquim, segundo Borges (2008), era administrado por uma rígida disciplina, controle do tempo e o ordenamento das regras como parte do sistema preventivo, a organização dos ambientes de formação e o convívio e o respeito pelos símbolos religiosos. Um exemplo dessa prática encontrava-se no pórtico de entrada da escola: uma imagem de Dom Bosco era, diariamente, reverenciada pelos alunos, pela manhã e à noite.

No período que frequentou o colégio São Joaquim, Álvaro Moitinho Neiva recebeu instruções e orientações dos padres salesianos, com destaque a Luis Marcigaglia⁶, que assumiu a direção da escola no dia 16 de março de 1921, no ano anterior à conclusão do seu curso de bacharel em Ciências e Letras. A ligação com esse prelado rendeu a Neiva, posteriormente, sua iniciação como professor de Instrução Moral e Cívica, na cidade de Niterói.

Ao longo de sua trajetória, é possível aventarmos que o carisma salesiano influenciou decididamente a formação de Álvaro Neiva, pois suas iniciativas foram marcadas por essa tradição, em especial sua atuação na *Associação Fluminense de Professores Católicos* (Niterói, RJ) e sua participação como fundador e diretor do *Instituto*, atuação analisada nos próximos itens.

⁶ Segundo informações recolhidas no *site* da instituição, Luis Marcigaglia foi figura de destaque na Congregação Salesiana, tendo sido Diretor dos Colégios Salesianos de Lorena, Niterói, Rio de Janeiro (do qual foi fundador), do Liceu C. de Jesus (por 13 anos), das Escolas Profissionais D. Bosco e Vigário da Paróquia de N. S. Auxiliadora, em S. Paulo. Era um «literato» e um «enciclopédico», pois, além de educador, era escritor, poeta, compositor pianista e organista. Faleceu em São Paulo no dia 29 de novembro de 1959, aos 76 anos de idade. Disponível em: <http://www.missaosalesiana.org.br/falecidos.php?id=269>. Acesso em: 17 out. 2013.

1.2 Álvaro Moitinho Neiva no Rio de Janeiro

Após se formar em Ciências e Letras, Álvaro Neiva retornou à cidade do Rio de Janeiro. Em 1925, ingressou na Faculdade de Direito, bacharelando-se no ano de 1928. E, em 1928, bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro⁷. Nesse período, Álvaro Neiva filiou-se ao Partido da Mocidade. O jornal *Correio da Manhã*, periódico carioca, anunciou o convite aos interessados:

[...] o partido da mocidade é organizado em grupos. O grupo é a célula do partido. O ingresso no partido não se faz isoladamente, faz-se por grupos. E conveniente que se faça grupos homogêneos e coesos. Somos pequeninos e empreitamos uma grande obra e precisamos de ajuda enérgica da imprensa (CORREIO DA MANHÃ, 20 jan. 1926, p.8).

Poucos estudos analisaram a fundação e as motivações do Partido da Mocidade, principalmente aos que se referiam aos novos partidos elitistas e conservadores juvenis. De acordo com os jornais da década de 1920, a juventude formada pelos alunos da Faculdade de Direito era a classe propícia para a consolidação partidária elitista com propostas cívicas e organicistas. Karepovs (2011) discute sobre as associações da juventude brasileira da década de 1920, como Internacional da Juventude Comunista (IJC) e Federação da Juventude Comunista do Brasil (FCFJ) e, dentro deste contexto da juventude esquerdista e comunista da década, destaca o contraponto desses movimentos, enfatizando as organizações de caráter conservador da época.

[...] há também a percepção de que a juventude da época ultrapassava as fronteiras da esquerda, pois o Partido da Mocidade surgiu como expressão, de um lado, da consciência de determinados setores da elite política brasileira da exaustão da chamada “política dos governadores” e, de outro, da necessidade de uma “renovação” para que não se corresse os riscos de uma brusca interrupção de seu predomínio (KAREPOVS, 2011, p.23).

⁷ Cf. *Jornal do Brasil*, 15 de março de 1928.

Plínio Mello⁸, político brasileiro que, na década de 1920, se envolveu nas questões partidárias juvenis, argumentou que “o partido era constituído de jovens da Faculdade de Direito”. Defendia um programa muito próximo ao do Partido Democrático. O Partido da Mocidade não chegou a ter candidatos, nem participou de eleições. Participou de uma campanha do voto secreto, pela moralização dos costumes políticos. Não tinha maiores perspectivas, e seus objetivos não se identificavam com a aspiração da mocidade da época. A plataforma do partido baseava-se em um programa de ação social, em elevar o nível moral da sociedade por meio de campanhas em prol da educação social, higiênica, a favor do voto secreto e contra o alcoolismo.

Assim como várias associações com objetivos sociais e educativas, o Partido da Mocidade pretendia uma análise da república em processo e a retomada dos ideais dos republicanos históricos. Tal programa, expresso em seu manifesto, e retomando ideais do manifesto republicano de 1870, previa “purificação das práticas políticas nas esferas representativas”, despertar a “consciência cívica dos cidadãos”, favorecer e nacionalizar o ensino, “virilizar o povo e sanear a terra”, justiça ao alcance de todos, “organização das classes conservadoras e proletárias”, criação de caixas de aposentadoria e pensão para todos trabalhadores, proteção do cooperativismo e aproximação com os países da América Latina.⁹

Diante destas considerações sobre aspectos preliminares da formação e itinerário de Neiva, Sirinelli (2010) apresenta uma observação pertinente sobre o que ele denomina “redes de sociabilidade dos intelectuais”, apresentando uma problematização: “como as ideias vêm aos intelectuais?”

Neste sentido, como pesquisar a trajetória, o itinerário e rede de sociabilidade um intelectual conservador e tradicional? Para Sirinelli, uma certa visão do intelectual

⁸ Informações adicionais sobre Plínio Mello, consultar a entrevista concedida, em 2008, para Maria Eugênia Boaventura, professora titular de Literatura Brasileira da Universidade de Campinas. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~boaventu/page9b.htm>. Acesso em: 20 de setembro de 2013.

⁹ Para melhor compreensão do tema, consultar o artigo ‘A Nação’ e a Juventude Comunista do Brasil. In: *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth*, UNICAMP, v. 17, n. 29, 2010. Disponível em: http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/viewFile/179/179. Acesso em: 23 out. 2013.

definido por sua função crítica corre o risco de desembocar na observação segundo a qual “o conceito de intelectual de direita é contraditório em sua própria essência”. Deste modo, qual seria a essência e as motivações de sua prática como intelectual em um período de heterogeneidades de aspirações e debates políticos? Para Sirinelli:

esse intelectual que aparentemente só sente desprezo por sua corporação e que se proibia teoricamente, de assumir qualquer papel enquanto intelectual, frequentemente militava, na verdade, em organizações de alto teor cultural e não hesitava em terçar armas com a esquerda no debate cívico (SIRINELLI, 2010, p. 256).

Sirinelli (2010) desperta o questionamento na observação de itinerários políticos para obter “mapas mais precisos” sobre o engajamento dos intelectuais, não uma biografia, mas trabalhar com a trajetória dos intelectuais de diversas matizes ideológicas dentro de uma representação social e como estes intelectuais exerceram influência na cultura e na política. Outro conceito pertinente neste caso, ao analisar a trajetória Álvaro Neiva, é compreender a estrutura de sua rede de sociabilidade para conceber suas escolhas e propostas educacionais na sociedade da qual era atuante.

Bobbio (1996) ainda reflete que nem todos os intelectuais e sujeitos atuantes tem uma preocupação de engajamento na esfera política e partidária da vida pública, assim como Álvaro Moitinho Neiva, sua trajetória de formação e fundação de uma instituição escolar, tinha como intuito a divulgação de princípios cívicos e religiosos, ou seja, um agente de cultura. E sobre esse enquadramento, Bobbio cita Croce ao definir:

Força não-política, quer dizer, para Croce, força-moral. Aqui está a missão do homem de cultura: aqui está, diria, a sua política. Na medida em que defende e alimenta valores morais, ninguém pode acusá-lo de ser escravo das paixões partidárias. Porém, ao mesmo tempo, na medida em que adquire consciência bem clara de que estes valores não podem ser desconsiderados por nenhuma república sua obra de artista e poeta, de filósofo e de crítico, torna-se eficaz na sociedade da qual é cidadão. Faça-se, pois, o homem de cultura, conscientemente, sem reservas nem falsos temores, portador dessa força não-política: não será nem traidor nem inutilizador (BOBBIO, 1996, p.23).

Na conjuntura de atuação de indivíduos, intelectuais e sujeitos, percebemos nestas primeiras décadas do século XX, período em que proliferaram vários movimentos e associações que procuravam definir novos rumos civilizatórios, em uma sociedade que os grupos, tanto católicos, liberais e antagônicos declaravam um mundo em crise.

Álvaro Neiva atuou como profissional da imprensa¹⁰. O Jornal *O Paiz e a Gazeta de Notícias* publicaram em suas páginas vários artigos de sua autoria, dentre eles de conteúdo religioso e psicológico¹¹. Em 1923 associou-se ao *Círculo da Imprensa*, que como outras associações do período, tinham objetivos de caráter social e a organização cooperativa de interesses ideológicos¹².

Dentro dessa atmosfera de debates e disputas ideológicas caracterizados pelas décadas de 1920 a 1930, principalmente no que se refere ao campo educacional, Álvaro Neiva, definiu sua postura ideológica e doutrinária. Os jornais cariocas descrevem o Padre Marcigaglia participando das festividades e atos cívicos do colégio, tendo Álvaro Neiva como seu secretário. As evidências sugerem que Padre Marcigaglia desempenhou um papel relevante na trajetória de Neiva, primeiro sendo diretor no período de sua formação como bacharel e, posteriormente, despertando seu interesse na docência. Em 1923, Álvaro Neiva se tornou o primeiro professor de Instrução Moral e Cívica, no Colégio Salesiano Santa Rosa, na cidade de Niterói.

Álvaro Moitinho Neiva (1972), em sua obra *Educação Moral e Cívica e as Instituições Extraclases*, descreve sua experiência como professor de Instrução Moral e

¹⁰ Alguns dos artigos de Neiva na imprensa carioca: “Da volubilidade de Kismet - o Senhor dos Destinos” e “Stabat Mater”, que recita a união da Igreja sobre a morte e a proteção de Nossa Senhora. Cf. *O Paiz*, 03 de outubro de 1923, p.5; *Gazeta de Notícias*, 30 de março de 1924, p. 7.

¹¹ O jornal *O Paiz* era considerado pró-governista no período da República Velha, fechado após a Revolução de 1930. Já o *Gazeta de Notícias*, foi fundado no período imperial tendo como diferencial um espaço para a literatura e debates de temas nacionais. Grandes nomes da literatura escreveram em suas páginas, como Machado de Assis, Olavo Bilac, José do Patrocínio, dentre outros.

¹² Em 1923, associou-se ao Círculo de Imprensa. De acordo com os jornais consultados, era uma associação que reunia jornalistas no âmbito da América Latina. Foi fundada no Rio de Janeiro no dia 10 de junho de 1922, conforme o *Jornal do Brasil*.

Cívica como o primeiro passo da criação do que denominava “pedagogia da Escola Ativa Direta”¹³. Assim Neiva expressou-se décadas após a experiência de Cruzeiro:

Todas essas referências, feitas no único propósito de ressaltar quanto um sistema brasileiro de educação ativista, cuja ideia-chave é a vivência da Educação Moral e Cívica através de instituições extraclasse, repercutiu favoravelmente na alma de nossa gente, devem ser particularmente gratas aos nossos antigos alunos do Colégio Salesiano Santa Rosa, da década de 20, aos quais ministramos nosso primeiro curso de Instrução Moral e Cívica (não Educação Moral e Cívica), que marcou a gênese ideativa da Escola Ativa Direta, depois apenas entrevista em nosso Colégio Guanabara¹⁴, que funcionou em Niterói de 1930 a 1932, mas só estruturada definitivamente na experiência do Instituto Cruzeiro (NEIVA, 1972, p. 134).

Em 1932, inaugurou em Cruzeiro o *Instituto* de acordo com uma publicação específica desse órgão¹⁵. A criação dessa escola pode estar relacionada ao próprio itinerário acadêmico e de formação intelectual de seu protagonista. Na capital do país e em Niterói, Neiva dedicou-se a participar, como veremos, em movimentos políticos e culturais de base nacionalista, cívica e católica.

1.3 Neiva e a Constituição de uma rede de sociabilidade entre intelectuais católicos no Rio de Janeiro

A militância de Álvaro Moitinho Neiva junto aos setores católicos intensificou-se no final da década de 1920, por meio, principalmente, de sua inserção na *Associação Fluminense de Professores Católicos*, na cidade de Niterói, sob a liderança de Everardo Backheuser. Neiva assumiu a primeira secretaria do órgão. A *Associação* foi fundada no dia

¹³ Escola Ativa Direta foi um conceito elaborado por Álvaro Neiva para designar a sua experiência pedagógica no *Instituto* entre os anos de 1932 e 1944. Para Lourenço Filho estava relacionado a uma “escola voltada para o trabalho”, de acordo com a revista *Coleção Instituto Cruzeiro*, vol. V, 1943.

¹⁴ O Colégio Guanabara foi fundado pelo professor João Brazil, na cidade de Niterói. De acordo com Neiva (1972), o colégio funcionou apenas dois anos. Não foram localizadas outras informações sobre sua história.

¹⁵ Revista intitulada *Coleção Instituto Cruzeiro*, boletim de autoria de Álvaro Moitinho Neiva e os alunos da escola. Destacamos a centralidade da referida fonte para esta pesquisa. Nela encontramos uma série de informações sobre os princípios, objetivos e realizações do *Instituto*.

20 de dezembro de 1928, sob as bênçãos episcopais de D. José Pereira Alves, à época, bispo de Niterói. O evento foi divulgado pela imprensa:

Aprovamos os Estatutos da Associação Fluminense de Professores Católicos e permitimos que a nossa Diocese seja a dita associação fundada para a restauração dos direitos de Nosso Senhor Jesus Cristo na educação do povo e para a orientação católica do magistério. Abençoamos os novos apóstolos desta grande obra pedagógica, cujos frutos antevemos abundantemente de profunda eficiência restauradora de nossa sociedade minada por um terrível verme de desintegração intelectual e religiosa (JORNAL DO BRASIL, 19 de dezembro de 1928, p.9).

A Associação Brasileira de Educação (ABE), na década de 1920, tornou-se referência nos debates sobre questões relativas à política, às metodologias de ensino, bem como a outras experiências escolares. Os grupos católicos não ficaram isentos do debate, ao contrário, participaram ativamente. Sgarbi (1997) descreve, em linhas gerais, esse panorama:

Uma vez feitos estes longos esclarecimentos, voltemos à organização dos católicos no campo educacional. Ligando os fatos expostos com o nascimento da Confederação Católica Brasileira de Educação, corre-se o risco de pensar, diante de tudo que foi exposto, que os católicos começaram a se organizar só depois de saírem da ABE. Acreditamos que os fatos acima relatados fizeram com que os católicos acelerassem seu processo organizativo, que já vinha acontecendo, e não que o iniciassem somente a partir destes fatos. Pois, mesmo militando dentro da ABE, os professores católicos não deixaram de lado a organização de suas bases (SGARBI, 1997, p.25).

Segundo Bachkeuser (*apud* Sgarbi, 1997 p. 25), as primeiras associações de professores católicos começaram a surgir a partir de 1928, quando Bachkeuser proferiu uma Conferência na Catedral de Niterói que tinha como tema “A influência da Escola”, por ocasião da “Semana do Chefe da Família”. Nesta conferência, Bachkeuser fez um apelo para que os católicos “cerrassem fileiras em torno da Igreja”. Como consequência do apelo nasceu, alguns dias depois, a *Associação Fluminense de Professores Católicos*. (SGARBI, 1997, p.25).

A *Associação* sistematizou em estatuto seus objetivos. Seus membros possuíam a clareza da atuação do órgão, expressa em suas palavras:

[...] sob a especial proteção de Santa Ricarda, está reservada a missão presidencial de proclamar o Reino de Cristo na Escola e no Lar. [...] A associação terá tantos grupos filiados, quando os que, fora de Niterói, se fundarem nos municípios do Estado do Rio de Janeiro.

Intensificar entre os seus membros a fé e a prática do catolicismo o que preceita a Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana;

Praticar um apostolado católico-social junto as pessoas sobre as quais possam ser seus membros direta ou indiretamente exercer influência;

Promover o estudo de questões pedagógicas procurando orienta-las pelas boas regras da doutrina cristã;

Defender, quando se tornar preciso, o magistério e o ensino sempre, porém, dentro do espírito de justiça e de respeito as leis do país. Para pertencer à associação é preciso:

Ser católico, apostólico, romano;

Procurar pautar sua vida segundo os princípios da religião católica;

Ter exercido ou exercer o magistério em qualquer dos seus graus;

Comprometer-se a cumprir os seguintes estatutos. Desde que qualquer dessas expedições não seja cumprida, dar-se a exclusão da pessoa mediante a direção da Diretoria, ouvida pelo Revmo. Sr. Assistente Eclesiástico (JORNAL DO BRASIL, 19 de dezembro de 1928, p.9).

Além das diretrizes e métodos pedagógicos, a Associação fazia o apelo à sua luta principal regido pelos clérigos e leigos católicos, que era o retorno do ensino religioso nas escolas públicas e a liberdade do ensino confessional nas escolas particulares.

O jornal carioca *A Noite*, na edição do dia 3 de setembro de 1930, divulgou, de maneira enfática, a iniciativa do grupo católico, apelando ao professorado e às famílias católicas a importância do ensino religioso nas escolas brasileiras.

O glorioso pontífice reinante escreve que a ninguém se permite ficar inativos quando a religião ou o bem da pátria está em jogo. Quem sabe medir responsabilidades vê que um grave encargo onera, agora, a consciência e a atividade do professorado católico e da família brasileira. [...] A nossa família é católica, respeitamos, com acatamento, os poucos lares nacionais que não o são, mas a nossa formação, a nossa história, a nossa vida, permitem a afirmação serena que a família católica é exceção e

que outra qualquer religião é, entre nós, triste exotismo. [...] À Nossa Senhora Aparecida Padroeira do Brasil testemunhamos publicamente o nosso amor filial e grato, pois, o Decreto foi publicado no primeiro dia do mês mariano, que é também o mês da sua festa. A Diretoria. Dr. Everardo Backheuser; presidente João Brasil, vice presidente, Dr. Álvaro Moitinho Neiva, primeiro secretário, Maria da Glória Valente, segunda secretária; Olga Wood, tesoureira, Maria Regina Rangel, bibliotecária, Padre Conrado Jacarandá, assistente eclesiástico (A NOITE, 3 de setembro de 1930, p.9).

Dado a expansão e maturidade da associação de Niterói, no Distrito Federal e outros estados sob a liderança de Bachkeuser, por meio da aglutinação das associações, surgiu o primeiro Congresso. O primeiro congresso da *Associação* foi noticiado pela imprensa carioca:

Graças a feliz iniciativa da Associação Fluminense de Professores Católicos sob a proteção de Santa Ricarda, será realizado no dia dezanove do mês de outubro, em Niterói, o 1º Congresso Fluminense de Professores Católicos. O programa que é interessante, já tem a aprovação de D. José Pereira Alves, bispo diocesano de Niterói. Esse programa tem por fim o estudo dos problemas relativo ao conteúdo do catolicismo para o desenvolvimento do ensino em geral e, particularmente da instrução religiosa, moral e cívica.

[...] As Teses deverão versar os seguintes assuntos: a) o ensino moral leigo e o ensino moral religioso; b) a religião, a escola ativa e a pedagogia social; c) como aliviar as dificuldades opostas ao ensino religioso nas escolas; d) a metodologia do catecismo; e) deveres da escola e do lar na educação moral das crianças; f) a educação psíquica e a educação espiritual; g) o ensino das ciências em face da religião; h) o ensino das artes e o catolicismo; i) a confecção de obras didáticas, de literatura e linguagem e a religião; j) a disciplina escolar em face da religião; k) origens católicas do ensino no Brasil e o papel do catolicismo na formação do caráter do povo brasileiro. São presidentes de honra do Congresso: D. José Pereira Alves, D. Henrique Mourão, D. Guilherme Muller e D. André Cavalcanti, respectivamente bispos de Niterói, Campos, Barra do Pirai e Valença; Srs. Manoel Duarte, Álvaro Rocha e José Duarte, respectivamente presidente, secretário do Interior e de Instrução do Estado do Rio, e Castro Guimarães Prefeito de Niterói. A mesa diretora ficou assim constituída: Dr. Everardo Backeuser, presidente; Álvaro Moitinho Neiva, Secretário geral; Maria Natalina Arce, Primeira Secretária; Maria da Gloria Valente, Segunda Secretária, e Padre Conrado Jacarandá, Consultor geral do Congresso (O PAÍZ, 24 de setembro de 1930, p.7).

O conteúdo expressa que as questões relativas à Escola Nova e seus métodos eram debatidas pelos grupos católicos que, estrategicamente, preconizavam a apropriação filosófica e pedagógica desse movimento educacional. Outro exemplo deu-se pela

publicação de obras específicas de autores envolvidos no processo. Backheuser era um deles. O seu *Manual da Pedagogia Moderna*, com edições diversas, materializava o interesse destes grupos em atingir o professorado:

O aparecimento concomitante de tantas doutrinas e teorias sobre a Escola Nova importou na quase balburdia dos espíritos. O professorado ficou atordoado. Ávido de conhecimentos, ansioso por saber afinal “o que era afinal a Escola Nova”, o magistério, procurava ouvir outros oradores que pareciam com credenciais de profetas da Nova Ideia, mas saía em geral das salas de conferência ainda mais confuso, pois a palestra de hoje contradizia a de ontem e seria demolida pela amanhã. E todos eram defensores da Escola Nova (BACHKEUSER, 1948, p.20).

Backheuser evidenciava as contradições no próprio movimento da Escola Nova como conceito, método e a sua filosofia de educação. Porém, percebeu a necessidade de adequar essa nova pedagogia aos princípios católicos em voga. Apesar de consolidar um conceito de polaridades entre liberais e católicos, Cury (1978) também analisa a questão entre a filosofia pedagógica e o método da escola ativa. Ele salienta que não há oposição entre a escola ativa e a pedagogia religiosa, destacando a atuação de Alceu Amoroso Lima, que no início de sua militância política religiosa era contrário à filosofia da Escola Nova, compreendeu que, historicamente, a escola ativa poderia conciliar-se com a pedagogia e a doutrina cristã. Aliás, o próprio *Instituto*, que Neiva fundou em Cruzeiro, comprovou esta afirmativa, como veremos mais adiante.

Deste modo, percebemos que a atuação de Álvaro Neiva foi fortemente influenciada pela harmonização dos conceitos da Escola Nova e a pedagogia católica e o *Instituto* que, embora não tenha sido fundado por representantes hierárquicos da Igreja ou congregações religiosas, consolidou-se por meio de uma vivência dos valores católicos, tendo como referência a pedagogia do padroeiro da congregação dos padres salesianos, Dom Bosco.

Álvaro Neiva fundou o *Instituto Cruzeiro* no dia 15 de fevereiro de 1932. Para compreendermos a dinâmica desse evento, optamos em caracterizar aspectos relacionados às circunstâncias históricas da cidade de Cruzeiro, localizada no Vale do Paraíba paulista, com o intuito de verificar as possíveis conexões entre escola e cidade, perspectiva adotada no segundo capítulo.

CAPÍTULO 2. O INSTITUTO CRUZEIRO NA CIDADE DE CRUZEIRO

O segundo capítulo desta dissertação analisa as possíveis conexões entre o itinerário de formação e atuação política de Álvaro Moitinho Neiva e a criação do *Instituto* na cidade de Cruzeiro¹⁶, no Vale do Paraíba paulista. Uma instituição de ensino que, segundo os boletins produzidos pela própria escola, constituiu uma experiência inovadora, pautada nos princípios da escola ativa direta, segundo termos utilizados por seu fundador.

Segundo Balassiano (2010, p.66), “analisar uma instituição escolar coloca como imperativo situá-la no tempo e no espaço, assumindo, portanto, a condição de olhar para uma série de variantes que se relacionam entre si”. Assim, propomos, inicialmente, apresentar o *Instituto* no tempo e no espaço de sua criação, procurando perceber suas variantes históricas, políticas e sociais.

Duas perspectivas balizam a análise que se segue: o *Instituto* foi alicerçado por meio da iniciativa direta de seu fundador e sob a influência de uma rede de intelectuais e militantes católicos dos quais o próprio Neiva fazia parte, desde a década de 1920. De outro lado, a escola e sua institucionalização devem ser entendidas a partir das características históricas e sociológicas do Vale do Paraíba paulista, particularmente da cidade de Cruzeiro, local escolhido por Álvaro Moitinho Neiva para efetivar o seu projeto institucional.

¹⁶ A cidade de Cruzeiro localiza-se na zona norte do Vale do Paraíba paulista. Segundo SILVA (1970 p.150-151), se tornou município em 2 de outubro de 1901. Anterior a essa data, a cidade de Cruzeiro era chamada de Vila de Nossa Senhora da Conceição de Cruzeiro. Essa vila fazia parte do território do Hepacaré, a atual cidade de Lorena. Segundo Guimarães (1951), a cidade de Cruzeiro é fruto da chegada de ferrovias no país, a Estrada de Ferro D. Pedro II e, posteriormente, a Estrada de Ferro Rio and Minas, que trouxe um novo estímulo econômico à região, sendo o alento criador da cidade.

2.1. A fundação do *Instituto Cruzeiro* e a memória do educador Álvaro Moitinho Neiva

A criação do *Instituto* está relacionada a algumas motivações que podem explicar o evento em tela. Destacam-se a singularidade dos métodos pedagógicos aplicados e a rede de sociabilidade em que o educador Álvaro Neiva atuava naquele contexto histórico.

A imprensa de Cruzeiro veiculou a inauguração do *Instituto* nestes termos:

Inaugurado sob as auspicias da nossa melhor sociedade em 15 de fevereiro último, é dirigido pelo Sr. Dr. Álvaro Moitinho Neiva, seu proprietário.

Está instalado à rua Dr. Jorge Tibiriçá, 89, com tudo necessário ao seu completo funcionamento, não obstante achar-se ainda em organização. Criou, o Dr. Neiva, afeiçoado aos ensinamentos salesianos, vários cursos no Instituto Cruzeiro: - o infantil, o primário, o de admissão, o secundário, o comercial e o livre, sob as formas de internatos, semiexternato e externato.

E o seu sistema educativo é imaginado por D. Bosco, combinados com os ideais de Baden Powell, numa feliz fusão dos princípios da educação salesiana com os do escotismo. O Instituto possui grande número de aparelhos didáticos, destacando-se a biblioteca, laboratórios de física e química, aparelhos de ginástica e um bom montado de museu de história natural (O CRUZEIRENSE, 19 de junho de 1932, p.3).

O *Instituto*, como foi anunciado, era uma escola particular. Possuía instalações para um internato masculino e para externato de ambos os sexos, desdobrando-se em jardim da infância, escola primária, curso de admissão e ginásio. Uma escola de instrução militar anexa completava o seu complexo.

A escola, no momento de sua criação, foi caracterizada e divulgada nos jornais da cidade como uma instituição de ensino fundamentada nos princípios do catolicismo, na filosofia e métodos da escola ativa direta e no tradicional escotismo. A partir dessa caracterização veiculada pela mídia impressa local, algumas problematizações podem ser levantadas: pode-se afirmar, categoricamente, acerca de um protagonismo de Neiva? Outros atores foram mobilizados em torno dessa iniciativa? Como a cidade reagiu diante da novidade imposta naquele momento histórico?

A propósito, não se pretende idealizar o passado, prática frequente encontrada nos discursos laudatórios divulgados no período, por meio, por exemplo, da imprensa local. Porém, uma instituição com métodos escolanovistas possuir em seus quadros fundadores com um perfil católico é um indício importante do protagonismo do professor Álvaro Neiva no empreendimento.

A atuação do professor Neiva tornou-se referência na cidade. Apresentando a instituição, o jornal *O Momento*, no dia 23 de março de 1933, deu ênfase à sua oficialização, anunciando que, na cidade, seria inaugurada uma escola que poderia satisfazer as necessidades educacionais da região:

Em recente decreto, o Sr Ministro da Educação acaba de oficializar o Instituto Cruzeiro, concedendo-lhe regalias da instituição prévia. Esse passo dado pelo mesmo estabelecimento é de grande importância para Cruzeiro, pois de ora, em diante, os nossos estudantes não têm mais necessidade de irem a outras cidades buscar seu diploma de bacharel. Aqui mesmo poderão consegui-lo, gozando de todas as regalias de que gozam os que possuem por outros estabelecimentos sob o regime da inspeção federal (O MOMENTO, 23 de março de 1933, p.3).

Os memorialistas da cidade produziram uma imagem positiva de Álvaro Moitinho Neiva. Sua atuação como fundador e sua direção em um colégio que educava os filhos das elites cruzeirenses o caracterizam como um intelectual da cidade:

Os esforços do Dr. Álvaro Neiva, diretor do Instituto, merecem os maiores aplausos, porque resultaram numa casa de ensino à altura que Cruzeiro necessitava. Para outro número prometemos longa reportagem sobre esse estabelecimento de ensino secundário: mostrando que de fato ele representa para a vida intelectual de nossa cidade (O MOMENTO, 23 de março de 1933, p.5).

Nessa atmosfera de mudanças, as notícias das primeiras páginas dos jornais da cidade destacavam a moderna pedagogia, associada à figura do educador, ou seja, o êxito do *Instituto* se consolidava pelas suas características pessoais e de sua atuação junto à juventude cruzeirense. Uma juventude que precisava de disciplina e seu pretendido método era anunciado como antídoto às mazelas morais e educacionais, como demonstra uma citação de um jornalista após uma visita à instituição. Sua interpretação explícita a

expectativa que marcava a cidade naquele momento em torno do projeto de educação da juventude da região:

O Sr. Álvaro Moitinho Neiva possui uma fina sensibilidade de educador moderno, já pela aplicação do jugo suave para controlar o estouvamento bravio, próprio das inteligências fogosas que começam a desabrochar, o período da adolescência, concepção em processo de análise pela psicologia, o que é bom indício na primeira e segunda infâncias; já pelo conhecimento psicológico dá sugestão à memória visual desses pequenos diamantes brutos entregues a suas competência de artífice burilador. O Dr. Neiva encontra motivos em tudo para despertar nos seus educandos um sadio e formoso civismo ao sentimento de pátria e de família que é secundado, com a mesma galhardia, pela sua exma. esposa, exemplos de virtude e abnegações que as alunas herdarão para construir o patrimônio moral da mulher brasileira (O MOMENTO, 4 de junho de 1933, p.1).

Os jornais locais explicitavam a atuação do educador Neiva e o *Instituto* como componentes do progresso cultural que a elite da cidade aspirava. No dia 03 de março de 1933, o jornal *O Momento* anunciou que:

Ao regressarmos daquele templo de ensino, trazíamos a alma cheia de contentamento e não sabíamos que mais admirar, se o desdobramento de esforços para doar à cidade com um estabelecimento à sua altura, se a capacidade de organização e de educador que é o espírito dinâmico do Dr. Álvaro Moitinho Neiva. De homens como esse, Cruzeiro precisa aos centos para subir, vertiginosamente, na escola do progresso cultural, a que faz jus, como guardião do norte deste grande Estado. Saímos francamente menos pessimistas do nosso futuro, diante da convicção otimista daquele educador, em cujo espírito transparente, que se irradia através de sua palavra quente, sincera e boa, podemos ler todo o idealismo de um educador que crê no futuro de nossa pátria pela educação salutar e sabe conduzir aos que se lhe acercam para o caminho desse idealismo. Cruzeiro tem sabido corresponder ao esforço honesto do honrado administrador não lhe poupando aplausos à gigantesca obra a que se entregou (O MOMENTO, 03 de março de 1933).

Anos mais tarde, no dia 16 de dezembro de 1962, o jornal carioca *Diário de Notícias* relatou uma grande festa na cidade de Cruzeiro. Foi realizada uma homenagem ao professor Álvaro Neiva, organizada pelos seus ex-alunos. De acordo com esse jornal, após 25 anos, Álvaro Neiva se tornou cidadão cruzeirense, tendo como paraninfo da celebração

o professor Pedro Calmon¹⁷ que, impossibilitado de ir a Cruzeiro, lhe enviou ao amigo uma mensagem de congratulações pela sua inovação pedagógica ao criar o sistema da escola ativa direta.

Nos dias atuais, o memorialista e fotógrafo da cidade de Cruzeiro, Pedro Gussen, publicou um poema de sua autoria, uma homenagem do centenário do nascimento do professor Álvaro Neiva. Este verso foi publicado no dia 5 de janeiro de 2005, na Revista *Ave-Maria*¹⁸, em que Gussen descreve a homenagem ao seu amigo da qual participou ativamente das festividades do *Instituto*:

Álvaro Neiva

Por Pedro Gussen¹⁹

Moderno Pestalozzi Brasileiro,
 Titã da Educação Universal,
 Para nós foste rútilo luzeiro
 Que norteou nossa rota cultural
 Qual D. Bosco, vós foste o romeiro
 Que inovou a instrução fundamental
 Livrando-o de rançoso cativoiro
 Com vosso gênio nobre e magistral
 Pelo Trabalho e para a Pátria Amada
 Gerações educaste na escalada do Saber, do Civismo e Perfeição
 Nosso Instituto, Mestre, vive ainda e, em nossos corações tem luz
 infinita.
 Nutrida por imensa gratidão.

¹⁷ Pedro Calmon Muniz de Bittencourt nasceu em Amargosa (BA), no dia 23 de dezembro de 1902. Bacharelou-se em Direito em 1924. Ainda em 1922, transferiu-se da Bahia para o Rio de Janeiro a fim de secretariar a Comissão Promotora dos Congressos do Centenário da Independência. Na ocasião trabalhou também na imprensa como redator. Em 1927, foi eleito deputado estadual pela legenda do Partido Republicano da Bahia, cargo que ocupou até 1937. Em 1934 tornou-se livre-docente da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Retornando à vida com a reconstitucionalização do país, elegeu-se deputado federal pela Bahia, na legenda da Concentração Autonomista. Em abril de 1936, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando a cadeira nº 16. As relações de amizade entre Pedro Calmon e Álvaro Neiva, provavelmente deve-se a questões familiares, pois o avô de Álvaro Neiva, João Augusto Neiva, era baiano e deputado federal no mesmo período que Calmon. A homenagem à Neiva foi organizada na ocasião em que Calmon ocupava o Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: <www.cdpedoc.org.br>. Acesso em: 02 jan. 2014.

¹⁸ A revista *Ave Maria* foi publicada pela primeira vez em 1898, com apenas 04 páginas e 300 exemplares, a princípio. Criada por leigos, a revista passou para a administração dos missionários claretianos um ano após a sua primeira edição. Disponível em: <http://www.avemaria.com.br/pagTexto/revista-ave-maria> Acesso em: 20 jan. 2014.

¹⁹ Pedro Gussen muito conhecido entre os cruzeirenses, foi memorialista, poeta e fotógrafo.

Por meio dessas observações percebemos como o professor Álvaro Neiva, ao criar uma instituição escolar, também participou do processo de mudanças, de convergências e divergências que a cidade estava vivenciando. Mas o que melhor exemplifica a memória que consolidou na cidade foi o relato do memorialista e ex-aluno do *Instituto*, José Guimarães, que bacharelou-se em 1940, no curso de guarda-livros²⁰. Descreve como o educador permaneceu na memória dos seus alunos e na cidade. Nesse sentido, a sua memória como educador e fundador evidenciou a sua participação como um importante elemento na sociedade cruzeirense:

Ao que sei Dr. Neiva só retornou a Cruzeiro numa rápida visita por somente uma vez. Procurou-me e por um desencontro lamentável não conseguimos encontrar. De alguma forma porém ficou no meu imaginário a sua figura imponente, sempre vestido de terno azul marinho, camisa branca, gravata discreta, barba rigorosamente aparada, óculos de grossas lentes proveniente de uma miopia, personalidade envolvente. Recordo-me com carinho e dorida saudade da sua fala mansa e da sua irretocável linguagem. Neste dia soube de seu falecimento ocorrido na então capital federal e de como isso me afetou... (GUIMARÃES, s/d, p.117).

Os depoimentos memorialísticos expressam a marca que Neiva imprimiu na cidade de Cruzeiro, por meio de sua ação no *Instituto*, laboratório para a consolidação de um projeto pessoal, porém impactado pelo debate que determinado grupo de educadores formalizou nas décadas de 1920 e 1930, particularmente aquele influenciado pelas demandas católicas no campo da educação escolar.

2.2 A proposta do fundador e a cidade de Cruzeiro nas décadas de 1930 e 1940

Três anos após a inauguração do *Instituto*, Neiva procedeu, a seu modo, a uma primeira avaliação do empreendimento institucional e o fez por meio de um boletim produzido pela própria escola denominado *Coleção Instituto Cruzeiro*. Para ele, a escola já havia realizado alguns dos seus objetivos centrais: um laboratório para “testar” sua experiência e a relação com o meio. Assim destacou:

²⁰ O *Instituto* formava bacharéis em Ciências e Letras e Guarda-Livros, função correspondente ao que hoje denominamos técnico na área de contabilidade.

O Instituto Cruzeiro já nasceu com roteiro definido. Tipo caracterizado de “escola laboratório”, vem sendo, desde sua fundação, um cadinho de experimentação educacional. [...] Porque o Instituto Cruzeiro desejou mais um elo que o ligasse ao seu meio, numa demonstração do seu interesse pelas ressonâncias, cada vez mais intensas (FEDERICI, In: REVISTA *COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO*, 1935,p.2).

As fontes primárias consultadas não indicam explicitamente os motivos que levaram Neiva a criar na cidade de Cruzeiro o *Instituto*. Porém, elas sinalizam que sua proposta filosófica e metodológica de educação estava em consonância com os princípios e métodos da assim chamada Escola Nova. Lourenço Filho, como já explicitado, identificou a instituição. Por sua vez, a aproximação de Neiva com o paradigma católico-salesiano nos fornece pistas sobre a intencionalidade implícita do projeto.

Duas fontes primárias são indicativas nesse sentido: a coleção, já citada, do *Instituto* e uma obra publicada por Neiva anos depois da sua experiência com o Instituto: o livro *Educação Moral e Cívica e as Instituições Extraclases*. Ambas as fontes indicam a correspondência direta da experiência de Cruzeiro com o movimento escotista, de Baden Powell, e o “Sistema Preventivo”, do patrono da congregação salesiana.

Álvaro Moitinho Neiva, no livro citado, assim destacou o “sistema” criado por Dom Bosco:

O Sistema Preventivo, como é conhecida a escola de educação que criou, baseado na doçura e na participação do mestre na vida do discípulo, “colocando-o na impossibilidade de cometer faltas”, deve ser compreendido mais como fórmula do modo de prender-se o educador junto do educando, do que mesmo um plano de princípios e normas pedagógicas. Convicto de que só a bondade educa, o sistema procura desenvolver as faculdades afetivas do educando, transferindo-lhe o sentido do dever pela continuidade das boas práticas (NEIVA, 1972, p.24).

De acordo com Neiva, a prática educativa do *Instituto* foi adequada aos valores cristãos aliados aos valores cívicos, para a formação do “bom cidadão”, destacando a importância da figura de Baden Powell e as regras criadas pelo movimento do escotismo:

Baden Powell, iniciador do movimento, tem um posto de honra na galeria dos grandes educadores e o código que propôs aos moços é, a um tempo, programa de disciplina e de dignidade humana. Eis a Lei Escoteira:1. O Escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais do que a sua própria

vida. 2. O Escoteiro é leal. 3. O Escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e praticar diariamente uma boa ação. 4. O Escoteiro é amigo de todos os irmãos escoteiros. 5. O Escoteiro é cortês. 6. O Escoteiro é bom para os animais e as plantas. 7. O Escoteiro é obediente e disciplinado. 8. O Escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades. 9. O Escoteiro é econômico e respeita o bem alheio. 10. O Escoteiro é limpo de corpo e alma (NEIVA, 1972, p.34).

A experiência educativa, por meio de princípios e metodologias cívicas, constituiu-se na metodologia de Baden Powell, ou o escotismo.

Nery (2008) analisou os embates educacionais das primeiras décadas do século XX e destacou a atuação do escotismo, em 1916, nas escolas públicas brasileiras, no ano em que Oscar Thompson assumiu a Diretoria Geral da Instrução Pública de São Paulo. Segundo a autora, o movimento escotista tinha por objetivo congregar os sentimentos patrióticos de todas as classes sociais. Podemos aproximar a análise de Nery (2008) com a de Carvalho (1998), que analisa as décadas de 1910 e 1920 como aquelas da redefinição da escola segundo o paradigma da fábrica, convocando a sociedade brasileira a abraçar um projeto de moralização por meio da escola, que constrói ideias de nação, higiene e a organização da vida social e do trabalho.

Na região do Vale do Paraíba paulista, o escotismo, em sua concepção e prática, foi bem recepcionado. Segundo o *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo* de 1930 e 1936, na delegacia de ensino de Guaratinguetá, o professor José de Castro Pinto então diretor do primeiro Grupo Escolar na cidade de Piquete era o responsável pelas atividades cívicas nas escolas públicas primárias da região. Já no *Instituto*, as práticas cívicas e excursões eram realizadas por meio da instituição *Duque de Caxias*. Suas manifestações cívicas eram noticiadas nos jornais cariocas como o *Correio da Noite* de 1943, pelas notas do setor educação, elogios ao grupo de escoteiros do *Instituto*, pelo então inspetor federal Dr. Reis Perdigão.

A singularidade das práticas cívicas desenvolvidas pelo Instituto se articularam com um aspecto religioso predominante, como destaca a *Coleção Instituto Cruzeiro*. Senão vejamos:

Demos a essa instituição o patrocínio de Dom Bosco, o grande educador que encheu de sua glória e de sua bondade o século passado, devotando-

se, como nenhum outro na história da pedagogia, à formação da mocidade em moldes santamente ativistas (FEDERICI, Hilton. *Investigação Histórico-Geográfica sobre Cruzeiro*. In. Revista *Coleção Instituto Cruzeiro*, volume I, dezembro de 1935).

A partir das fontes consultadas, podemos inferir que a proposta salesiana praticada no *Instituto* ocorreu por duas questões principais: a trajetória católica do seu fundador e a influência cultural e educacional que os salesianos instituíram na região da zona norte do Vale do Paraíba paulista. As cidades vizinhas de Cruzeiro tanto Lorena, como Guaratinguetá e Lavrinhas, desde o início do século XX, promoveram um processo de institucionalização de colégios salesianos. Como vimos na primeira parte desta dissertação, em 1890, na cidade de Lorena, foi criado o Ginásio São Joaquim, que contou com a ajuda assistencial do conde Moreira Lima. Em Guaratinguetá, por meio da ação do padre João Filippo, o Colégio Nossa Senhora do Carmo²¹, que atendia às filhas da elite da cidade e, em Lavrinhas, o Colégio São Manoel, que mantinha um projeto para Cruzeiro.

O memorialista Guimarães narra esse contexto:

Recordo-me que lá pelos idos de 1930 os padres salesianos da Ordem de Dom Bosco mantinham na cidade vizinha de Lavrinhas-SP o Colégio São Manoel [...] que, em regime de internato, frequentavam o ginásio e o curso colegial, findos os quais, os que apresentavam vocação sacerdotal eram encaminhados para outros estabelecimentos onde cursavam filosofia e teologia, sendo então ordenados padres.

Os professores eram todos sacerdotes e eles e os alunos seguiam os ditames da Ordem Salesiana fundada por Dom Bosco exclusivamente para a educação da juventude. Como se sabe Lavrinhas dista poucos quilômetros daqui, e por isso o Colégio mantinha um projeto para Cruzeiro, que ao longo dos anos acabou se efetivando. Institui-se um complexo educacional de grande porte, conhecido pela sigla INSA-Instituto Nossa Senhora Auxiliadora²² (GUIMARÃES, s/d, p. 27).

O próprio fundador do *Instituto* foi homenageado pelo Colégio São Joaquim. Por meio do jornal, o diretor do Colégio São Joaquim expressou seus sentimentos pelo convite para a participação na Academia José Anchieta instituição extraclasse do Instituto Cruzeiro

²¹ Borges (2008) e Silva (2001) pesquisaram instituições salesianas em cidades do Vale do Paraíba paulista que adotaram a pedagogia de D. Bosco como referência educativa: o Colégio Nossa Senhora do Carmo, na cidade de Guaratinguetá, e o Colégio São Joaquim, na cidade de Lorena, destacando a influência salesiana no aspecto educacional, político e cultural.

²² Segundo Guimarães (1951, p.111), o Oratório Festivo de Dom Bosco em Cruzeiro foi inaugurado em 1919 e, em 1927, a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora. A Escola Nossa Senhora Auxiliadora foi inaugurada em 1962 pelo padre Maurilio Tomanick, com apenas o curso primário.

[...] dia 5 deste, vésperas das significativas comemorações em Lorena, recebi da Academia “José de Anchieta”, instituição escolar do Instituto Cruzeiro, um amável convite para participar de uma sessão que aquela Academia faria realizar, em homenagem ao cincocentenário do Colégio São Joaquim... Meu coração ficou sensibilizado, repito, porque via atrás daquele expressivo convite a nobre figura do educador emérito, Dr. Álvaro Neiva, também ex-aluno daquele educandário. Isso bem mostra que os alunos do São Joaquim nunca se esquecem da casa que os educou (FOLHA DE CRUZEIRO, 15 de outubro de 1940, p.5).

Pode-se inferir que os salesianos, com seus empreendimentos educacionais na região norte do Vale do Paraíba paulista, estavam atentos à nova dinâmica de modernização causada pelas alterações sociais, econômicas e culturais oriundas da estrada de ferro. Costa (1999) define o processo urbanizador vivenciado no Brasil no final do século XIX e início do século XX e as consequências das cidades férreas. Lorena e Cruzeiro podem ser destacadas nesse processo:

A estrada de ferro, por sua vez, além de contribuir [...] para o desenvolvimento do mercado interno, estimulando diretamente a urbanização, fez nascer cidades e matou outras. Alguns núcleos promissores da fase anterior que ficaram a margem da rede ferroviária viram decair seu movimento, enquanto outros núcleos surgiram ao longo da ferrovia junto às estações (COSTA, 1999, p.255).

Algumas cidades do Vale do Paraíba paulista sofreram, nas primeiras décadas do século XX, uma progressiva descaracterização da vida rural e agrária. Monteiro Lobato, em sua obra *Cidades Mortas*, relaciona essa caracterização às cidades que entraram em declínio econômico após o período cafeeiro, pois dependiam exclusivamente da exportação e importação de produtos agrícolas. Para esse autor, após a crise do “ouro verde” tudo se tornou pretérito.

Cidades vale-paraibanas foram, aos poucos e cada uma a seu modo, abrindo-se aos ritmos modernizantes das duas primeiras décadas do século XX. Desse modo, enfatizamos a abordagem defendida por Costa (1999):

À medida que os fazendeiros se mudaram para os grandes centros, cresceu a tendência em promover melhoramentos urbanos. Aumentou o interesse pelas diversões públicas, a construção de hotéis, jardins e

passeios públicos, teatros e cafés. Melhorou o sistema de calçamento, iluminação e abastecimento de água. Aperfeiçoaram-se os transportes urbanos. O comércio urbano ganhou novas dimensões, bem como o artesanato e a manufatura (COSTA, 1999, p. 256).

Esse foi o cenário que, nas primeiras décadas do século XX, impactou Cruzeiro e motivou Neiva a esboçar um projeto de uma escola experimental na cidade. Alguns exemplos dessa aproximação podem ser elencados: o Teatro Capitólio, modelo de esplendor da arquitetura europeia, que servia de palco para as apresentações artísticas e culturais, principalmente as solenidades das formaturas do *Instituto* e a Escola Normal, era de estilo eclético, com decoração inspirada no famoso teatro italiano Scala, de Milão. Salas de cinema, dentre elas o Cine D’Luxo, defronte à matriz de Santa Cecília, o Cine Teatro Odeon, inaugurado em 1923, na mesma avenida, em frente ao Jardim Público, o Cine Teatro Glória e o Cine Teatro Capitólio, inaugurado em setembro de 1930, localizado na principal rua da cidade. Silva (1970) descreve a existência, na cidade, de várias livrarias, sociedades literárias e uma orquestra sinfônica.

A circulação de jornais era outro exemplo da dinâmica cultural estabelecida naqueles tempos da estrada de ferro, caminho que ligava dois eixos econômicos do período, Rio de Janeiro e São Paulo. *O Momento*, *Folha de Cruzeiro* e *O Cruzeirense* eram os veículos que anunciavam as notícias, as propagandas, as novidades dos grandes centros, as atividades culturais (peças, filmes etc) e os embates políticos locais.

O jornal *O Momento* foi inaugurado em 1933, um ano após a fundação do *Instituto*, e foi um periódico que tinha o objetivo de propiciar um espaço de luta dos ferroviários da Estrada Sul de Minas. Importante ressaltar que o jornal em questão noticiou grande parte das informações sobre a atuação de Álvaro Neiva na cidade. Por meio desse veículo, infere-se que a maior parte da clientela do Instituto era do setor ferroviário. De acordo com Santos (2012), o fundador do jornal *O Momento* foi Durval Antônio Pereira, que nasceu no dia 05 de abril de 1895, na cidade de Cachoeira do Macacu, no estado do Rio de Janeiro. Realizou seus primeiros estudos no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, e escreveu na imprensa fluminense, paulista e sul mineira. Veio de uma família de ferroviários, e seu trabalho na linha férrea o fez conhecer a cidade de Cruzeiro, trabalhou na Estrada de Ferro Sul de Minas e, em 1933, estava aposentado por invalidez.

O jornal *O Cruzeiroense* foi fundado em 1905 pelo padre Ernesto Maria Fina, que teve papel central na consolidação da antiga vila Major Novaes, para a emancipação da cidade de Cruzeiro, em 1901. Ele era o pároco geral da primeira igreja e padroeira da cidade, Nossa Senhora da Conceição. O seu jornal era veiculado com informações relacionadas às manifestações culturais da cidade, as peças de teatro no Cine Teatro Capitólio e a artigos sobre educação, moral e universo feminino. Já o jornal *Folha de Cruzeiro* foi fundado por Eurico Pena e A. Vieira Cortez²³.

Santos (2012), que pesquisou Cruzeiro na década de 1930 sob a ótica dos operários ferroviários que trabalhavam na *Estrada de Ferro Rio and Minas*, problematiza o saudosismo considerado pelos memorialistas da cidade, como o período da Renascença Cruzeiroense. Diferente da florescência cultural e desenvolvimento, Santos identifica que:

A cidade construída pelos memorialistas não comporta as tensões sociais, vê-se um enfileirados de fatos, fotos e datas, que se pauta (cf.) numa concepção desenvolvimentista, indicando somente o esplendor dessa urbe. Não são pontuados os conflitos, o lixo e a falta de calçamento da cidade, os impostos altos, enfim não há problematização desse tipo “progresso” que assola a história da cidade de Cruzeiro, ela sempre é descrita como progressista, pioneira, culta, letrada e urbana, já que com luz elétrica desde 1913, água e esgoto, com escolas e teatros (SANTOS, 2012, p.33).

Apesar de Santos (2012) problematizar a escrita memorialística, não podemos deixar de considerar a preocupação das elites cruzeirenses em atuar no processo de modernização (mesmo que conservadora) da cidade, por meio da criação de espaços culturais, políticos e educacionais. As referências também estão registradas em alguns jornais, especialmente em razão da malha ferroviária e a sua privilegiada localização geográfica. No *Diário Nacional*, o redator assim destacou Cruzeiro: “Concluimos e precisamos convir que Cruzeiro é uma das cidades do norte do Estado mais progressista, de maior futuro” (DIÁRIO NACIONAL, 17 de abril de 1928, p.12).

²³ Os fundadores dos jornais foram localizados na obra: *Cruzeiro, Binômio Educação e Indústria*, (SILVA, 1970).

Além desses elementos, a presença de nomes preeminentes da cultura e da intelectualidade carioca, foi verificada no cotidiano da cidade no período da existência do *Instituto*. Representantes da rede em que Neiva participou nos tempos do Rio de Janeiro, composta, principalmente, do laicato católico, estiveram na cidade para conhecer a experiência do *Instituto*. Foi o caso de Alceu de Amoroso Lima, recebido por uma comitiva altamente eclética, composta por sujeitos representativos das forças católicas da cidade. Tristão de Athayde fora convidado para a “Semana Jesuítica”, realizada no ano de 1933. *O Cruzeiroense* não deixou de relatar:

Conforme noticiamos em nosso número passado, no domingo último, pelo rápido carioca, chegou a esta cidade, o insigne publicista e crítico literário Alceu Amoroso Lima. Recebido em Lavrinhas por uma comissão da LEC²⁴, composta dos Srs. Prof. João Lemos Soares, representantes das associações religiosas; Augusto Dantas, pelas classes ferroviárias; d. Maria Lage Bezerra, em nome das Associações Femininas; Antonio Moacir Vieira, secretário da LEC local e o Sr. Luiz de Sá Bezerra. A chegada em Cruzeiro revestiu-se de grande brilhantismo, dado a enorme afluência popular, orando nessa ocasião Dr. Álvaro Moitinho Neiva, que em eloquente improviso apresentou boas vindas ao ilustre visitante e sua comitiva (*O CRUZEIRENSE*, 26 de maio de 1933, p.4).

Estava também presente na recepção o diretor da *Estrada de Ferro Sul de Minas*, Dr. Benjamim de Oliveira. Amoroso Lima, que proferiu conferência sobre o voto feminino e o divórcio, temas polêmicos à época. O presidente da junta local da Liga Eleitoral Católica (LEC) ofereceu aos visitantes um passeio de trem à Serra da Mantiqueira. Um jantar foi servido aos convidados na sede da *Associação 12 de outubro*, local que concentrava os operários católicos e servia de posto de alistamento da LEC. Amoroso Lima retornou à cidade alguns anos mais tarde, em 1940, quando visitou novamente o *Instituto*, na condição de palestrante sobre o tema da herança educacional dos jesuítas, de acordo como foi vinculado no jornal *O Cruzeiroense* do dia 26 de maio de 1933.

A imprensa local, ao seu modo, divulgava as realizações do *Instituto*, especialmente as apropriações que a elite local fazia do projeto de Neiva: Senão vejamos:

²⁴ A Liga Eleitoral Católica de Cruzeiro foi fundada no ano de 1926. Era uma associação beneficente, educativa e recreativa, porém com a visita de Alceu Amoroso Lima, provavelmente sua função era além de beneficência. Era também espaço para futuros candidatos que representariam os valores da Igreja Católica na política pública brasileira.

Tivemos dia 11 deste o prazer de constatar a existência de um verdadeiro centro de cultura em nossa terra, trata-se da Academia José de Anchieta agremiação escolar, que funciona sob as dependências do já nosso tradicional e acreditado educandário Instituto Cruzeiro, que tem como Diretor o preclaro educador e sincero amigo de Cruzeiro, Dr. Álvaro Neiva. Fazem parte do corpo acadêmico daquela agremiação, dirigentes, professores, e alunos do estabelecimento, e são frequentadas as sessões, que se realizam todos os sábados das 19 horas às 20 horas, a todas as pessoas sem distinção, ligadas ou não ao estabelecimento, que admirem as ciências e as letras.

Achavam-se presentes, fora os acadêmicos que compõem aquela instituição, diversas figuras de destaque do nosso cenário social e intelectual como sejam: Dr. Olavo Ricardo de Souza, D. Juiz de Direito, Epaminondas Martins, Prof. Virgílio Antunes de Oliveira, Dr. Erico Novaes Ferreira, Dr. Eurico W. Carvalho, Dr. Camargo, Antonio Sellman, Prof. Abraão Benjamim, Prof. Amaral, Prof. José Santana de Castro e outros [...] é motivo de grande satisfação, na pessoa ilustre e culta do Dr. Flávio Torres, d.d. Promotor Público da Comarca, que atualmente rege, de maneira brilhante, a cadeira de Latim, no Instituto Cruzeiro.

[...] Feito Dr. Flávio Torres pediu a palavra, proferindo um memorável discurso, em que atestou sua satisfação em poder colaborar a Academia José de Anchieta e fez um substancioso panegírico em torno da figura tão grande de D. Pedro II, o imperador filósofo (FOLHA DE CRUZEIRO, 17 de maio de 1940, p.5).

Para Gussen (1986), Álvaro Neiva, por meio de sua escola e da instituição extraclasse denominada ‘Academia José de Anchieta’ “[...] muito concorreram para reavivar as atividades culturais” (GUSSEN, 1985, p. 31). Como noticiaram os jornais, a Academia estava aberta às pessoas públicas da cidade, propiciando um espaço para o debate cultural.

No âmbito educacional, a cidade de Cruzeiro, de acordo com a *Coleção Instituto Cruzeiro*, no ano da fundação do *Instituto*, não possuía nenhum colégio particular, exceto a Escola Normal Livre, inaugurada em 1928. O primeiro Grupo Escolar de Cruzeiro iniciou suas atividades no dia 10 de março de 1913, com 20 classes, totalizando 753 alunos. Vinte anos depois, inaugura-se o segundo grupo que aglutinou oito escolas reunidas. Essas eram, em geral, as circunstâncias educacionais que caracterizam a cidade. O *Instituto* foi criado para atender a uma demanda diferenciada de alunos, com internato e externato. Vale

destacar que Neiva mantinha uma escola de ensino primário noturna, que atendia gratuitamente meninas pobres, denominada Santa Zita²⁵.

O Momento divulgou em suas páginas informações relativas ao ingresso para futuros alunos no *Instituto Cruzeiro*, indicando os valores das prestações do colégio. A propaganda era direcionada aos jovens da cidade e da região, alertando que os preços eram “razoáveis e módicos”. Destaque ao direcionamento do jornal aos filhos dos ferroviários, clientela que o *Instituto* preconizava pra seus quadros:

Esse modelar estabelecimento de ensino local acaba de mandar imprimir e distribuir os Estatutos que regularão sua vida educacional de julho a dezembro do corrente ano. De sua leitura se conclui que aquela casa de educação é que os mais módicos preços oferece à sua clientela em toda a região abrangida pelo chamado norte de São Paulo, Sul de Minas e Sul fluminense. Para o internato suas pensões são as seguintes: no 2 semestre do corrente ano: curso primário – 600\$000; curso de admissão- ensino secundário (1,2, 3) 700\$000, (4,5)-750\$000. Essas pensões podem ser pagas em prestações mensais correspondentes a 115 das mesmas, em 2 vezes ou de uma vez só. Não se cobrará joias de matricula de alunos eu se matricularem em julho. Os preços para os semi-internos e externos são razoáveis, o que quer dizer que o ferroviário daqui ou de qualquer lugar, bem como os menos favorecidos da fortuna, poderão mandar educar seus filhos e parentes certos de que, além da competência do estabelecimento, não terão suas economias prejudicadas (O MOMENTO, 25 de julho de 1933, p.5).

O *Instituto* absorvia em seus quadros os filhos das elites da região do norte do estado de São Paulo, sul de Minas Gerais e norte fluminense. A cidade de Cruzeiro, estrategicamente localizada no eixo de ligação entre essas regiões, foi o palco escolhido por Neiva para atrair interessados à sua proposta educacional. Seu alvo, igualmente, eram os filhos dos ferroviários, apontando seu interesse em consolidar, na cidade, uma formação no campo do ensino profissional.

2.3 Cotidiano, manifestações e redes de sociabilidade

²⁵ Zita nasceu no povoado de Monsagrati, próximo a Luca, na Itália, no ano de 1218. Trabalhou durante trinta anos para famílias da nobreza feudal italiana. Foi canonizada, em 1696, pelo papa Inocêncio XII. O papa Pio XII a proclamou padroeira das empregadas domésticas. Disponível em: <<http://www.paulinas.org.br/diafeliz/?system=santo&id=199>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

A fundação do *Instituto* está relacionada, do ponto de vista da história da educação, ao período inicial do governo Vargas, época da gestão de Francisco Campos na pasta da Educação e Saúde Pública. O ensino secundário foi alvo das ações desse ministério:

[...] a finalidade do ensino secundário é, de fato, mais ampla do que se acostuma atribuir-lhe. Via de regra, o ensino secundário tem sido considerado entre nós como um simples instrumento de preparação dos candidatos ao ensino superior, desprezando-se, assim, a sua função eminentemente educativa que consiste, precisamente, no desenvolvimento das faculdades de apreciação, de juízo, de critério, essenciais, a todos os ramos da atividade humana, e, particularmente, no treino da inteligência em colocar os problemas nos seus termos exatos e procurar as soluções adequadas (CAMPOS, 1933, p.6).

Havia nesse período uma preocupação em relação ao ensino secundário que desempenhava o papel de “formar a personalidade integral do adolescente, desenvolvendo-lhe a consciência patriótica e humanista, propiciando-lhe a cultura geral, como base para estudos superiores” (ABREU, 2005, p. 40). Formar uma classe média inspirada em ideias liberais e pronta a agir como elemento assimilador na consolidação da democracia do país.

O curso ginásial correspondia ao primeiro ciclo do ensino secundário, destinado, principalmente, a suprir os anseios de uma classe média urbana em ascensão social, que almejava os estudos superiores. O currículo era permeado por uma cultura elitista, composta por disciplinas isoladas, fundamentadas em conteúdos enciclopédicos e desinteressados, demonstrando a distinção aristocrática entre trabalho manual e intelectual. Essa dualidade permeava a entrada dos alunos ao ensino secundário. A proposta do *Instituto*, porém, estava imbuída do ideal escolanovista, embora sendo particular e atendendo a uma parcela da sociedade cruzeirense. Não priorizava exclusivamente a preparação para o ingresso ao ensino superior. As atividades práticas eram voltadas para o trabalho, com o lema “Educa para o Brasil” e tinha como objetivo diminuir a distância entre o ensino humanístico e técnico. Nas páginas do principal veículo de divulgação do *Instituto*, o ensino secundário deveria sofrer uma radical alteração curricular:

[...] facultando-lhe vencer ainda mais vantajosamente este estágio de transição dum regime de simples preparação livresca aos cursos acadêmicos para um regime de finalidade específicas definidas, em que nossa juventude possa adquirir hábitos salutarres, que lhe permitam

participação esclarecida e eficiente na vida do país (NEIVA, *In*.COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO, 1943, p. 10).

No dia 1º de setembro de 1940, o jornal *Folha de Cruzeiro* relatou a recepção do professor Álvaro Neiva e seus alunos aos jornalistas e críticos literários, Jorge Salomão e Agripino Grieco. Os visitantes, acompanhados do promotor público da comarca, Flavio Torres, e do professor Abraão Benjamim estiveram na prefeitura municipal, e, ato contínuo, foram conhecer as instalações do *Instituto*:

Os Srs. Agripino Grieco²⁶ e Salomão Jorge foram recebidos pelo diretor do estabelecimento Álvaro Moitinho Neiva que aproveitou a oportunidade, apresentando aos seus alunos, o Sr Agripino Grieco como visita pela inteligência, pela sua expressão de cultura, que é uma das maiores do Brasil [...] Agripino Grieco dirigindo-se aos alunos, disse lhes o motivo de sua viagem, que era o de conhecer bem de perto, a imensa terra brasileira, tendo por isso rompido com os circulo vicioso das capitais, e se espaiando por este grande interior, na ânsia de aprender e conhecer. Afirmou sua admiração pelo Estado de São Paulo, que, ao contrário, do que quer se inculcar, não é somente o São Paulo mercantil, e também o São Paulo intelectual, onde, por toda parte, floresce um ginásio (FOLHA DE CRUZEIRO, 1º de setembro de 1940, p.5).

Monarcha (2009) descreve o panorama de intelectuais principalmente na década de 1920 interessados em conhecer o interior do país que, distante das capitais, poderia responder a um questionamento da elite da época ao tentar criar um sentimento da nacionalidade, a pergunta seria o “que é ser brasileiro”? Apesar de estarem os intelectuais Grieco e Jorge no contexto centralizador do governo getulista, essa pergunta resultou em várias expedições pelo país. Nesse mesmo dia da recepção dos dois intelectuais ao *Instituto*, o jornalista Salomão Jorge destaca a sua amizade com professor Neiva, desde os bancos escolares e faz referência à liderança política e cultural da família Neiva:

²⁶ Poeta, crítico e ensaísta brasileiro. Nascido em Paraíba do Sul, estado do Rio de Janeiro. Notabilizou-se pela verve satírica e o fez admirado e também temido por suas críticas ferinas. Filho de italianos foi educado em seu município, onde havia uma pequena biblioteca que o permitiu entrar em contato com Camilo Castelo Branco. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/biografia/agripino-grieco.htm>. Acesso em: 30 set. 2013.

[...] Referiu-se também a tradição da família Neiva, que tem dado ao país, tantos homens de valor, destacando então as figuras sob aspectos notáveis, de João Neiva a Artur Neiva. E disse o Sr Salomão Jorge, que naquele momento ele sentia-se verdadeiramente feliz, porque experimentava três alegrias. A primeira poder acompanhar nas peregrinações intelectuais [...] A segunda em rever naqueles momentos, depois de tanto tempo o companheiro Álvaro Neiva, companheiro dos bancos escolares e da mocidade, em que já naquela época, ele havia entrevisto no Dr. Álvaro Neiva um futuro educador. A terceira em poder naquele instante, ver a mocidade, mocidade exaltada por Gabriel D'Annunzio e, principalmente, a mocidade de quem o Brasil muito espera (FOLHA DE CRUZEIRO, 1º de setembro de 1940, p.3).

De outro lado, vale destacar a forte marca católica na proposta de Neiva. Apesar do relato do fundador em afirmar o caráter ecumênico da escola, o catolicismo e a vivência salesiana estavam presentes no cotidiano institucional:

A educação religiosa, também afeta a essa primeira instituição extraclasse, por sua força fixadora dos sentimentos morais e cívicos, já assumia, no Instituto Cruzeiro, uma antecipada feição ecumênica, em que os alunos católicos, a maioria, ao lado dos alunos protestantes, judeus e espíritas, pois também os havia, misturavam seus sentimentos aos pés de D. Bosco, cuja imagem, quase de tamanho natural, marcava a salesianidade do estabelecimento e que, no amplo pórtico, sorria, sorria mesmo, para os alunos, a hora do “Até amanhã”. Muito a de se lembrar é o episódio da simpática judiazinha, hoje respeitável mamãe e vovó, em terras cariocas, que, em, memorável visita de Dom André Cavalcante²⁷, então bispo da Diocese, e amigo autêntico do Instituto, o que provou em horas difíceis, inocentemente comungou, como os colegas católicos, na missa ao ar livre então celebrada, sem antes ter confessado e nem sequer sendo da mesma convicção religiosa. (NEIVA,1972, p.103)

²⁷ Dom André Calvacante, no período da visita ao *Instituto*, era o segundo bispo na diocese de Taubaté, porém anteriormente foi o 1º bispo da diocese de Valença, no Vale do Paraíba Fluminense. Sua vista é uma representação além do cotidiano religioso do Instituto, mas de uma preocupação do clero e rede de sociabilidade do educador Álvaro Neiva e com a educação e seus objetivos. De acordo com *site* da diocese de Valença, D. André lançou as bases do ensino secundário e religioso, fundado, em 1927, o Ginásio Valenciano. Abriu, ainda, os principais cômodos do palácio Episcopal para o funcionamento da Escola Normal. Implantou Associações religiosas, das quais algumas penduram até os nossos dias: Apostolado da Oração, Pia União dos Filhos de Maria, Liga Católica, entre outras. Trouxe para a Diocese várias Congregações de religiosas, para a educação e o amparo das crianças e órfãos, o cuidado dos doentes e a proteção dos idosos. Disponível em: Acesso: <http://www.diocesedevalenca.org/site/index.php?secao=conteudo&from=generico&pagina=1%EF%BF%BD+Bispo+%EF%BF%BD+Dom+Andr%EF%BF%BD+Arcoverde+de+Albuquerque+Cavalcanti&cod=22>
Acesso em: 03 jan. 2014

A prática da salesianidade²⁸ era tão comum que os rituais da Igreja católica, como a celebração dos sacramentos, por exemplo, tão particularmente vivenciados no interior das igrejas e paróquias locais, eram realizados no *Instituto*. Apesar de sua marca religiosa, provavelmente estas práticas eram vivenciadas e permitidas pelos contatos que Neiva estabelecia com a hierarquia católica local, seus representantes eram os “amigos do *Instituto*”, como costumava afirmar seu fundador.

Eram solenidades que tinham uma representação de valor cultural para a cidade. O jornal *O Momento* declarou “conforme fora anunciado, o *Instituto Cruzeiro* realizou [...] uma festa escolar em homenagem ao Dom Bosco, visto que aquele conceituado estabelecimento de ensino segue as orientações salesianas”.

P Exmo Sr. Bispo oficiou a missa solene na qual fizeram suas primeiras comunhões alunos daquele estabelecimento. As 17,30, foi inaugurado o STADIUM do Instituto, praça de esportes de significativo valor cultural que mais uma vez demonstra a visão de educador do Dr. Neiva. O ato inaugural foi pequeno, mesmo porque a praça ainda que não está concluída (O MOMENTO, 04 de junho de 1933, p.4).

Foi hóspede do *Instituto*, a convite de Álvaro Neiva, o bispo de Niterói, D. José Pereira Alves²⁹, acolhido pelos católicos e altas autoridades da cidade. A festividade do dia continuaram no Teatro Capitólio, centro de referência das solenidades e manifestações culturais e religiosas da cidade:

Depois da bênção dada pelo Vigário Pe. Romão Ortiz, os alunos cantam alguns hinos e fizeram apresentações de ginástica que muito agradaram. À noite seguiu-se uma pequena prova de voleibol pelas alunas.

A noite com seleta assistência, teve lugar à sessão solene, no Capitólio, presidida pelo Dr. Plínio Martins Rodrigues, inspetor federal.

A sessão agradou plenamente a todos maravilhados pela feliz interpretação dos números de arte ali representados e ficamos sem saber que mais apreciar se as qualidades do educador se a capacidade de realização que é o espírito dinâmico do Dr. Álvaro Moitinho Neiva (O MOMENTO, 4 de junho de 1933, p.4).

²⁸ O termo, utilizado pelo próprio Neiva em seus escritos, está relacionado ao carisma da congregação dos padres salesianos, seguidores dos princípios e ideais de Dom Bosco.

²⁹ Dom José Pereira Alves foi bispo da cidade de Niterói e fez parte do círculo de amigos de Álvaro Neiva. Anterior a fundação do *Instituto*, Neiva participou, como foi analisado no primeiro capítulo, da Associação Fluminense de Professores Católicos, órgão que Pereira Alves era diretor espiritual.

Alguns meses antes, o *Instituto* comemorou o primeiro aniversário de sua fundação. A solenidade foi marcada pela presença de representantes da hierarquia católica e pela bênção da instituição:

Festejando o 1º aniversário da sua fundação, o diretor desse florescente estabelecimento de ensino mandou rezar a missa em ação de graças, às 9 horas da manhã do dia 15 do corrente. Às 14 horas foram benzidas as novas dependências do Instituto, tendo sido levada a ele feita às 20 horas, na ampla sede da A. Beneficente dos operários católicos uma sessão solene comemorando a faustosa data. Gentilmente convidados, agradecemos (O CRUZEIRENSE, 19 de fevereiro de 1933, p.3).

A imprensa da cidade, reiteradamente, deu ênfase aos eventos que o *Instituto* organizou, particularmente àqueles em que a hierarquia e o laicato militante estiveram presentes. Em relação às solenidades culturais, o *Instituto* era, à época, o principal *locus* da realização dos eventos que envolvia as elites da cidade. Anexo ao prédio da escola de Neiva, um conservatório musical, dirigido pelo maestro Lyruo Panicali,³⁰ realizava suas atividades. No dia 5 de fevereiro de 1933, no fechamento das aulas, o *Instituto* era o assunto preferencialmente cultural, com sua programação aberta à sociedade local, estimulando a elite a conhecer e participar do projeto educacional liderado por Neiva:

Coerente com o seu programa de não só cuidar dos seus misteres de essência, isto é, do ensino intramuros, esse acreditado educandário vai encerrar, hoje, seu ano letivo, com festividades à altura, estimulando cada vez mais o amor dos estudantes a causa da instrução secundária da nossa cidade. O seu diretor, possuindo o senso exato das suas funções, conjugou o seu valioso esforço ao não menos entusiasta dos seus jurisdicionados, no afã de melhorarmos patentear o que é a obra eficiente do Instituto, assim escolástica, propriamente dita, como prático escolar.

O programa a parte fixa a comunhão dos esforços, toda voltada para o objeto das inspirações comuns da intelectualidade e de labor magnificentes. Cronograma:

9 horas - Missa em Ação de graças na Matriz local;

³⁰ Lyrio Panicali é outra representação da efervescência cultural da cidade de Cruzeiro. Mesmo nascido em Queluz, cidade próxima, foi professor no conservatório musical que era anexa ao Instituto Cruzeiro. Mais tarde se tornou arranjador e maestro da Rádio Nacional, segundo Guimarães (1956). O Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira apresenta sua trajetória com músicas e arranjos para compositores consagrados e novelas de rádio e televisão.

10 horas-entrega solene dos boletins de promoção aos alunos dos cursos infantil e primário;

14 horas - sessão solene no Cine-Teatro Capitólio;

I - Hino no Instituto, cantada por todos os alunos;

II- palavras de abertura pelo Diretor;

III- Entrega de prêmios;

IV - Entrega de certificados aos alunos admitidos a 1ª série e promovidos a 2 e a 3 série secundária;

V - Ato variado de números de arte, com a participação de alunos e ex alunos do estabelecimento;

VI - Palavras de encerramento pelo Diretor;

VII - Hino nacional, cantado por todos os alunos.

Nos intervalos tocará o jazz sinfônico Mantiqueira, regido pelo maestro Guilherme Fernandez.

18 horas - Desfile do Batalhão Escolar pelas principais ruas da cidade.

20 horas - inauguração da exposição escolar - a exposição escolar permanecerá aberta além de domingo, mais nos dias 17 e 18 das 18 às 22 horas (O MOMENTO, 5 de fevereiro, 1933, p.3).

Álvaro Neiva, em seu projeto extracurricular, privilegiou, dentre outras lideranças religiosas, o legado católico da tradição jesuítica. Criou, na cidade, uma academia cultural intitulada José de Anchieta. Anualmente, o fundador do *Instituto* promovia comemorações festivas para “saudar” a figura simbólica de Anchieta. Numa destas ocasiões, marcou presença Alceu de Amoroso Lima, intelectual católico e próximo de Neiva desde o final da década de 1920. O fato foi veiculado pela imprensa local:

Prolongaram-se por uma semana essas comemorações, tendo sido realizados, todos os dias, atos condizentes com a vida do grande patriota e firmador da nacionalidade brasileira. Essas comemorações porém tiveram sua culminância no dia 24 de agosto, em que a Academia José de Anchieta, já tão prestigiosa como centro cultural da cidade, fez realizar uma sessão solene em homenagem aquele que personifica a bravura e a nacionalidade brasileira. Teve larga repercussão nos meios locais, as expressivas manifestações comemorativas a “Semana Jesuítica” levada a efeito pelo “Instituto Cruzeiro” por ocasião de tais comemorações em todos o Brasil, como reconhecida homenagem aquela bendita companhia

de religioso fundos por Santo Inácio de Loyola, que tantos benefícios prestou a nossa Pátria, naqueles seus primeiros rudes embates da colonização e de vida. E as reconhecidas homenagens prestadas a Companhia de Jesus por ocasião da passagem do 4º centenário da sua fundação, aliou-se também a elas o Instituto Cruzeiro que sempre teve em mira cultivar as grandes ideias e realizações humanas. Essas comemorações na cidade tiveram sua culminância no dia 28 do passado mês, com a vinda entre nós, do iminente intelectual Dr. Alceu Amoroso Lima, membro da Academia Brasileira de Letras, e “líder” católico, que é um figurante e já eterno marco da cultura e do pensamento brasileiro. Veio o Dr. Alceu Amoroso Lima, a convite da Academia “José de Anchieta”, instituição cultural do Instituto Cruzeiro para realizar uma Conferência sobre o tema em curso na Semana Jesuítica, que era o 4º centenário da Fundação da Companhia de Jesus (FOLHA DE CRUZEIRO, 29 de agosto de 1940, p.5).

Torna-se, de fato, instigante a análise de uma instituição que se apregoava adepta aos princípios e objetivos da Escola Nova e aprovada por um dos mais significativos nomes do movimento católico das décadas de 1920 e 1930, fato que corrobora o que Sgarbi (1997) defendeu sobre o fenômeno do “escolanovismo católico”. A experiência liderada por Neiva materializava, a nosso ver, da perspectiva institucional, o que o autor citado verificou em periódicos produzidos pela intelectualidade católica do período em tela. Vejamos uma apropriação local da visita de Alceu de Amoroso Lima à cidade. Um depoimento do promotor público e professor do *Instituto*:

Mas essa festa, Sr. Amoroso Lima, que consagra uma experiência educacional dos companheiros de Inácio de Loyola, tem para mim um valor, todo especial, porque também sou filho espiritual dessa obra. [...] aos princípios aqui pregados pelos abnegados companheiros de Loyola, estão fazendo com que, pouco a pouco, a Igreja vá acolhendo em seu meio o melhor da intelectualidade brasileira. Foste ferir, para a restauração da nossa alma, o ponto nevrálgico da revolução espiritual: a educação (FOLHA DE CRUZEIRO, 29 de agosto de 1940, p. 5).

Outra figura de relevo nos meios acadêmicos e educacionais do período, que participou do cotidiano e das solenidades do *Instituto*, foi Lourenço Filho. Provavelmente, a citação elogiosa da contribuição do professor Neiva à Escola Nova, designado no seu ensaio original do ensino secundário denominado escola ativa direta, foi confirmado pela

sua presença e relação de amizade com Neiva. A repercussão da visita de Lourenço Filho foi veiculada pela imprensa local de forma ufanista:

Realizou-se no dia 8 do corrente, nesta cidade, a festa de formatura da 5 turma de bacharéis e 1 guarda-livros do Instituto Cruzeiro. Às 9 horas no pórticos do Instituto. Deve lograr uma missa em Ação de Graças, celebrada por D. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcante, bispo de Taubaté. Às 19 horas com a presença de autoridades públicas locais, realizou-se no Cine-Teatro-Capitólio, a sessão solene de colação de grau, paraninfando o ato o Prof. Lourenço Filho, eminente educador patricio [...] Precursor da educação ativa no Brasil; a maior autoridade que possuímos em psicologia educacional, ex-diretor de instrução pública no Ceará e em São Paulo, ex-diretor geral do Departamento Nacional de Educação, representante do Brasil em vários congressos internacionais, autor de valiosas obras especializadas, a figura de o eminente educador ímpar nos pais e a sua visita ao Instituto Cruzeiro reveste-se duma significação sumamente honrosa para essa nova prestigiosa casa de educação, tanto quanto para Cruzeiro mesmo (FOLHA DE CRUZEIRO, 23 de fevereiro de 1941, p. 1).

Na mesma formatura, o periódico citado acima declarou, além de notas elogiosas a Lourenço Filho, outro educador fora citado “[...] mas entre os autores eminentes como uma homenagem do mestre desconhecido de Lavras, prof. Firmino Costa³¹, que viveu a educação renovada, como precursor legítimo, no seu Grupo Escolar, daquela cidade mineira” (FOLHA CRUZEIRENSE, 2 de março de 1941, p.3).

Essa formatura teve um caráter especial, além da própria visita de Lourenço Filho à cidade e ao *Instituto*. Vejamos como outro jornal local interpretou a visita e a conferência de Lourenço Filho, demarcando o território da ação de Álvaro Neiva naquela década em Cruzeiro:

A experiência de educação ativa que esse professor patricio vem realizando há mais de dez anos e que já tem despertado atenção de vários estudiosos do assunto faltava à confirmação prestigiosa duma autoridade qual o prof. Lourenço Filho, para que ficasse definitivamente inscrita dentre as mais expressivas fórmulas de aplicação no Brasil dos modernos preceitos educacionais. Essa confirmação tivemos-la integral, na brilhantíssima oração proferida na solenidade em que Cruzeiro

³¹ Firmino Costa foi o primeiro diretor Grupo Escolar de Lavras, em Minas Gerais, que adotou a moderna pedagogia e divulgou artigos sobre a Escola Nova na cidade que atuou. Informações sobre essa liderança, consultar Pereira (2005) que pesquisou sobre sua trajetória no Grupo Escolar de Lavras.

representado por sua elite intelectual, sentiu o justo orgulho de ver inteiramente solidário com os princípios da pedagogia nova praticados no seu Instituto, o vulto mais eminente que o Brasil possui em tais assuntos. Começou o orador declarando ser o antigo conhecedor das coisas que se referem ao Instituto Cruzeiro, cuja expressão singular dentre os educandários do país feriu-lhe a atenção desde há vários anos. Foi por isso, com indisfarçável satisfação que pode entrar em contato mais direto com a obra que o Dr. Álvaro Moitinho Neiva vem realizando em Cruzeiro, em moldes realmente originais, contato esse que se acentuou com as relações pessoais mais chegadas que vem mantendo com o diretor do Instituto, agora definitivamente seladas com a visita que fazia a Cruzeiro (FOLHA DE CRUZEIRO, 23 de fevereiro de 1941, p.1).

Importante salientar o trecho do discurso em que Lourenço Filho, justificando a denominação aparentemente redundante do sistema criado pelo Professor Neiva (escola ativa direta), definiu-o com tal precisão que, segundo o jornal local, o auditório sentiu ao vivo a força denominativa da expressão, impressionado por seu especial significado, o fato de aceitação tão eloquente ao novo sistema.

De acordo com o jornal, pela parte expositiva do trabalho puderam os ouvintes compreender que o traço mais original do novo sistema consiste na inversão da organização escolar, pois que as “instituições” - denominadas extracurriculares³² - eram, no *Instituto*, o próprio currículo. O matutino continuava, assim, a notícia da presença de Lourenço Filho no *Instituto*:

Inscrevendo-se como “aluno” do Instituto Cruzeiro, pois sabia que o Instituto não é mais do que uma comunidade de alunos, onde cada qual se educa de acordo com a função que exerce, deixava ali seus melhores aplausos, a obra e os seus maiores estímulos aos jovens guarda-livros e bacharéis seus paraninfados, que sentiam estar perfeitamente armados para a vida, por força do ambiente de que provinham e o sistema por que haviam sidos educados (FOLHA DE CRUZEIRO, 23 de fevereiro de 1941, p.1).

O interesse de Lourenço Filho pelo empreendimento institucional de Álvaro Moitinho Neiva pode ser explicado a partir de diferentes abordagens. Para Sgarbi (1997),

³² As “instituições extracurriculares” foram criadas por Neiva e representaram um tipo institucional diferenciado para época. Elas serão analisadas no próximo capítulo da dissertação.

Lourenço Filho era um entusiasta da Escola Nova e de seus métodos pedagógicos e seus escritos comprovam essa tendência:

É fato sabido que Lourenço Filho se preocupou mais com os aspectos técnicos da Escola Nova. Podemos encontrar evidências disto, considerando sua produção escrita, grande parte dela dedicada aos aspectos técnico-pedagógicos da Escola Nova (SGARBI,1997, p.101).

Evangelista (1997) e Carvalho (1998), ao analisarem os intelectuais e educadores da Escola Nova, destacam a posição contraditória de Lourenço Filho, ora um intelectual que lutou por uma educação democrática, ora um intelectual que apoiou de forma ostensiva aos ideais do Estado e sua relação com a intelectualidade católica. No período de funcionamento do *Instituto Lourenço Filho*, como destacou Evangelista (1997), aproximou-se estrategicamente do estado e da rede de intelectuais católicos:

Poder-se-ia pensar no caso de Lourenço Filho, que paulatinamente foi deixando clara sua identidade com o estado getulista e a Igreja Católica. Alguns acontecimentos podem ser arrolados: seu apoio em 1931, ao decreto federal que assegurava o ensino religioso facultativo nas escolas públicas; sua participação na abertura do Primeiro Congresso Católico em São Paulo; sua presença no escritório do plano da Universidade do Brasil, juntamente com os católicos, Leitão da Cunha e Souza Campos, entre outros fatos que culminaram com sua presença na direção do INEP, em 1938 (EVANGELISTA, 1997, p. 212).

Diniz (2009), que analisou os embates das décadas de 1920 e 1930 entre os católicos e escolanovistas, defende a tese que ambos os grupos conjugavam o mesmo vocabulário nacional e cívico, e referiu-se ao educador Lourenço Filho como um dos participantes do movimento da Escola Nova, que estabeleceu a revisão mais completa do movimento, por empreender uma obra como revisão do trabalho escolar e de seus resultados, “a partir das funções da educação o desenvolvimento individual de capacidades e aptidões e a adaptação ao meio social” (DINIZ, 2009, p.84).

Ainda segundo Diniz (2009), Lourenço Filho, ao propor um projeto educacional tendo como base a biologia, a psicologia, o ambiente social e as instituições principalmente a escola, evidencia sua inclinação à proposta católica:

Fazendo clara concessão às reivindicações católicas, Lourenço Filho admitiria que as condições da vida do lar são fundamentais no processo da constituição da personalidade, indicando a família como parte imprescindível no processo educativo (papel que seria muito reduzido por educadores escolanovistas que, como Anísio Teixeira, iriam fazer a opção pelo embate mais radical). No entanto, a função da educação não era apenas individual, também era um processo de adaptação social da educação. Para descrever as relações sociais, Lourenço Filho se utilizara de uma metáfora organicista; no entanto, cuidava de marcar distinção em relação aos educadores católicos, afirmando que a imagem é “apenas aproximativa” (DINIZ, 2009, p.88).

A presença de Lourenço Filho no *Instituto* e a elogiosa referência que fez à iniciativa de Neiva em Cruzeiro na obra hoje clássica e representativa do movimento da Escola Nova no Brasil³³ dão mostras de sua ligação estreita com a intelectualidade católica do início da década de 1930. Compreender os vínculos estabelecidos entre Neiva e Lourenço Filho nessa conjuntura poderá nos fornecer novos elementos para verificarmos o significado histórico e cultural do que esses sujeitos denominaram “escola ativa direta”. Tal entendimento, a princípio, pode ser equacionado a partir do que Neiva estabeleceu como estratégia pedagógica para seu Instituto: as instituições extraclasse ou extracurriculares, tema do próximo capítulo.

³³ Trata-se, como citado na Introdução deste trabalho, *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. 6ª ed. São Paulo. Melhoramentos.

CAPÍTULO 3. A ESCOLA ATIVA DIRETA E AS INSTITUIÇÕES EXTRACLASSES

3.1. O Instituto Cruzeiro ou a Escola Ativa Direta: uma escola laboratório

De acordo com a *Coleção Instituto Cruzeiro*, um material produzido por Álvaro Moitinho Neiva para divulgar as realizações do *Instituto*, a escola tinha uma finalidade e um roteiro definidos (COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO, 1936, p.3). Uma escola experimental ou escola laboratório remete às primeiras experiências e ensaios que vários educadores, influenciados pelos propósitos gerais da Escola Nova, tentaram viabilizar nas primeiras décadas do século XX. Para Lourenço Filho, o *Instituto* caracterizou-se como tal, “em especial por sua feição de maior originalidade, e, sobretudo, por haverem dado atenção a condições de mudança social.” (LOURENÇO FILHO, 1963, p.176).

Denominada por Neiva como “escola ativa direta”, o *Instituto*, ou seja, sua organização e as experiências realizadas no período de sua existência, compõe um universo complexo que marcou a história do movimento da Escola Nova no Brasil. Para Valdemarin (2010, p. 89) “a expressão Escola Nova, largamente difundida, abriga de modo impreciso diferentes propostas para a renovação escolar produzidas no século XX. Distinguir as múltiplas designações, Escola Ativa, Escola Experimental, Escola Modelo, Escola Progressiva, possibilita a compreensão das diferentes implicações metodológicas contidas em cada uma delas e, em consequência, suas prescrições para a prática pedagógica”. Desse modo, constatamos que as múltiplas designações sofreram um processo e que a Escola Ativa Direta foi uma experiência regional e uma das tentativas da renovação pedagógica e institucional.

Segundo Rodrigues (2006), que analisou o movimento da Escola Nova no sul do Mato Grosso, a Escola Nova ou Escola Ativa e Progressiva faz parte de um movimento educacional filha de seu tempo, ou seja, constituiu-se no período contemporâneo, advindos de movimentos sociais ocorridos na época, como a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, quando a educação se torna como núcleo mediador da vida social. Nesse sentido, a educação buscava o afastamento gradual das práticas de ensino voltadas para a retórica e o discurso, aproximando-se de um novo modelo teórico e pedagógico que visava à

importância do fazer, numa aproximativa do real e do prático, e o principal: o papel ativo do aluno no processo de sua aprendizagem.

O mesmo autor salienta que o movimento da Escola Nova somente pode ser compreendido a partir das mudanças sociais ocorridas no período, as quais exigiam mudança também no aspecto escolar e pedagógico. Diferentes experiências foram realizadas pelos educadores preocupados com a metodologia de ensino e a necessidade de mudança no interior da escola, porém, em sua essência, podemos afirmar que o ponto central das primeiras escolas novas e, conseqüentemente, o movimento escolar, tinha como centro de suas preocupações a criança e sua natureza psíquica. Daí a influência da psicologia nesse movimento.

Monarcha (2009) assevera que as décadas de 1920 a 1930 foram um período de exaltação da técnica e da ciência, voltado para a ação dinâmica prática e útil, e a escola foi considerada como instrumento dessa experimentação. Destaca o autor:

[...] entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, a cultura psicopedagógica nomeada vagamente de “educação nova” ou “escola ativa” ou ainda “Escola Nova”, uma cultura assentada na compreensão do em jogo do organismo e o meio circundante, armou-se com o maior rigor epistemológico próprio da ciência analítica, e generalização da experiência. Num futuro não muito distante, essa cultura culminará com a organização de um funcionalismo biológico e uma antropologia naturalista, ambos perigosamente exacerbados (MONARCHA, 2009, p. 32).

Na década de 1920 e, principalmente, nos anos de 1930, vários institutos foram instalados com o objetivo de implementar uma nova forma de ensinar e uma preocupação com a formação de professores para a expansão desse ideal pedagógico em várias regiões do país. Valdemarin (2010) cita alguns institutos criados nesse período, dentre eles o Instituto de Educação no Distrito Federal e as escolas laboratórios, a comunidade, na Escola Bárbara Ottoni, o método Dalton, na Escola Manoel Bonfim, e o sistema de organização escolar chamado Platoon, nas escolas argentinas e americanas. Assim a autora caracteriza essas instituições:

No entanto, trata-se aqui de apontar a modulação adquirida pelo conceito de experiência. Ele é tomado como diretriz geral para a orientação e a formação de alunos e professores, que se materializa na estrutura curricular e nos programas de ensino; é considerado também um

procedimento que possibilita ensaiar e avaliar inovações, testar hipóteses de trabalho e organizar levantamentos de dados (VALDEMARIN, 2010, p.119).

Desse modo, constatamos que a singularidade do *Instituto*, ao conceituar sua experiência como Escola Ativa Direta, está relacionada aos embates e à busca de renovação em diversas áreas de natureza pública. Mesmo realizando sua prática pedagógica no contexto da cidade de Cruzeiro, na qual estava inserida a instituição, percebemos que a experimentação e a busca por renovação foram solidamente influenciadas pelo período, já que a educação era um espaço privilegiado para promover mudanças estruturais.

Santos (2000), ao analisar os internatos salesianos no Brasil, enfatiza a preocupação da elite com a educação dos menos abastados da sociedade, que acabavam tendo como “melhor” opção o acesso ao ensino agrícola, destacando a preocupação com os métodos de aprendizagem no interior das instituições mediante a atuação de grupos e associações que lideravam essas experiências.

De fato, ocorrera a Semana de Arte Moderna (maio de 1922), que provocou uma renovação cultural, no país, e, seguidamente, o Congresso Brasileiro de Instrução Secundária e Superior. Em 1924, foi fundada a Associação Brasileira de Educação, em que começou a emergir o movimento dos Pioneiros da Escola Nova em defesa da escola pública, de inspiração deweyana. Em Minas Gerais, um grupo entre os quais se destacava Mario Casasanta, ex-aluno salesiano, tentava conciliar as teorias de Claparède, trazidas por Helena Antipoff, componente da missão suíça, com o sistema pedagógico de Dom Bosco. Já no Rio de Janeiro, os católicos do Circulo D.Vital opunham o sistema salesiano de educação à teoria e à praxe de Dewey. Em Cruzeiro (SP), Álvaro Neiva procurava iniciar a experiência brasileira de Escola Nova, no Instituto Cruzeiro, em que esteve presente a pedagogia de Dom Bosco (SANTOS, 2000, p. 235).

Nesse contexto, identificamos não só a experiência institucional fundada por Álvaro Neiva como uma escola laboratório, como também uma representação social dos grupos envolvidos na tentativa de consolidar instituições escolares com uma reação a experiências de caráter puramente laico e público. Assim, constatamos que a experiência do *Instituto*, muito além de uma experiência regional e isolada no seu contexto social, guardava uma

particularidade relacionada à articulação entre as conquistas da “modernidade pedagógica” com os princípios católicos, particularmente os propósitos do carisma salesiano.

Em relação à proposta salesiana vivenciada no *Instituto*, localizamos num trecho de Santos (2000) grupos que ensaiavam a conciliação da Escola Nova, enquanto “método de ensino” vinculado aos preceitos católicos, em específico, os salesianos.

Os salesianos, ou a Congregação dos Filhos de Sales, dirigido por João Bosco, marcaram de forma contundente as concepções educacionais não apenas entre os colégios e internatos salesianos, mas também a própria concepção de educar, privilegiando os aspectos individuais dos educandos e a prática da *amorevelezza*, a prática da correção pelo amor paternal.³⁴

Ainda de acordo com Santos (2000), os salesianos defenderam a educação como carisma prioritário e sua metodologia, conhecida como “sistema preventivo”, foi a marca herdada das concepções e práticas de seu fundador:

Dom Bosco não deixou escrita uma filosofia educacional, nem apreciava declarações solenes de princípios. O problema do conceito e da função de “cultura”, ele o resolvia, atribuindo uma tarefa instrumental, em que realçava o “transcendente” (onde a cultura ocupa um lugar importante na vida e na sociedade). Interessava-se pelo aspecto moral-pedagógico da escola, do trabalho e da cultura, considerados como instrumentos de “moralização”, “santificação” do jovem e de “preparação” para a vida. O princípio de sua teoria escolar, se assim se pode dizer, reduz-se à expressão bíblica: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria”. Para Dom Bosco, ciência, sem consciência, arruína a alma (SANTOS, 2000, p.152).

A pedagogia de Dom Bosco não era apenas empreendida pelos seus seguidores nos colégios salesianos. Sua proposta também era discutida pelos círculos de educadores que verificavam em sua obra práticas que poderiam favorecer o que denominavam “renovação pedagógica”. Lourenço Filho (1963), era um deles:

³⁴ Dom Bosco ou São João Bosco nasceu no dia 16 de agosto de 1815, na cidade de Becchi, na Itália. Era o filho mais novo de três filhos de um casal de camponeses. São João Bosco se tornou órfão aos dois anos de idade. Sua instrução escolar era insatisfatória quanto ao ensino do catecismo, pois sua mãe era analfabeta. Aos nove anos de idade teve um sonho que mudaria profundamente sua trajetória e início para ao sacerdócio. Aos dez anos de idade, aprendeu com um professor vizinho os elementos da leitura e escrita. Foi ordenado sacerdote em cinco de junho de 1841 e, em 1859, fundou, com os seus jovens salesianos, a Sociedade ou Congregação Salesiana. Outras informações sobre a trajetória de Bosco, consultar Santos (2000).

Como reais precursores podem apontar-se alguns educadores do século passado. Assim, por exemplo, São João Bosco, o qual pôs em ação uma pedagogia tendente a prevenir desequilíbrios sociais que começavam. Não deixou obra sistemática escrita, havendo, no entanto, fundado uma grande obra prática, que continua a florescer, em escolas de trabalho da ordem religiosa, que fundou a dos Salesianos. Muitas de suas observações, sobre o desajustamento de crianças e jovens, vieram a ser inteiramente confirmadas por estudos objetivos da psicologia (LOURENÇO FILHO, 1963, p.153).

Consideramos que Dom Bosco era um prático por não ter elaborado uma teoria pedagógica. Defendia algumas bases de sustentação do seu sistema educativo: a razão, a religião e a caridade cristã. Porém, o método mais divulgado e praticado pelos colégios e oratórios foram os sistemas preventivo e repressivo.

A razão para Dom Bosco consiste “[...] na racionalidade que rejeita o sentimentalismo, o pietismo devoto, substituindo por uma piedade convicta, consciente e baseada no compromisso e na instrução religiosa séria” (SANTOS, 2000, p.165). E a religião para Dom Bosco tem uma preocupação em desenvolver a responsabilidade espiritual e social de seus educandos. A frase preferida de Dom Bosco que explicita seus objetivos na religiosidade salesiana é tornar o aluno honesto cidadão e bom cristão. Borges (2008), ao estudar o Colégio Salesiano São Joaquim, na cidade de Lorena, enfatiza a principal preocupação formativa religiosa de Dom Bosco com uma outra frase de destaque: “Dai-me almas e ficai com o resto”.

Outro conceito importante que consolidou o carisma e a proposta salesiana é a *amorevolezza*. Segundo Santos (2000, p. 167,) entende-se por *amorevolezza* o amor sobrenatural, “misto de racionalidade e de compreensão humana, paterna e fraterna e que transforma o ambiente de educação”, em outras palavras, significa “fazer-se amar e não fazer-se temer”. A máxima se concretiza, ainda segundo Santos (2000), nas festas e recreações promovidas dos Oratórios, sistema habitual nos colégios salesianos.

Dom Bosco, em seus escritos, delineou o que denominava “sistemas repressivo e preventivo”. Do primeiro, costumava afirmar que consistia em fazer os súditos conhecerem a lei, vigiar para detectar seus transgressores e impor merecido castigo. No preventivo, a ênfase estava no conhecimento das leis e regras que regem a instituição educacional e na clareza do olhar atento e censor do diretor e dos seus assistentes.

Álvaro Neiva, que se apropriou desses conceitos e práticas pedagógicas, descreveu, em seu livro *Educação moral e cívica e as instituições extraclases*, o que pensava sobre a pedagogia de Dom Bosco:

O Sistema Preventivo, como é conhecida a escola de educação que criou, baseado na doçura e na participação do mestre na vida do discípulo, “colocando-o na impossibilidade de cometer faltas”, deve ser compreendido mais como fórmula do modo de prender-se o educador junto do educando, do que mesmo um plano de princípios e normas pedagógicas. Convicto de que só a bondade educa, o sistema procura desenvolver as faculdades afetivas do educando, transferindo-lhe o sentido do dever pela continuidade das boas práticas (NEIVA, 1972, p.24).

Como já citado, a apropriação dos conceitos e das práticas da educação salesiana no *Instituto* referenciou-se por duas vertentes: a primeira ligada à própria formação e trajetória do seu fundador (ex-aluno do colégio São Joaquim de Lorena e ativo militante da Associação Fluminense dos Professores Católicos). A segunda tendência estaria relacionada aos objetivos de implantação do projeto salesiano no Vale do Paraíba paulista, região que os seguidores de Dom Bosco escolheram para efetivar seu projeto de expansão, influenciando, inclusive, instituições consideradas “laicas”, como o foi caso do *Instituto*.

3.2 O que é a Escola Ativa Direta

Uma definição da experiência do *Instituto* pode ser localizada em Nerici (1985), ex-aluno de Neiva, em *Educação e Ensino*. Para ele, o que melhor caracteriza a escola ativa direta é o ensino ativo e direcionado à comunidade:

Um ilustre educador brasileiro Álvaro Neiva criou a Escola Ativa Direta e que preconizava o ensino ativo, isto é, ensino ativo articulado com a realidade onde funciona a escola, generalizando, ensino ativo diretamente articulado com a realidade, com a comunidade que abriga a escola (NERICI, 1985, pp.182-183).

Para Nerici (1985), a proposta de Neiva se sustentou em três pilares ou princípios norteadores:

1. *A Educação em ambiente social permanente*: a educação deve proporcionar-se em ambiente social permanente, para assim diminuir a distância entre a vida escolar e vida social, desse modo o cultivo ao conhecimento da história e a geografia da cidade. (NERICI, 1985, p. 28)
2. *Educação por meio do trabalho*: a escola ativa direta processa a educação por meio do trabalho. “A escola deve ser oficina, no sentido mais lato, para que o educando enfrente continuamente situações problemáticas ou realize tarefas” (NERICI, 1985, p. 28)
3. *Educação visando a formar o cidadão participante*: “A educação deve ter em mente, como seu fim maior, formar o cidadão participante, cujas características relevantes devem ser: amor à Pátria, fidelidade à Família e reverência a Deus” (NERICI, 1985, p. 28)

Tais princípios deveriam ser viabilizados por meio de uma organização que Neiva denominou “instituições extraclases”, que, para Lourenço Filho, caracterizou-se como uma “experiência original de ensino secundário”.

As experiências pedagógicas lá desenvolvidas compuseram a teia complexa de iniciativas que marcaram a proposta da Escola Nova no Brasil em suas diferentes apropriações, como demonstra Valdemarin (2010):

A estratégia inicial de divulgação das concepções da Escola Nova priorizou o estabelecimento das novas bases teóricas, descrevendo algumas iniciativas metodológicas delas decorrentes, sem prescrever modelos de como ensinar mas asseverando a diversidade de possibilidades já implementadas, dados que a inovação foi concebida primeiramente como mudança de mentalidade e posteriormente como visível em novas práticas. Sendo a mudança de mentalidades um processo longo, a apropriação da nova concepção, num processo de apropriação conceitual e de recombinação (VALDEMARIN, 2010, p. 127).

O *Instituto* era organizado por meio de um sistema seriado, de acordo com as normas do governo federal. Porém, as salas que, tradicionalmente seriam enfileiradas com as determinadas séries, eram constituídas por “várias instituições” dentro da própria escola. Cada instituição era elaborada por uma disciplina escolar e tinha a figura de um líder, que era o educador e o diretor daquela determinada instituição. Algumas dessas instituições

eram dirigidas também por alunos. Nessa arquitetura, Neiva era o diretor responsável por todas as instituições.

Qual seria a especificidade da proposta de Neiva e a sua contribuição para a Escola Nova? O fundador do Instituto assevera:

Na Escola Ativa Direta há, por certo, uma ideia central nova: a de absorção total do currículo clássico pelas instituições, antes consideradas extracurriculares. Essa é a nossa contribuição singularizadora; é a marca do sistema e a justificação do título. Aliás, a conferência do Prof. Lourenço Filho, aqui publicada, deixa esse pormenor essencial patenteado com muita felicidade.

O mais que fazemos decorre dessa concepção, buscando não isolar a escola dentro da vida, procurando mesmo anulá-la como entidade autônoma, se possível, de molde a realizar a aprendizagem da vida em sua plenitude, através do agrupamento socializador por excelência que é a instituição extraclasse, entidade real perfeitamente vitalizada.

Se desejarmos, no entanto, um ponto de referência mais próximo, desenvolvamos o conceito aparentemente contraditório de Harold Rugg,³⁵ que estabelece como a parte mais real do currículo as atividades extracurriculares. A Escola Ativa Direta vai muito mais longe. Para ela as atividades extracurriculares são o currículo. Eis tudo.

De sua exequibilidade dão testemunho os doze anos de existência do Instituto Cruzeiro, que fundamos para ser o seu primeiro campo experimental (NEIVA, 1972, p.93).

As instituições extraclasse eram o componente essencial do processo de aprendizagem e fazia parte do próprio currículo. Numa entrevista ao jornal carioca *A Manhã*, Álvaro Neiva detalha a experiência pedagógica da Escola Ativa Direta e as instituições extraclasse:

³⁵ Álvaro Neiva citou o educador Harold Rugg, porque este defendia uma educação voltada para a comunidade, ou seja, uma educação social. Segundo o *site*, Harold Rugg, professor de longa data da educação no Teachers College, da Universidade de Columbia, foi um dos educadores mais conhecidos durante a era da educação progressista nos Estados Unidos. Ele produziu a primeira série de livros escolares a partir de 1929 até o início dos anos 1940. Porém suas obras começaram a sofrer críticas por ser consideradas na época com teor socialista. Disponível em: <http://education.stateuniversity.com/pages/2381/Rugg-Harold-1886-1960>. Acesso em 15 de jan. de 2014.

Que fez então, o Dr. Álvaro Neiva? Conservando todas as disciplinas que compõem o currículo normal da escola primária dos cursos de admissão e ginásio, distribuem-nas em academias, grêmios, clubes, centros, oficinas, de modo que o aluno não tem aulas disto ou aquilo mas sessões, discursos, palestras, e assim vai adquirindo os conhecimentos como adultos, livremente adquirem ou recapitulem os seus, com leituras, conferências, reuniões, conversas, etc. (A MANHÃ, 16 de setembro de 1941, p.3).

A experiência pedagógica realizada pelo *Instituto* obteve uma repercussão na imprensa e nos círculos educacionais, evidenciada, por exemplo, na vista que Lourenço Filho fez à instituição no início da década de 1940, ocasião em que aceitou o convite para participar, na condição de paraninfo, da formatura dos alunos do curso de Ciências e Letras e Guarda-Livros. A presença de Lourenço Filho em Cruzeiro foi amplamente divulgada pela imprensa local (*O Cruzeiro* e *O Momento*), e por alguns semanários cariocas, a saber: *A Manhã*, *A Noite* e o *Jornal do Brasil*.

Para Lourenço Filho (1941), o *Instituto* com suas instituições extraclases realizava uma experiência inovadora na área educacional:

Nossa escola - temos honra e orgulho de dizê-lo - é uma pequena, mas sadia e operosa comunidade. Uma comunidade, com sua vida própria, mas em nada distante da vida social ambiente, a da localidade, a da região, a do país, em todos os seus aspectos de economia, de civismo, de cultura. Vinte instituições diversas dão forma e direção à nossa vida comunitária, cada qual com os seus objetivos certos, mas todas entre si relacionadas, reagindo umas sobre as outras, sofrendo todas a ação da comunidade geral e a do ambiente mais largo da vida social, propriamente dita (FILHO, *In*: COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO, 1941, p. 12).

Lourenço Filho apontou o questionamento central da instituição escolar e das instituições extraclases como a possibilidade de mudanças, se isso corroborasse para o objetivo de aperfeiçoar a aprendizagem:

–Mas, então, não é uma escola, ao menos no sentido comum da palavra! Poderia observar alguém.

–Realmente assim é, teréis de confirmar. Mas o que importa isso?[...] Os homens não foram feitos para as instituições, mas as instituições para os homens. Se a escola de tipo tradicional não comporta mais as exigências da vida de hoje, o que será preciso é mudá-la. Conservá-la nos velhos moldes, que já não estejam atendendo aos seus fins, será obstar o

progresso e prejudicar os resultados da obra educativa, os únicos que justificam uma organização escolar. Guardamos, é certo, muitas denominações e práticas das demais escolas, desde que sejam justas. Não mudamos pelo prazer de mudar, o que não teria sentido, mas alteramos quando isso nos pareça útil aos objetivos que visamos (FILHO, *In*: COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO, 1941, p. 13).

E continua na linha da defesa da educação para o trabalho produtivo:

Como e por que se caracterizam as práticas educativas que ensaiaste? Vós mesmos respondeis com o lema que figura no cabeçalho do vosso jornal. É uma fórmula da fácil enunciação, mas de sentido o mais profundo. Diz o lema: “O trabalho modela a vida”.

A qualquer sinal de dúvida podereis explicar, senão com palavras, com o que vós próprios tendes feito: “Sim, o trabalho, a atividade regulada para fins produtivos, a atividade posta a serviço dos propósitos de criação, no plano material, como no intelectual, no moral, como também no artístico (FILHO, *In*: COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO, 1941, p. 7).

Lourenço Filho fez referência, ainda, à presença da tradição salesiana na proposta do *Instituto*. A formação para o trabalho, aliada com princípios e valores católicos da salesianidade, poderia favorecer a disciplina e a produtividade:

O trabalho não é um castigo, mas uma dádiva divina. E ao passarmos pela figura de D. Bosco, que preside atos do nosso esforço e o inspira, ouvimos-lhe estas palavras tranquilas e santas: “Não vos recomendo penitências, ó jovens, nem disciplinas; mas trabalho, trabalho e trabalho!” (FILHO, *In*: COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO, 1941, p. 7).

O conferencista prosseguiu, a partir desta referência, com a definição do que entendia ser a escola ativa direta:

Então não conheceis a nossa escola? É ela, sem dúvida, uma escola ativa, mas escola ativa direta. Isto é, entre o trabalho, que é o nosso instrumento, e a vida social, que é o nosso destino, mas há uma separação, mas não há obstáculo, não há um plano de passagem. Vida escolar e vida social são uma e a mesma coisa, para nós. (FILHO, *In*: COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO, 1941, p. 7).

O homenageado também destacou os conceitos de aluno e disciplina escolar no âmbito da experiência do *Instituto*:

Mas a sua compreensão é muito mais larga que nas demais escolas. “Alunos” é aqui todo aquele que, sob qualquer título, pertença à comunidade, seja discípulo ou mestre. Não conhecemos as denominações “aulas”, “sala de aula”, “ex-aluno”. Na experiência, esses termos se substituem por “sessão”, “sede de instituição”, “aluno”, “quadro de honras”, “castigos”, “vigilante”, “prêmio” - são expressões que não têm sentido para nós. Se tivéssemos que indicar nossas atividades extracurriculares, não saberíamos o que dizer, e acabaríamos enfileirando, apenas para satisfazer, por todo o currículo oficial, a que somos obrigados por força de regime vigente (FILHO, *In: COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO*, 1941, pp.13-14).

Desse modo, para Lourenço Filho o termo Escola Ativa Direta articulava três pontos cardeais na formação dos jovens: a educação para o trabalho, o civismo e a religião:

Aprende-se fazer, fazendo, é a primeira regra da pedagogia ativa, que é a própria sabedoria popular consagra num refrão [...] O que se afirma é que essa formação se dará num ambiente social conveniente, preparado de um modo a representar a vida social geral, mas com as condições propícias à obra educativa que se quer empreender [...] Organizar uma escola segundo agremiações, centros, clubes, oficinas e fábricas - não será de todo difícil. O que se tornará menos fácil será articular todo o trabalho dessas instituições num alto sentido de formação social e moral. A organização referida será um “meio”, e meio dos mais valiosos, mas não os “fins” da educação, os objetivos a imprimir ao esforço da vida comunitária dos educandos. (FILHO, *In: COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO*, 1941, pp. 22-23).

Na tentativa de corroborar as impressões de Lourenço Filho, Álvaro Neiva publicou, em 1943, um volume especial da *Coleção Instituto Cruzeiro*, intitulado “Educando para a vida”. Nessa edição, Neiva transcreve, na íntegra, o discurso que proferiu na Associação Brasileira de Educação, no dia 23 de dezembro de 1941. O título da conferência: “Uma experiência nova em educação secundária”. Descreve essa experiência como “única, ante os vultos mais eminentes que a Educação possui em minha Pátria, sentido o incenso de decênios de trabalho incessante e proveitoso” (NEIVA, 1943, p.2).

O primeiro objetivo da escola laboratório para Neiva era “conhecer o quando, o como e o porquê do Instituto Cruzeiro, o estabelecimento que afirma em seu emblema, educar, pelo Trabalho, para o Brasil” (NEIVA, 1943, p.3). Desse modo, a escola ativa direta, portanto, tinha meios e fins, ou seja, não só preparar seus educandos, com conhecimento teórico e humanístico, a apropriação dos conceitos da Escola Nova como um

método de ensino, mas também que fosse voltada para um propósito social, como o definiu:

O emblema do Instituto Cruzeiro um mapa do Brasil sobre o fundo azul - tem ao pé o dístico: Educa, pelo Trabalho, para o Brasil. É uma síntese, que fixa os meios e os fins da Escola Ativa Direta.[...] Só o Trabalho nos parece meio idôneo de Educação; só o Brasil, na sua grandeza, na sua honra, na sua felicidade, se nos apresenta como objetivo justo deste trabalho (NEIVA, *In*.COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO,1943, p.4).

A concepção de trabalho para Álvaro Neiva materializada no *Instituto* era consonante ao projeto político getulista. O trabalho para Neiva (1943) era componente de organicidade e de colaboração com os ideais de Pátria e Nacionalidade, presentes na política pública e até mesmo na atuação de vários intelectuais engajados no governo Vargas. Senão vejamos:

O sentido da nacionalidade é a força de caracterização do nosso sistema. A noção de Pátria é tão profunda na consciência humana, possui um “subtractum” hereditário tão remoto, está tão trabalhada na alma da infância e da mocidade, que se reveste, indubitavelmente, dum prestígio decisivo no estímulo de todas as forças interiores aproveitáveis no trabalho educacional. Uma educação sem Pátria não tem objetivo imediato bastante forte para justificar-se. E uma educação sem um forte objetivo não é Educação, pois falta-lhe a coluna mestra de exequibilidade e eficiência. Daí, temos dado á nossa experiência um característico sentido de brasilidade (NEIVA, *In*: COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO, 1943, pp. 4-5).

A concepção de trabalho para Neiva e a proposta do *Instituto* foram influenciados por dois componentes: sua formação salesiana e a apropriação dos conceitos da escola ativa ou escola para o trabalho. Diferente da tradição histórico-cultural-escolar brasileira, em que há nítida separação de trabalho intelectual e trabalho técnico e manual, Neiva (1943) compreende:

[...] o trabalho, porém, como ação total do esforço humano no sentido do seu aperfeiçoamento e não como solução às necessidades rudimentares da existência; entenda-se o estático aperfeiçoamento como expressão dinâmica e não estática dos anseios humanos; empresta-se à Educação o sentido de ação completa para a vida plena, tanto sob o ponto de vista individual quanto sob o coletivo; aceite-se que o Trabalho tem a sua lei

moral, tanto quanto as suas leis técnicas para um melhor rendimento, o eu lhe empresta característica social; coloquemo-lo ao serviço dos propósitos de criação, sob todas as faces da ação educativa, estabelecendo como legítimo modelador da vida, e talvez condensador toda a complexidade educacional numa asserção, tão simples quanto exata: o Trabalho é a Educação (NEIVA, *In. COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO*,1943, p.5).

Para Álvaro Neiva, a instituição escolar era o espaço propício para preparar e promover o trabalho, o civismo, a nacionalidade e, no *Instituto*, em específico, a espiritualidade salesiana representava um encaminhamento pragmático, porém pautado na perspectiva teológica:

Essa amplitude interpretativa da noção de Trabalho parece-nos que tem sido em muito sacrificada pelas acepções manualistas, produtivistas e outras, que ainda não permitiram se extraísse da concepção todo o seu imenso potencial educativo. Sente-se que, a rigor, ainda não se encontrou a fórmula concreta de efetivação do ideal, não satisfazendo as exemplificações até agora existentes. Assim pensando, dedicamo-nos a uma experiência ativista, para cuja realização mantemos um educandário – o Instituto Cruzeiro, e sistematizamos um processo educacional globalizado – a Escola Ativa Direta. Foi essa a fórmula de colaboração que nos impusemos, nesta nova e radiosa manhã do Brasil (NEIVA, *In. COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO*, 1943, p.6).

A Escola Ativa Direta era, para Neiva, uma metodologia pedagógica, expressão para o “método escolanovista”. Para ele, “na escola ativa direta há, por certo, uma ideia central nova: a de absorção total do currículo clássico pelas “instituições”, antes consideradas extracurriculares. Essa é a nossa contribuição singularizadora, é a marca do sistema e a justificativa do título” (NEIVA, 1972, p.22).

3.3 A fundação do Instituto Cruzeiro e suas configurações

Segundo a *Coleção Instituto Cruzeiro*, a instituição foi inaugurada para “educar uma parcela expressiva da infância e da mocidade cruzeirense”. A escola ocupava um grande edifício na rua principal da cidade, dispondo de instalações consideradas, à época, necessárias a um educandário moderno, contendo Laboratórios de Física, Química e História Natural, Estádio e Ginásio para a Educação Física, Cinema e Biblioteca

(COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO, 1935, p.39). Além desse aparato, a escola possuía instalações capazes de receber internato e externato para ambos os sexos. Praticamente, todos os segmentos de ensino eram contemplados: jardim da infância, escola primária, curso de admissão, ginásio, uma escola anexa de instrução militar, uma escola de música, sob a direção do maestro Lyrio Panicall e, por fim, uma escola noturna de alfabetização de meninas denominada Santa Zita, já mencionada no capítulo anterior.

Era regularmente visitada pela inspeção oficial, particularmente por Nóbrega da Cunha, que tecia comentários positivos sobre a instituição: “Já é uma afirmação digna de ser considerada no campo educativo do país” (COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO 1935.p.39). E, mesmo aderindo à filosofia educacional dos salesianos, aceitava o ingresso de alunos que professassem diferentes denominações religiosas. Um mapeamento sobre o cenário das religiões na cidade foi publicado na *Coleção* referenciada acima, dando conta da existência de diferentes associações religiosas na cidade, tais como protestantes, maçons e espíritas.

Os primeiros professores do *Instituto* foram:

Álvaro Moitinho Neiva, diretor e fundador do *Instituto*, também professor de Português e Inglês do curso ginásial.

Fantina Bittencourt Neiva³⁶, com o curso do Colégio do Carmo em Guaratinguetá. Era professora primária do *Instituto*.

Hilda Nery, normalista formada em Minas Gerais. Era professora da terceira e quarta séries do ensino primário.

Philomena Molinaro, catequista da escola primária³⁷.

O maestro Guilherme Fernandez³⁸, diplomado pelo Conservatório do Uruguai, professor de música do curso ginásial.

³⁶ Fantina Bittencourt Neiva era esposa do professor Neiva. Era natural da cidade de Guaratinguetá, e, segundo Moura (2002), descendente do Visconde de Guaratinguetá, um fazendeiro de prestígio na cidade.

³⁷ Mesmo admitindo em seus quadros alunos de outras confissões religiosas, o fato de possuir uma catequista, oficialmente nomeada na escola primária do *Instituto*, comprova o estreito vínculo de Neiva com os grupos católicos.

³⁸ O maestro Guilherme Fernandez era argentino, porém muito cedo veio morar em Varginha, MG. Nas décadas de 1930 e 1940 se tornou professor de Música. Disponível em: <http://www.camaravarginha.mg.gov.br/intralegis/pdf/leis_ordinarias/3784.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2014.

O sargento José Diniz Sobrinho, dos quadros do Exército Nacional, foi professor de Educação Física e instrutor da Escola de Instrução Militar.

Luiz Nery, professor de Desenho do curso ginásial.

José Maria Calazans Nogueira³⁹, professor de Matemática e Francês do curso ginásial.

Hilton Federice⁴⁰, professor de História da Civilização e de Geografia do curso ginásial. Formado no Ginásio São Joaquim.

Adalgisa Rosseti, professora de Ciências Físicas e Naturais, Física, Química e História Natural do curso ginásial.

Waldemar Hortmann, professor de trabalhos manuais masculinos no ginásio.

Clotilde dos Santos Pinto, professora de Instrução Física do Departamento Feminino.

Alexandre Villela, bacharel em Ciências e Letras pelo Ginásio Sul mineiro de Itanhandu, preparador dos Laboratórios de Física, Química e História Natural.

A cargo do Dr. Mario da Silva Pinto⁴¹, o *Instituto* matinha um consultório médico, à disposição dos alunos e professores. Na Escola Santa Zita, que funcionava no período

³⁹ De acordo com o *site* da Câmara Municipal da cidade de São Paulo, o professor José Nogueira nasceu em 1870 e faleceu em 1956, aos 86 anos de idade. Em 12 de março de 1956, a Câmara Municipal aprovou o projeto encaminhado pelo vereador da época Agenor Mônaco, em 1965, com o nome da antiga rua do subdistrito de Pirituba, uma homenagem com o nome do professor José Nogueira. A justificativa em sua homenagem era ter sido professor veterano do ensino secundário em cidades mineiras e paulistas e ter sido mestre de grandes profissionais da época, entre eles Plínio Salgado. O professor Jose Maria Calazans Nogueira, segundo o *site*, “foi mestre do Plínio Salgado, que com ele recebeu, as primeiras lições de latim, de vernáculo e de matemática (...) à beira da sepultura de seu professor, Plínio Salgado pronunciou um discurso exaltando as virtudes do velho mestre, “como exemplar chefe de família, ardente patriota, cristão do mais puro e católico disciplinado”. Disponível em: <<http://www2.camara.sp.gov.br/projetos/1965/00/00/08/G4/000008G4C.PDF>>. Acesso em : 06 jan.2014.

⁴⁰ Hilton Federici nasceu em Cruzeiro no dia 9 de março de 1913. Estudou no Ginásio São Joaquim, de Lorena. Foi professor normalista e licenciado em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 1938. Teve um papel importante para a escrita da história da cidade de Cruzeiro, as duas obras sobre a cidade fazem parte da *Coleção Instituto Cruzeiro*, intitulados: “Investigação histórico-geográfica sobre Cruzeiro” e “Esboço histórico de Cruzeiro”. Também publicou obras sobre a cidade de Campinas, na qual foi professor e secretário da educação. Foi professor também da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Faleceu em Campinas no dia 20 de junho de 1980. Disponível em: <<http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com.br/2008/02/personagem-hilton-federici.html>>. Acesso em: 05 jan.2014.

noturno, as professoras responsáveis eram chamadas pelo Álvaro Neiva de irmãs bandeirantes, as professoras D. Aurora Guimarães e as irmãs Castro.

Os inspetores de ensino responsáveis pela supervisão do *Instituto* eram:

Dr. Nelson de Almeida, em 1933.

Professor Arthur Gaspar Viana, em 1934.

Dr. Nóbrega da Cunha, em 1935.

Dr. Joaquim Braz Ribeiro e Euclides Roxo, em 1937.

Dr. Paulo Frederico de Figueiredo Araújo, em 1938.

O *Instituto* nomeava alunos que colaboravam com a organização e disciplina da escola, divididos entre o *Corpo de Ajudantes* e o *Corpo de Graduados*. O primeiro tinha como função a colaboração participativa dos alunos no processo burocrático, a saber: ajudante do diretor e secretário, datilografia, na portaria, na chefia das bandeirantes e auxílio aos zeladores. A edição de 1935 da *Coleção Instituto Cruzeiro* divulgou que o *Corpo de Ajudantes* era composto pelos alunos Maria Helena Bittencourt Neiva, Sebastião Tasso Prado Galhano, José Ignácio de Oliveira Junior, Thereza Lourenzo Sobrinho, Carlos Ferreira da Silva e João Batista Azevedo. Já o *Corpo de Graduados* era formado por alunos que tinham a função da guarda da disciplina escolar, os alunos que tiveram mais destaque foram: Fausto de Andrade Nunes, Jacyra de Castro e Carlos de Abreu.

Um hino institucional foi composto por Álvaro Neiva e Guilherme Fernandez. Seu conteúdo revela o que, até o presente momento, a pesquisa descreveu: uma escola cujos princípios estavam pautados no civismo, na religião e no trabalho. Vejamos:

HINO DO INSTITUTO CRUZEIRO

I

Nossa alma, a palpitar
Canta e sonha,
Jubilar

⁴¹ De acordo com Silva (1970) o Dr. Mário da Silva Pinto era um médico que ocupava trabalhos assistenciais aos mais pobres da cidade. Foi um dos fundadores da Associação 12 de outubro (associação política católica). Ele é patrono de uma escola estadual na cidade de Cruzeiro.

Ao som desta canção risonha,
 Que no ar, vai vibrar,
 Com ardor juvenil,
 Saudaremos o Brasil,
 E em nossos momentos supremos,
 Este hino de fé soltaremos,
 No anil.

II

Tendo por degraus o estudo.
 Dom Bosco em nossa mente,
 Vamos! À frente!
 E no coração, um escudo.
 Guardará a alma da gente,
 Refulgente, no que sente!
 Bandeirantes do Saber
 Só vivemos para o Bem
 Assim também da Claridade
 Que fulge na montanha
 Da altura tamanha,
 A que invade a verdade

III

Por ti, o Instituto Cruzeiro.
 Ó Pátria rica,
 Todo ele fica,
 Radioso e prazenteiro,
 Por saber-se brasileiro,
 E te entregamos por primeiro
 Todo o calor do nosso amor
 Cantaremos pela vida,
 Teu nome, pátria querida!
 E assim, em coro, cantando,
 Com teu pendão, no coração
 Ver-no-ás sempre labutando,
 Por sua sorte
 De povo forte.

(Fonte: *Coleção Instituto Cruzeiro*, 1941, p.9)

3.4 A Escola Ativa Direta e as instituições extraclases

Na imprensa de Cruzeiro, era comum a propaganda sobre a pedagogia do *Instituto*, exaltando, especialmente, a organização da escola em instituições extraclases com seus eventos cívicos, culturais e educacionais. Segundo seu fundador, tal organização pedagógica definia as disciplinas como uma “instituição”, em que a habilidade prática era

transformada em uma ação educativa. Para ele, era o próprio currículo em aplicação (NEIVA, 1972). Passamos, a partir de agora, à apresentação e análise de cada uma das instituições extraclasse que definiam o *Instituto* em sua estrutura.

a) **Centro de Brasilidade José Bonifácio**⁴², local da promoção do civismo, segundo consta do conteúdo da *Coleção Instituto Cruzeiro*. Tinha como principal objetivo estimular as práticas e os ideias cívicos em consonância com as políticas emanadas do Ministério da Educação e Saúde Pública, dirigido à época, por Gustavo Capanema. Para Neiva:

Ele é como que nosso “Centro Cívico!”, à maneira do que vem preconizado no decreto que instituiu a Juventude Brasileira⁴³. Desde que o Brasil é a síntese dos nossos fins imediatos de Educação, haveis de compreender que todo o Instituto Cruzeiro é uma afirmação viva de brasilidade. Em todas as dependências do estabelecimento um cartaz lembra a frase de Barroso: “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever, frase essa em que consubstanciamos o nosso sentido ativo de patriotismo: amando a Pátria, servindo-a” (NEIVA, In: *Coleção Instituto Cruzeiro* 1943, p.24).

A referida instituição cívica era apresentada pelo seu fundador como o espaço ornamental e simbólico, o local por excelência da formação de brasilidade dos alunos: “a sede do centro, permanentemente ornamentada de motivos patrióticos e possuindo uma galeria de retratos dos grandes vultos nacionais” (NEIVA, In: *Coleção Instituto Cruzeiro*, 1943, p. 24). Reforça o fundador:

[...] emblemas no estabelecimento, onde se vê o mapa do Brasil, pintados em diferentes pontos do edifício, o hino do Instituto afirmando pela voz dos nossos alunos que a Pátria verá sempre labutando por sua sorte de povo forte, comemorações cívicas entusiásticas em todas as grandes datas nacionais, tais são alguns dos meios de que se serve o Centro de Brasilidade, para manter sempre um alto padrão de civismo na vida da comunidade, mesmo quando, em momentos dolorosos da vida nacional, a manutenção de tão alto diapásão patriótico exigiu da parte do

⁴² Naturalista, estadista e poeta, José Bonifácio de Andrada e Silva nasceu em Santos, em 13 de junho de 1763 e faleceu em 6 de abril de 1838, na cidade de Niterói. Seu nome é referido historicamente como o “Patriarca da Independência”. Disponível em: <http://www.historiabrasileira.com/biografias/jose-bonifacio/> Acesso em: 08 jan. 2014. A representação a José Bonifácio como patrono de uma instituição extraclasse, indica a relação de nacionalidade e o culto à pátria presente no cotidiano do *Instituto*.

⁴³ De acordo com Duarte (2000), o Decreto-Lei n. 2072/1940, que institui o programa de formação da juventude brasileira, tinha por finalidade a educação cívica, moral e física e o fortalecimento da pátria pelo seu culto permanente. Neiva, porém, destaca em seus escritos que tal finalidade já compunha o escopo da proposta do *Instituto*.

estabelecimento, que mantemos numa cidade do interior de São Paulo, disposições de espírito inquebrantáveis (NEIVA, In: *Coleção Instituto Cruzeiro*, 1943, p. 25).

Anos mais tarde, em obra posterior, Neiva relatou o cotidiano habitual dos alunos e as práticas cívicas e a exaltação da figura de José Bonifácio como referência de nacionalidade:

Sua sede, onde começavam e terminavam diariamente as atividades do Instituto e onde os alunos assistiam, todos os dias, em continência escoteira, ao hasteamento e à arriação da Bandeira, estava permanentemente ornamentada de motivos cívicos, inclusive de uma galeria de retratos dos pró-homens da nacionalidade, ao centro o patrono da instituição: José Bonifácio (NEIVA, 1972, p. 100).

Os objetivos da pedagogia ativa, articulados com o espírito patriótico da instituição, eram, segundo Neiva, alcançados no cotidiano da escola:

Desde que o Brasil é a síntese dos nossos fins imediatos de Educação, haveis de compreender que todo o Instituto Cruzeiro é uma afirmação viva de brasilidade. Em todas as dependências do estabelecimento, um cartaz lembra a frase de Barroso: “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever” frase essa que consubstanciamos o nosso sentido ativo de patriotismo: amar a Pátria, servindo-a. Pensamos e pregamos que se é tanto mais patriota quanto melhor desempenhamos os deveres que decorrem das nossas funções na comunidade (NEIVA, In. COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO 1943, p. 24).

b) Associação D. Bosco⁴⁴, responsável pela administração da *Biblioteca de Educação João Neiva*⁴⁵, do *Laboratório de Psicologia Experimental Lourenço Filho*⁴⁶ e o *Museu Pedagógico Barão de Macaúbas*⁴⁷.

⁴⁴ Dom Bosco foi, como apresentamos na introdução deste trabalho, condecorado patrono do *Instituto*.

⁴⁵ Avô paterno do fundador do *Instituto*, João Neiva foi comendador e deputado baiano, representante dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo para questões ligadas ao assunto ferroviário. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=320313&search=espírito-santo|joão-neiva|infograficos:-historico>. Acesso em: 09 jan. 2014.

⁴⁶ Não localizamos informações mais detalhadas sobre este *Laboratório*, mas a homenagem a Lourenço Filho evidencia a preocupação “experimental” do *Instituto* e do seu fundador. Além disso, em hipótese, o fato pode revelar a simpatia ou adesão desse intelectual aos propósitos pedagógicos e políticos do *Instituto*. Algumas fontes primárias consultadas, notadamente a imprensa local, fornecem pistas que revelam a proximidade afetiva entre os dois protagonistas.

A associação Dom Bosco era a responsável pela parte administrativa e pedagógica do *Instituto*, responsável pelo gerenciamento das demais instituições extraclasse. Cabia a esse setor a elaboração e o controle das normas e atitudes dos alunos, marca disciplinadora da instituição, à luz dos ensinamentos de Dom Bosco. Para Neiva:

Não existindo ainda nas normas do ensino nacional a preocupação preponderante de educar e sim instruir, o que já é tido por excepcional quando bem praticada, dirigir uma casa de educação ainda é, entre nós, apenas administrar, tomar conhecimento de exames, de casos disciplinares, de relatórios oficiais e não realizar trabalhos de orientação educacional, de supervisão geral, de estímulos as atividades sociais, de contato mais íntimo com a alma do adolescente, organização de fichas orientadoras para melhor formação da personalidade do aluno (NEIVA, *In*. COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO, 1943, p. 25).

O que D. Bosco denomina “sistema preventivo”, Álvaro Moitinho Neiva considerava esse ponto o crucial de sua instituição. Defendia, explicitamente, o trabalho como ferramenta da elevação moral dos alunos. O patrono dos salesianos era, reiteradamente, exaltado. Senão vejamos:

Demos a essa instituição o patrocínio de D. Bosco, o grande educador que encheu de sua glória e de sua bondade o século passado, devotando-se, como nenhum outro na história da pedagogia, à sadia formação da mocidade em moldes santamente ativistas. Seu lema “Dá-me as almas e fica com o resto!” é bem o lema do desprendimento e da elevação moral; seu sistema preventivo é bem o sistema dum compreensão de disciplina ainda hoje não generalizada na prática educativa. D. Bosco lembra Pestalozzi por seu grande coração, completando a figura do grande educador suíço com uma firmeza de propósitos e uma energia de ação que aquele não possuía (NEIVA, *In*. COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO, 1943, p. 26).

⁴⁷ Da mesma forma, não foram localizadas informações específicas sobre este *Museu*. Porém, sua existência revela o conhecimento de Álvaro Neiva sobre educadores brasileiros que atuaram com métodos ativos anteriores à emergência do sistema republicano. A história do Barão de Macaúbas demonstra as diversas tentativas de renovação dos métodos de ensino, em contraste com o ensino tradicional. O Barão de Macaúbas nasceu em 9 de setembro de 1824, na cidade de Macaúbas, Bahia. Foi médico e pedagogo. Em 1858, fundou o Ginásio Bahiano, formando grandes nomes da vida pública como Rui Barbosa, Castro Alves e Aristides Espínola. O método de ensino utilizado em seu ginásio era sintonizado com as ideias pedagógicas em debate na Europa. Macaúbas realizou várias viagens internacionais que o fizeram conhecedor das novidades da época. Acesso em 08 de janeiro de 2014: Disponível em: http://www.cdpb.org.br/dic_bio_bibliografico_borges.html. Acesso em: 8 jan. 2014.

O fundador do *Instituto* recorria à máxima salesiana para incentivar seus alunos ao reconhecimento do trabalho como uma virtude moral. Para tanto, o acesso à biografia de Dom Bosco tornar-se-ia um incentivo para a empreitada. “Vale a pena conhecer a sua vida e as suas máximas, uma das quais é uma biografia, principalmente em se tratando de um santo católico” (Neiva, 1943, p. 25). E insistia no encaminhamento: “Meus caros jovens, não vos recomendo penitências nem disciplinas, mas trabalho, trabalho e trabalho!”. (NEIVA, *In. COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO*, 1943, p. 26).

Além dos objetivos relatados acima, a *Associação D. Bosco* administrava a *Biblioteca João Neiva* que, além da guarda do acervo, elaborava o material didático da instituição. O exemplo tácito foi a *Coleção Instituto Cruzeiro*, fonte primária privilegiada pela presente pesquisa. Dado interessante diz respeito à preocupação do *Instituto* em produzir o seu próprio material. Seu conteúdo explicita a intenção de Neiva e da sua equipe em consolidar uma memória, por meio da veiculação de suas realizações institucionais. O material era direcionado, em especial, à população letrada de Cruzeiro e de seu entrono. Aspectos pedagógicos, didáticos e temas relacionados à história do município compunham o escopo do material.⁴⁸

Cinco edições marcaram a história da *Coleção Instituto Cruzeiro*. A primeira, sob o título *Investigação Histórico-Geográfica sobre Cruzeiro*, foi publicada no ano de 1936. Nesse volume, no exórdio, aparece a dedicatória do fundador e a apresentação dos objetivos do Instituto e sua estrutura pedagógica e didática, notadamente a descrição das instituições extraclases, que Neiva denomina “escola laboratório”. O prefácio, apresentado pelo professor Hilton Federici, faz alusão à visita do inspetor federal Nóbrega da Cunha. A pesquisa coordenada por Federici, pautada na Antropogeografia, tinha por objetivo incentivar os alunos do terceiro ano secundário a um estudo sobre as origens históricas da cidade de Cruzeiro, bem como traçar sua caracterização geográfica.

A segunda edição da *Coleção* intitulou-se *Esboço Histórico de Cruzeiro*, escrito pelo professor Hilton Federici e publicada em 1937. Essa obra retrata a história da cidade de Cruzeiro desde o período colonial e seus aspectos geográficos, as origens da vila e seu centro irradiador: a Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Cruzeiro. Descreve a evolução urbana de Cruzeiro, com destaque ao período em que Major Novaes exercia o controle da

⁴⁸ Não foram localizadas informações sobre as tiragens do referido material.

política local, à época do segundo Império, sua ligação com D. Pedro II no contexto da chegada da estrada de ferro na região. Este volume da *Coleção* ganhou repercussão regional com a homenagem concedida a Félix Guisard Filho, herdeiro da Companhia Taubaté Industrial (C.T.I.), fábrica de tecelagem inaugurada no final do século XIX.⁴⁹

O terceiro volume foi publicado em 1941, sob o título *Um pouco pelo Brasil*, da autoria de Flávio Torres, promotor público da cidade e dirigente da instituição *Academia José de Anchieta*. Com o prefácio de Álvaro Neiva, a introdução de Torres faz alusão, dentre outras questões, do “sentido de nacionalidade, bem marcado no sistema educacional do *Instituto Cruzeiro*, onde a Pátria é a síntese de todos os fins da Educação”.(TORRES, 1941, p.4). A edição veiculou as palestras proferidas por Torres no *Instituto* e repercutidas na imprensa local (*O Momento e O Cruzeirense*). Uma seção iconográfica completa a edição, com imagens externas da escola, o seu hino e o registro da presença do intelectual católico Alceu de Amoroso Lima, pousando com a família de Neiva, juntamente com o promotor público e o pároco local.

As palestras de Flávio Torres foram compiladas nesta edição. A primeira, proferida no dia 13 de maio de 1940, tratou de D. Pedro II como “um exemplo de quem realizou nobremente o seu destino no mundo” (TORRES, 1941, p. 14). A segunda conferência foi realizada em 24 de agosto do mesmo ano e exaltou a figura de Duque de Caxias, como exemplo, segundo Torres de obediência à hierarquia e dedicação à pátria. Para Torres:

Aos farrapos de Bento Gonçalves que, há muitos anos, na maior e mais sangrenta das revoluções nacionais, pleiteavam direitos já outorgados a outras províncias, Caxias, lançou-lhes uma profética proclamação. Conceituando-os a voltarem ao convívio da pátria, reservando sua energia e intrepidez para combater o inimigo que despontava nas coxilhas: “Lembraí-vos que a poucos passos de vós está o inimigo de todos nós, o inimigo de raça e de tradição” (TORRES, *In*. COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO 1941, p. 25).

⁴⁹ Félix Guisard Filho nasceu no interior do Estado do Rio de Janeiro, mas cresceu na cidade de Taubaté. Era filho de Félix Guisard. Atuou no ramo da indústria e da pesquisa histórica. No prefácio do segundo volume, Federice cita: “o Norte Paulista é e será futuramente, dado o progresso quase fantástico do seu parque agropecuário industrial, o centro da manufatura e expedição de quase toda a matéria prima do Brasil (*Coleção Instituto Cruzeiro*, 1937, p. 6). Outras informações sobre a C.T.I. e Félix Guisard Filho, consultar Martins (2009).

A terceira palestra, proferida no dia 28 de agosto de 1940, foi em homenagem a Companhia de Jesus, com a presença de Amoroso Lima na plateia, convidado especial de Neiva. Torres destacou a *Semana Jesuítica*⁵⁰ e fez alusão ao processo de conversão de Alceu de Amoroso ao catolicismo. Sobre o evento em tela, destacou o legado de Loyola e o estratégico “rearmamento católico” por meio da educação escolar: “das ovelhas desgarradas o caminho da casa [...] foste ferir, para a restauração da nossa alma, o ponto nevrálgico da revolução espiritual: a educação (TORRES, *In. COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO*, 1941, p. 35). Para o autor, a “Casa” seria a Igreja; o “caminho”, a educação.

O evento repercutiu na imprensa local. Os editores do jornal *Folha de Cruzeiro* publicaram a posição do semanário:

Mas a originalidade de Santo Inácio de Loiola, não foi apenas, combater a revolução, como sendo novo espírito; a originalidade de Santo Inácio de Loiola e a Companhia de Jesus foi combater os erros destes três grandes acontecimentos, centros do século 16 ao 20 que vivemos. A originalidade de Santo Inácio não foi apenas jogar contra essas eras anticristãs, mas combater os erros, não jogando totalmente contra esse movimento, mas aproveitando o espírito desse momento [...] Honrem, pois, esta Companhia de bravos que Sto. Inácio fundou em 1540 e, em 1940, continua fiel ao espírito de seus fundadores e aquele que mais sofreu trazendo o espírito da obra imortal (*FOLHA DE CRUZEIRO*, 1940, p.7).

O quarto volume da *Coleção* (1941) foi intitulado *A Escola Ativa Direta*. Publica, na íntegra, uma conferência de Lourenço Filho, numa ocasião em que ele visitou o *Instituto*, na condição de paraninfo de uma das turmas. Na palestra, discorreu sobre o conceito de “escola ativa direta”. Neste contexto, Lourenço Filho era o Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e, de acordo com os jornais locais, era amigo de Neiva e entusiasta das iniciativas do *Instituto*. A presença reiterada de Lourenço na instituição e a referência que fez à iniciativa de Neiva no livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova* revelam amizade consolidada nos tempos de militância de Neiva em organizações católicas cariocas na segunda metade da década de 1920.

O quinto e último volume da *Coleção* intitulado *Educando para a Vida* registra a palestra que Neiva proferiu na Associação Brasileira de Educação (ABE) no dia 23 de

⁵⁰ Os jornais locais deram destaque a esta edição da *Semana Jesuítica*, que ocorria todos os anos para celebrar a obra do padre José de Anchieta e de Inácio de Loiola, fundador da Companhia de Jesus.

dezembro de 1941. A conferência versou sobre a “experiência nova em educação secundária” que, segundo o autor, o *Instituto* realizava à época. Para Neiva:

Vinte instituições diversas dão forma e direção à nossa vida comunitária, cada qual com os seus objetivos certos, mas todas entre si relacionadas, reagindo umas sobre outras, sofrendo todas as ações da comunidade geral e a do ambiente mais largo da vida social, propriamente dita (NEIVA, *In. COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO*, 1943, p. 3).

c) **Núcleo de Escoteiro Duque de Caxias**⁵¹, responsável pelas excursões pedagógicas pela cidade de Cruzeiro e municípios vizinhos. Essa instituição tinha como objetivo “educar para a pátria e o civismo por meio das práticas do escotismo”. Segundo Neiva (1972) era efetivada um regime de autodisciplina num ambiente moral e cívico:

No Instituto, o ambiente moral criado pela prática de tais normas, com o sistema de autodireção adotado, com a existência do Corpo de Graduados, tanto entre escoteiros quanto entre bandeirantes, com a prática dos “até amanhã” à hora da saída, com a convicção de que a autoridade é uma e indivisível, repetindo-se inteira em todos que a encarnem, com a despreocupação pelo triunfo permanente, que não é da natureza das coisas, é tal que, nele, o estranhável seria não haver disciplina, a qual é a decorrência natural de todo esse sistema de forças favoráveis (NEIVA, *In. COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO*, 1943, p.27).

O *Núcleo*, ainda segundo Neiva,

Em suas numerosas e interessantes excursões, o Núcleo Escoteiro “Duque de Caxias” já devassou as redondezas de Cruzeiro em todos os sentidos. As fazendas do município, as cidades de Piquete, Cachoeira, Passa-Quatro, já foram por eles visitadas, em marchas memoráveis. Centenas se não mais de um milhar de quilômetros, já foram por ele vencidos, não tendo jamais o menor acidente ou desgosto doutra natureza empanado o prestígio educativo de que gozam esses passeios. Quando da nossa primeira ida a Piquete, o que já foi repetido, em visita à Fábrica de Pólvora Sem Fumaça do nosso glorioso Exército, a ida foi feita grande parte sob um sol abrasador e a volta, dois dias depois, sob chuva torrencial (NEIVA, *In. COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO*, 1943, pp. 29-30).

⁵¹ Assim como a homenagem da primeira instituição a José Bonifácio, Duque de Caxias representa o sentido de nacionalidade, ordem, disciplina e obediência à pátria.

No *Núcleo Duque de Caxias* era regido por monitores escolhidos pela direção do *Instituto*. O aluno Inácio Rubez foi o primeiro monitor.

A figura emblemática do Duque era exaltada pela imprensa local, que divulgava as iniciativas desta instituição. O jornal *Folha de Cruzeiro* relatou uma homenagem que personalidades públicas da cidade participaram, sob a batuta de Neiva:

Estiveram realmente brilhantes as comemorações ao grande soldado da Pátria, Duque de Caxias [...]. Prolongaram-se por uma semana, essas comemorações, tendo sido realizados, todos os dias, atos condizentes com a vida do grande patriota e firmador (sic) da nacionalidade brasileira. Essas comemorações, porém tiveram sua culminância no dia 24 de agosto em que a Academia José de Anchieta, já tão prestigiosa como centro cultural da cidade, fez realizar uma sessão solene em homenagem àquele que personifica a bravura e a nacionalidade brasileira. Além dos seus membros contou para a sessão a presença de Dr. Olavo Ribeiro de Souza, D.D Juiz de Direito da Comarca, Dr. Eurico Novas Ferreira, Dr. Epaminondas Martins, representante do Dr. Delegado de Polícia e os mais ilustres representantes do Exército Nacional do “5.R.I” de Lorena, Major Edgard Buxbaun, Tte. Cândido Leal Ferreira e Tte. Isnard Câmara. (*FOLHA DE CRUZEIRO*, 1 de setembro de 1940).

Paulo Moitinho Neiva, irmão do fundador do *Instituto*, era outro nome lembrado pelo *Núcleo de Escoteiros*. Foi tenente do exército e professor da escola. Morreu num dos ataques da Alemanha contra navios brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial. O memorialista e ex-aluno do *Instituto*, Guimarães, relatou uma das viagens organizadas pelo *Núcleo* e a homenagem ao irmão do professor Neiva:

[...] Por cada cidade que passávamos, Embaú, Cachoeira, Canas e, finalmente, Lorena, entrávamos em formação e éramos precedidos pela fanfarra imponente que chamava a atenção de todos. Num palanque ocupado por toda a oficialidade, discursos patrióticos, emocionados, verberavam a covardia dos alemães afundando navios mercantes e causando a morte de centenas de brasileiros. A certa altura um locutor havia sido previamente combinado com todos chamou por três vezes o nome de Paulo Moitinho Neiva. Na última, as dezenas de alunos do Instituto Cruzeiro responderam com voz forte, quase gritada, PRESENTE! Foi uma homenagem singela, porém impressionante, que fez aquele homem forte e destemido - o Dr. Neiva - chorar copiosamente revelando toda uma sensibilidade que jamais viramos (sic) nele. (GUIMARÃES, s/d, p. 116).

d) A quarta instituição aglutinava vários outros centros, dentre eles a *Academia José de Anchieta*; a de ciências sociais, denominada *Centro de Geografia e História Couto*

de Magalhães e o Centro de Pesquisas Científicas “Oswaldo Cruz”⁵², que respondia pelos estudos das ciências físico-naturais e o Centro de Estudos Matemáticos “Gomes de Souza”⁵³, ligado às ciências positivas.

Dentre estas instituições e associações, a *Academia José de Anchieta* foi a mais atuante junto à elite letrada de Cruzeiro. A instituição era aberta ao público e, segundo os memorialistas, contribuiu para a efetivação de uma efervescência cultural, por meio de palestras, conferências e outras atividades ligadas ao campo da cultura. Um dos memorialistas e ex-aluno do *Instituto* relata a sua experiência:

Consistia destaque a sala ambiente destinada ao estudo das línguas, uma das maiores em termos de área física, denominada Academia José de Anchieta. Como o nome sugeria, funcionava nela uma academia literária organizada nos moldes da Academia Brasileira de Letras. Possuía quarenta cadeiras, cada uma com seu patrono. O que era inusitado é que vinte cadeiras eram ocupadas por alunos das séries mais adiantadas ou que possuíam pendores especiais em termos de literatura. As restantes vinte cadeiras eram ocupadas por pessoas importantes da comunidade, tais professores de outros estabelecimentos, autoridades judiciais, advogados, jornalistas, escritores, poetas, etc. A Academia se reunia bimestralmente ou em datas festivas, quando então um dos ocupantes das cadeiras apresentava seu trabalho literário para a apreciação de todos [...] Em outra ocasião o poeta Pedro Gussen foi o palestrante sobre o tema “Os amores de Olavo Bilac” recheado com os belos versos do poeta e quando recitou o poema “Ora direis ouvir estrelas” não foi menos aplaudido (GUIMARAES, s/d, pp.112-113).

⁵² Oswaldo Cruz nasceu no dia 5 de agosto de 1872, em São Luís de Paraitinga, São Paulo. Ele viveu na cidade até 1877, quando sua família se transferiu para o Rio de Janeiro. Estudou no Colégio Laure, no Colégio São Pedro de Alcântara e no Externato Dom Pedro II. Ao voltar da Europa, Oswaldo Cruz encontrou o Porto de Santos assolado por violenta epidemia de peste bubônica, e logo se engajou no combate à doença. Para fabricar o soro antipestoso, foi criado, em 25 de maio de 1900, o Instituto Soroterápico Federal, instalado na antiga Fazenda de Manguinhos, tendo como diretor geral o Barão de Pedro Afonso e diretor técnico o jovem bacteriologista. Em 1902, Cruz assumiu a direção geral do novo Instituto. Este, por sua vez, ampliou suas atividades, não mais restringindo-se à fabricação de soro antipestoso, mas dedicando-se também à pesquisa básica aplicada e à formação de recursos humanos. Disponível em: <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/oswaldo-cruz>. Acesso em: 4 jan.2014. A escolha para a homenagem da instituição deve-se a referência de sua atuação como médico naturalista, ter nascido no Vale do Paraíba paulista.

⁵³ Joaquim Gomes de Souza, nascido em 15 de fevereiro de 1829 na cidade de Itapecuru Mirim (Maranhão), foi pioneiro dos estudos matemáticos no Brasil e deixou uma obra importantíssima, apesar da morte precoce, aos 34 anos. Nas palavras do Professor J. Leite Lopes, trata-se do “primeiro vulto matemático do Brasil – e talvez o maior até hoje”. Seu primeiro contato com as ciências aconteceu na faculdade de Medicina, onde ingressou aos 15 anos, após abandonar a carreira militar. Lá, foi apresentado à física e à química. O interesse por essas disciplinas o levou a aprofundar, como autodidata, os estudos de matemática. Disponível em: <http://www.fujb.ufjr.br/arquivos/materia.asp?cat=3&tipo=concurso&cod=3>. Acesso em: 5 jan. 2014.

A *Academia José de Anchieta* representou, como foi analisado no segundo capítulo, uma referência cultural para a cidade de Cruzeiro. Vários educadores e pessoas da vida pública da cidade frequentavam a *Academia* estimulando uma produção literária local. As visitas proeminentes foram noticiadas nos jornais locais e registradas pelos memorialistas da cidade como uma instituição cultural e educacional de excelência. Álvaro Neiva destacou na *Coleção Instituto Cruzeiro* ser essa instituição o ponto de encontro de visitas ilustres dos principais centros culturais do país, como “Alceu Amoroso Lima, Agripino Grieco e outros, que ainda não faz muito nos visitaram” (NEIVA, 1943, p.33).

Na mesma instituição além da *Academia*, estava o *Centro de História e Geografia Couto Magalhães*⁵⁴. Essa instituição foi responsável, dentre outras atividades, pela realização da pesquisa sobre a história de Cruzeiro. Segundo Álvaro Neiva:

[...] Além das monografias pertinentes da Coleção Instituto Cruzeiro já apresentadas, da prática habitual e extensa de toda a metodologia ativista que aqui se defende, do recurso permanente e variado à expressão cartográfica, das visitas e excursões a locais de significação geográfica ou histórica dos municípios e proximidades (o velho Embaú, a Fazenda Novais, o Morro dos Ingleses, as Oficinas da Rede Sul-Mineira, o Frigorífico, a Rotunda, o Bairro de Itagaçaba [...]) Desses dois merecem particular referência: o de Língua Tupi, pelo professor Hilton Federici, então já universitário em São Paulo, e o de Civilização Brasileira (NEIVA, 1972, p.110).

Lembra o cotidiano de uma aula de Geografia quando [...] “Foi essa uma das técnicas de aulas vivas de Geografia, pela qual mestres e alunos, em cruzeiro fictício mas cheio de aventuras, aprendiam ao natural, percorrendo em simpático didático as águas, os litorais e portos da Terra” (NEIVA, 1972, p. 113).

⁵⁴ O General José Vieira Couto de Magalhães nasceu em Diamantina, Minas Gerais, foi escritor mineiro e folclorista. Era um fervoroso estudante e pesquisador de línguas estrangeiras e indígenas, onde despendeu boa parte da sua atividade; estudou com afinco astronomia, física e mecânica, tendo posteriormente, seus instrumentos para experiências científicas, doados ao Instituto Politécnico de São Paulo. Fundou o Clube de Caça e Pesca de São Paulo e organizou a Sociedade Paulista de Imigração. Colaborou com muitos jornais, com ênfase no Jornal do Comércio e o Diário Popular, tendo também pertencido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Deixou inédita uma gramática da língua geral. Provavelmente a homenagem do Centro de História e Geografia do Instituto deve-se a divulgação do escritor da língua tupi que era apreciada por Álvaro Neiva. Disponível em: <http://www.calendario.cnt.br/COUTOMAGALHAES.htm>. Acesso em: 10 jan. 2014.

Além do *Centro de História e Geografia*, na mesma instituição existia outro setor responsável pela área das ciências matemáticas, física natural e ciências positivas. Tratava-se do *Centro de Estudos Matemáticos Gomes de Souza* e *Centro de Pesquisas Científicas Oswaldo Cruz*. Esses núcleos eram auxiliados pela *Cooperativa Alberto Torres*, como destacou Neiva:

[...] formavam, no *Instituto Cruzeiro*, o tríptico das ciências positivas, em seus fundamentos e em suas aplicações socioeconômicas. Todas as considerações feitas a respeito [...]. Esta formação poderia ser aqui ilustrada com fotografia existentes no arquivo da experiência de Cruzeiro; por elas se verificaria, sem esforço, que a metodologia viva do triângulo Matemática-Banco-Cooperativa funcionou em sistema, “transferindo” ao educando suas virtualidades formativas e informativas, em seus aspectos possíveis, e acompanhando-se de atitudes e de situações indicativas do espírito de poupança e do sentido de responsabilidade dos nossos pequenos “bancários” e “clientes” de então, antecipadoras das atitudes e das situações dos homens independentes e responsáveis (NEIVA, 1972, p. 114).

e) **A quinta até a oitava instituição** contava com vários centros como a *Biblioteca do Barão do Rio Branco*⁵⁵, o *Clube Agrícola Luiz Pereira Barreto*⁵⁶, o *Banco Joaquim Murtinho*⁵⁷, a *Cooperativa Alberto Torres*⁵⁸ e o *Grêmio Recreativo Instituto Cruzeiro*. Da

⁵⁵ O Barão do Rio Branco foi professor, político, jornalista, diplomata, historiador e biógrafo. Nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 20 de abril de 1845, e faleceu na mesma cidade, em 10 de fevereiro de 1912. Cursou o Colégio Pedro II, a Faculdade de Direito de São Paulo, depois a de Recife. Bacharel em 1866, viajou pela Europa e, na volta, regeu a cadeira de Geografia e História do Brasil no Imperial Colégio. Durante a estadia na Europa, produziu várias obras: redigiu uma *Memória sobre o Brasil para a Exposição de São Petersburgo*; para o *Le Brésil*, de Sant'Anna Nery, escreveu *Esquisse de l'Histoire du Brésil*; apresentou contribuições para a *Grande Encyclopédie*, de Levasseur, na parte relativa ao Brasil. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/rio-branco.jhtm>. Acesso em: 11 jan. 2014.

⁵⁶ Luiz Pereira Barreto nasceu em Rezende, Estado do Rio de Janeiro, a 11 de janeiro de 1840. Fez seus estudos primários em sua terra natal no Colégio Joaquim Pinto Brasil, onde iniciou também os preparatórios, os quais, todavia, veio a concluir em São Paulo, no Colégio “João Carlos” em 1857. Em 1865, doutora-se em Medicina e Ciências Naturais. Foi sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e membro da Academia Paulista de Letras. Disponível em: <http://www.ihgs.com.br/cadeiras/patronos/luizpereirabarreto.html>. Acesso em: 12 jan. 2014.

⁵⁷ Joaquim Murtinho nasceu em Cuiabá, a sete de dezembro de 1848. Ali começou seus estudos, concluindo no Rio de Janeiro. Fez o curso de ciências naturais na Escola Central, hoje Escola Nacional de Engenharia. Formou-se em medicina e especializou-se em homeopatia. Foi também professor. Estadista, ganhou fama por restaurar as finanças republicanas. Disponível em: <http://guimaraesrocha.com.br/grandezas-literarias/248-joaquim-murtinho-cidadao-integral.html>. Acesso em: 12 jan. 2014.

⁵⁸ Alberto Torres, depois de completar os estudos secundários no Rio de Janeiro, Alberto de Seixas Martins Torres cursou, inicialmente, Medicina, optando, pouco tempo depois, pelo Direito, primeiro em São Paulo e, em 1885, no Recife, onde se forma. Passa, então, a trabalhar como advogado no Rio de Janeiro, onde também

nona até a décima quarta instituição aglutinavam o *Centro de Saúde Miguel Couto*⁵⁹ e o *Grêmio Esportivo Bandeirante*.

A Biblioteca Barão do Rio Branco era inscrita como biblioteca pública no Instituto Nacional do Livro⁶⁰ e tendo a seu cargo todos os trabalhos de secretaria e arquivo do estabelecimento (NEIVA, *In. COLEÇÃO INSTITUTO CRUZEIRO*, 1943, p.33).

atua como político e jornalista. Torres foi deputado à Assembleia Constituinte do Estado do Rio de Janeiro (1892), deputado federal, ministro da Justiça e Negócios Interiores, presidente do Estado do Rio de Janeiro e ministro do Supremo Tribunal Federal, onde se aposentou, em 1909, por motivos de saúde. Alberto Torres foi abolicionista e republicano convicto desde os tempos de juventude. Mais tarde, seus ideais concentraram-se no pacifismo internacional, voltando-se, finalmente, para uma concepção nacionalista da história, despertada, durante sua segunda legislatura federal, quando da discussão de projetos sobre seguros e remessa de lucros para o exterior. Sempre escrevendo na imprensa, suas principais obras – *A organização nacional* e *O problema nacional* – nasceram de artigos publicados no *Diário de Notícias* e no *Jornal do Comércio*. Nesses dois livros, Torres defende suas ideias nacionalistas. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/alberto-torres.jhtm>. Acesso em: 12 jan. 2014. A escolha pela homenagem a Alberto Torres corrobora a sua posição nacionalista e organicista, teses centrais do Estado getulista.

⁵⁹ Miguel Couto nasceu no Rio de Janeiro, então capital do Império, em 1º de maio de 1864. Por sua atuação na medicina, conquistou grande renome, tendo sido amplamente considerado o mais ilustre dos médicos brasileiros de seu tempo. Além da intensa atividade que manteve como clínico ao longo de toda a carreira, renovando as práticas correntes no país mediante a introdução da clínica científica e experimental, realizou também importantes pesquisas farmacológicas, estudando o valor medicinal de plantas e frutos da flora brasileira. Como professor, marcou a formação de várias gerações de médicos, e participou ainda de diversos congressos internacionais. Em agosto de 1932, durante a Revolução Constitucionalista, desempenhou o papel de mediador entre o governo federal e os revoltosos de São Paulo. Em maio de 1933, elegeu-se deputado à Assembleia Nacional Constituinte na legenda do Partido Economista, tanto pelo Distrito Federal quanto pelo estado do Rio de Janeiro. O regimento da Assembleia, contudo, obrigava-o a optar por um dos mandatos, e Miguel Couto escolheu a cadeira do Distrito Federal, deixando a do estado do Rio para Laurindo Augusto Lemgruber Filho. Membro da Comissão de Saúde da Assembleia interessou-se ainda por duas questões: a educação e a imigração. Em relação à primeira, defendeu e obteve a obrigatoriedade do emprego de 10% da renda federal na instrução pública (afirmava que o único problema nacional era a educação do povo). Quanto à segunda, liderou a corrente que se opunha à imigração não europeia, desenvolvendo intensa campanha contra a entrada de japoneses no Brasil. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acesso em: 12 jan 2014. A homenagem a Miguel Couto relaciona-se a questão das correntes científicas (o darwinismo racial e teorias evolucionistas) sobre a questão racial no Brasil e de certa maneira também influenciou as instituições escolares. Não temos evidências sobre esses conceitos no *Instituto*, porém localizamos um artigo no jornal local sobre a desconfiança da raça amarela nipônica.

⁶⁰ O Instituto Nacional do Livro foi criado em dezembro de 1937 por iniciativa do ministro Gustavo Capanema. Estava prevista como suas atribuições a edição de obras literárias julgadas de interesse para a formação cultural da população, a elaboração de uma enciclopédia e um dicionário nacional e, finalmente, a expansão, por todo o território nacional, do número de bibliotecas públicas. Para os formuladores da política cultural da década de 1930, anos de busca de uma identidade nacional, a organização de uma enciclopédia e um dicionário da língua brasileira parecia fundamental à própria existência cultural do país. Já as bibliotecas, na definição de Capanema, eram necessárias por serem "centros de formação da personalidade, de compreensão do mundo, de autoeducação, enfim, centros de cultura". Vários intelectuais passaram pelo Instituto durante o Estado Novo. Sua direção foi entregue inicialmente ao escritor, poeta e crítico literário modernista Augusto Meyer. Sérgio Buarque de Holanda e Mário de Andrade também estiveram ligados ao Instituto. Até 1945 não foram concluídos nem o dicionário nem a enciclopédia brasileira, mas o número de bibliotecas públicas, principalmente nos estados menos prósperos do país, cresceu muito graças ao apoio do

Segundo Álvaro Neiva (1972), a biblioteca ocupava toda a ala direita do edifício central do Instituto. Era cotidiano na biblioteca as “Horas da Leitura”, nas quais eram frequentadas por alunos que pesquisavam assuntos diversos para posterior publicação. Uma dessas pesquisas foi destacada por Neiva:

[...] a aprendizagem que ensejou da mecânica do Sistema Decimal, de Melvil Dewey, a uns tantos dos seus alunos-assistentes, o repositário em que acabou se constituindo não só de um rico acervo bibliográfico, mas da documentação mesma da experimentação cívico-ativista do estabelecimento, eis alguns dos bons serviços que prestou a comunidade. Ao que se saiba, nunca ninguém dormiu; a única exceção terá sido mesmo a de Lourenço Filho, quando visitou o Instituto Cruzeiro, pois ali foi situado o lugar dos pernoites (NEIVA, 1972, p. 106).

Continuando nessa instituição na área de Ciências físico-naturais era constituído pelo *Centro de Pesquisa Oswaldo Cruz*, com o lema “Não esmorecer, para não desmerecer” [Neiva, 1972, p. 115] e o *Clube Agrícola Luis Pereira Barreto*. Álvaro Neiva relata essas instituições e os devidos centros como uma iniciação científica e experimental:

[...] o Centro de Pesquisas Científicas, houve o fato do plantio da muda de um pinheiro, que chegou a ter oito nós, mas que só foi plantado, e na presença de Nóbrega da Cunha, então visitante, após um novo requerimento, em que os jovens “botânicos” do Centro asseguraram que o pinheiro cresceria “alto e reto como seriam os alunos do Instituto” (NEIVA, 1972, p. 115).

O *Centro de Saúde Miguel Couto*, segundo a *Coleção Instituto Cruzeiro*, “dispunha de instalações adequadas, realizava o fichamento de nossos alunos, de molde a controlar suas condições gerais de higiene; isso, além de estimular certas iniciativas, como quando manteve um curso de Puericultura, para os nossos bandeirantes maiores.” (*Coleção Instituto Cruzeiro*, 1943, p.34).

O *Grêmio Esportivo Bandeirante*, “vive como uma verdadeira agremiação esportiva, sendo a instituição mais dificilmente abandonada pelos os que encerram no estabelecimento suas atividades dos cursos oficiais” (COLEÇÃO INSTITUTO

CRUZEIRO, 1943, p.34). Num outro trecho descreve sobre a concepção de “aluno” do *Instituto*, pois mesmo os alunos que já eram formados eram considerados como amigos da instituição:

[...] houve o fato do quadro de basquetebol de Lorena, formado de cadetes em férias, fragorosamente vencido pelo “Five” do Instituto, tudo resultando numa crônica de jornal lorenense, onde se lia que “uma original interpretação da palavra aluno muito prejudicou o nosso quadro, sendo essa interpretação a de que no Instituto Cruzeiro, seus antigos alunos continuavam alunos, desde que ainda filiados a qualquer de suas instituições extraclasses” (NEIVA, 1972, p. 116).

f) A décima quinta e décima sexta instituições eram destinadas à prática de trabalhos manuais: a *Fábrica de Artefatos Visconde de Mauá*⁶¹ e a *Oficina de Trabalhos Manuais Femininos Ana Neri*.⁶²

A *Fábrica* e a *Oficina* tinham o propósito de uma educação manual e a aproximação com a realidade social, sem excluir a concepção cívica e formativa presente no *Instituto*, que promovia o objetivo de educar para o trabalho. Neiva assim descreveu a prática:

[...] Assim, a *Fábrica* era uma fábrica mesmo, e a *Oficina* era mesmo uma oficina; apenas se diversificavam uma e outra, as do Instituto e as da vida, em que, aquelas mais intencionalmente que estas, “fabricavam” e “consertavam” o homem do Brasil, o moço e a moça respectivamente, mais que artefatos ou manualidades. Certo que ainda não se consertaram de todo o pensamento e a ação no jogo pedagógico, nem ainda terá sido encontrada a fórmula final da efetivação conjunta do Trabalho e da Educação, apesar de certas afirmações em contrário que por aí correm; mas não é menos certo que o Instituto Cruzeiro tentou o máximo de

⁶¹ Barão de Mauá nasceu na cidade de Arroio Grande (Rio Grande do Sul) em 28 de dezembro de 1813. Empreendeu a construção da primeira ferrovia brasileira. Construída no Estado do Rio de Janeiro ganhou o nome de Estrada de Ferro Mauá. Fundação da Companhia de Iluminação a Gás do Rio de Janeiro. Fundação da Companhia de Navegação a Vapor do Amazonas. Deputado Federal pela província do Rio Grande do Sul com mandato entre os anos de 1856 e 1875. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/quemfoi/barao_de_maua.htm. Acesso em: 13 jan. 2014.

⁶² Ana Néri (1814-1880) foi a pioneira da enfermagem no Brasil. Prestou serviços voluntários nos hospitais militares de Assunção, Corriente e Humaitá, durante a Guerra do Paraguai. Foi homenageada com a Medalha Geral de Campanha e a Medalha Humanitária de Primeira Classe. D. Pedro II, por decreto, lhe concedeu uma pensão vitalícia. Carlos Chagas batizou com o nome de Ana Néri a primeira escola oficial brasileira de enfermagem, em 1926. Disponível em: http://www.e-biografias.net/ana_neri/. Acesso em: 12 jan. 2014.

interpenetração dos dois conceitos, adotando a lei cívico-moral do Trabalho ao lado de suas leis técnicas, e visando mais à construção do homem brasileiro que ao fabrico de coisas (NEIVA, 1972, p. 119).

g) A décima sétima e a décima oitava instituição eram relacionadas à educação artística, atendendo o *Grêmio Cênico Musical Carlos Gomes*⁶³ e com o *Centro de Cultura Artística Pedro Américo*.⁶⁴ Segundo a *Coleção Instituto Cruzeiro*, “o primeiro com seu orfeão escolar e os seus festivais e o segundo com as sessões de Desenho e as exposições, proporcionando aos nossos alunos tão preciosa parcela da sua formação” (*Coleção Instituto Cruzeiro*, 1943, p.35).

Neiva (1972) relata os finais de ano na instituição responsável pela formação artística e a representação social da cidade:

Nas festas de fim de ano, então, e em outras ocasiões especiais, o esquema era completo, pois aos números cênicos-musicais juntava-se a palavra de grandes brasileiros visitantes (D. José Pereira Alves, Rafael Pinheiro, Félix Guisard, o Pe. Luis Marcigaglia, Nóbrega da Cunha, Joaquim Ribeiro, D. André Arcoverde, Lourenço Filho, Amoroso Lima, Mauricio Cardoso), ou liam-se contribuições adrede enviadas (Pedro Calmon, Celso Kelly).Cruzeiro dispõe de uma poderosa radioemissora e também lá, muitas vezes, representantes do Grêmio Cênico-Musical ocupavam seus microfones (NEIVA, 1972, p.119).

⁶³ Carlos Gomes (1836-1896) foi um maestro e compositor brasileiro. Autor da ópera "O Guarani", inspirada na obra do mesmo nome, escrita por José de Alencar. A música de Carlos Gomes, de temática brasileira e estilo italiano, inspirada basicamente nas óperas de Giuseppe Verdi, ultrapassou as fronteiras do Brasil e triunfou junto ao público europeu. Antônio Carlos Gomes nasceu em Campinas SP, em 11 de julho de 1836. Estudou música com o pai e fez sucesso em São Paulo com o "Hino Acadêmico" e com a modinha "Quem sabe?" (Tão longe, de mim distante)", de 1860. Continuou os estudos no conservatório do Rio de Janeiro, onde foram apresentadas suas primeiras óperas: "A noite do castelo" (1861) e "Joana de Flandres" (1863). Antônio Carlos Gomes morreu em Belém, no dia 16 de setembro de 1896. Disponível em: http://www.e-biografias.net/carlos_gomes/. Acesso em: 13 jan. 2014.

⁶⁴ Pedro Américo (1843-1905) foi um pintor brasileiro. Um dos mais importantes pintores da nossa história. A tela "O Grito do Ipiranga" foi uma encomenda da família real, para fazer parte do acervo do Museu do Ipiranga. É de sua autoria também as telas "Batalha do Havaí", "Paz e Concórdia", "Batalha do Campo Grande", entre outras. É Patrono da cadeira nº 24 da Academia Paraibana de Letras. Pedro Américo (1843-1905) nasceu em Areia, Paraíba, no dia 29 de abril de 1843. Filho do violonista Eduardo de Figueiredo e de Feliciano Cirne. Em 1854 foi para o Rio de Janeiro, estudar no Colégio Pedro II. Em 1956, ingressou na Academia Imperial de Belas Artes. Recebeu de D. Pedro II, um curso na Escola de Belas Artes em Paris, para onde foi em 1859. Foi discípulo de Ingres, um dos maiores pintores do neoclassicismo francês. Disponível em: http://www.e-biografias.net/pedro_americo/. Acesso em: 13 jan. 2014.

h) A décima nona e vigésima instituição eram dedicadas ao universo infantil, o *Grêmio Infantil Ruy Barbosa*⁶⁵ e um órgão de divulgação denominado *O Instituto*.

Esse Grêmio Infantil, segundo Neiva (1972), era dedicado ao mundo da criança e dos pré-adolescentes matriculados no *Instituto*, onde era comum o incentivo à elaboração de histórias infantis sobre o cotidiano da escola:

Essa e outras estórias, que aconteceram no Instituto, não desaconselharam, antes, reforçaram, a conveniência de existir uma instituição só deles, com a sede enfeitada com motivos singelos, as reuniões cantando as cantigas da idade, e a bibliotecazinha, principalmente ela, com seus livros de Monteiro Lobato, seus chapeuzinhos vermelhos, suas revistas em quadrinhos, que então apareciam e muitos iguais ao grande “Tico-Tico”, e, também uma Bandeira do Brasil, um retrato de Rui, uns jogos infantis, e outras coisitas mais, discretamente sérias em seus objetivos (NEIVA, 1972, p. 108).

O órgão de divulgação, o jornal *O Instituto* era elaborado pelos alunos, sob a supervisão de Álvaro Neiva como um meio de divulgação da concepção educacional do *Instituto*, que privilegiava o preparo para o trabalho. De acordo com Neiva (1972), o jornal começou pequeno, datilografado pelos alunos. No jornal, havia acrósticos e criações musicais, como a de um aluno chamado Sebastião Pinto⁶⁶ que compôs a música “Maria, o teu nome principia”. Apesar do estímulo artístico, seu propósito educacional era assim expresso:

[...] Dele, já transcrevemos “Ave Brasil”! E muitas outras transcrições poderiam fazer-se, mas limitemo-nos a breve citação de uma passagem do editorial “O Trabalho é a Educação”, do número de maio de 1940: Compreenda-se o Trabalho como expressão total do esforço humano no sentido da perfeição e não como solução às necessidades rudimentares da existência (NEIVA, 1972, p.107).

⁶⁵ Ruy Barbosa nasceu em 5 de novembro de 1849, foi um intelectual, jurista e político brasileiro. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1870. No início da carreira, na Bahia, engajou-se numa campanha em defesa das eleições diretas e da abolição da escravatura. Depois, seria político relevante na República Velha, ganhando projeção internacional durante a Conferência de Paz de Haia (1907), em que defendeu a teoria brasileira de igualdade entre as nações. Sócio-fundador da Academia Brasileira de Letras, sucedeu a Machado de Assis na presidência da casa. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/rui-barbosa.jhtm>. Acesso em: 21 jan. 2014.

⁶⁶ Sebastião Pinto posteriormente foi cantor, compositor e cronista da cidade de Cruzeiro. Sebastião Pinto participou, com destaque, em emissoras como: Rádio Tupi, Nacional, Ipanema, Educadora, Transmissora (todas do Rio de Janeiro), Inconfidência de Belo Horizonte, entre outras. Disponível em: http://www.sebastiaopinto.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3&Itemid=4. Acesso em 11 jan. 2014.

Trabalho e educação; método e atividade; religião e civismo. As instituições extraclases representam, na concepção de Álvaro Neiva, o que de melhor poderia ser oferecido à mocidade de Cruzeiro e do seu entorno. Uma cidade que crescia, se urbanizava necessita de uma mão de obra especializada que pudesse levar avante o projeto de modernização da região, em consonância o espírito salesiano e escoteiro da proposta.

3.5 O término do Instituto Cruzeiro

O *Instituto* tornou-se referência de um modelo educacional em razão da sua originalidade. As visitas de intelectuais e outras lideranças educacionais do período, o apoio do clero e das elites políticas e culturais da cidade de Cruzeiro comprovam, como vimos, o grau de aceitação da proposta pedagógica de Álvaro Neiva. Um fato merece destaque: na formatura dos bacharéis em Ciências e Letras, em dezembro de 1937, o técnico de educação, representante do governo do estado, em discurso, ressaltou a experiência do *Instituto*, comparando-a com a Escola Regional de São João do Meriti, sob a coordenação de Armanda Álvaro Alberto. Mas a ênfase recaiu sobre o lema daquele evento: “Formação de elites e a salvação pela Escola” (*FOLHA DE CRUZEIRO*, 11 de dezembro de 1937, p. 5).

Mesmo com o sucesso da primeira década, nos primeiros anos da década de 1940, começaram a surgir às primeiras notícias do fechamento do *Instituto*. Um ex-aluno e memorialista recorda o fato:

Pelos meados do ano de 1943 correu o boato logo confirmado que o *Instituto Cruzeiro* encerraria suas atividades no final do ano. A mensalidade relativamente cara não cobria mais os custos do estabelecimento. O eventual aumento reduziria como reduziu drasticamente, as matrículas tornando a escola economicamente inviável principalmente porque não havia também qualquer espécie de ajuda dos poderes públicos para um estabelecimento considerado de elite destinado a jovens ricos. Foi lamentável para a cidade que perdeu uma escola como poucas existentes no interior em termos de eficiência e qualidade de educação. Ainda bem que a clarividência do então Prefeito Virgílio Antunes e o arrojo e coragem do Professor Waldomiro May permitiram que a Escola continuasse sob a denominação de Escola Técnica de Comércio de Cruzeiro (GUIMARÃES, s/d, pp. 116-117).

Anos mais tarde, Neiva apresentou a sua versão dos fatos, justificando o fechamento. Mais uma vez, Lourenço Filho aparece em cena:

Encerrando-se em 1944 as atividades do *Instituto Cruzeiro*, pelos motivos já apresentados, decorrentes do convite feito ao experimentador para deslocar-se de Cruzeiro para o Rio, primeiro para ocupar a Cátedra de Didática Geral e Especial da então Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje do Rio de Janeiro, o que não foi no momento organização secundária de demonstração.

Com o atendimento a esse segundo convite, a filosofia e a técnica do sistema vieram encontrar numerosas oportunidades de adoção na então capital do país [...] mas recordemos que o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) ao tempo foi dirigido por Lourenço Filho e para qual fomos convocados como um dos seus técnicos (NEIVA, 1972, p. 123).

A justificativa de Neiva encontra-se registrada em artigo de Silva (2006), que pesquisou a Faculdade Nacional de Filosofia, notadamente seu Colégio de Aplicação, cujo projeto de criação foi entregue à Neiva, sob o comando de Lourenço Filho, à época diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos⁶⁷. O artigo relata a memória e a construção dos primeiros quadros de professores e a proposta pedagógica do Colégio de Aplicação que tinha o intuito de formar novos professores e novas formas de experimentação didática:

O início dos planos de organização de um colégio de demonstração de ensino, a ser instalada anexa a Faculdade Nacional de Filosofia, data de 21 de julho de 1944. Segundo o professor Luiz Alves de Mattos, catedrático interino de Didática Geral e Especial da Faculdade de Filosofia (FNF), devido ao interesse e esforços de então diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), doutor Lourenço Filho, o professor Álvaro Neiva foi designado para apresentar um projeto do futuro Colégio de Aplicação em colaboração com os professores das cadeiras pedagógicas da FNF (SILVA, 2006, p. 36).

⁶⁷O artigo de Silva (2006) encontra-se disponível em: <http://www.cap.ufrj.br/perspectiva/n1/PERSPECTIVA%20-%20No1%20-%20Memoria.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2014.

No dia 15 de maio de 1944, pela imprensa, o professor Álvaro Neiva despediu-se da cidade, explicando as razões do fechamento *Instituto*, alegando que tinha cumprido sua missão:

Do Dr. Álvaro Neiva, recebemos a seguinte carta: Exmo, Sr. José Campos D.D Redator-Chefe da “A Folha de Cruzeiro e Diretor de “Variedades”.

Pelas colunas dos dois brilhantes periódicos desta cidade a que o ilustre amigo empresta o concurso da sua inteligência e da sua coragem cívica, foram tornados públicos honrosos conceitos ao meu respeito, naturalmente devidos a sua iniciativa. Deixando hoje Cruzeiro, definitivamente, onde passei mais de doze anos de trabalho em favor de sua infância e mocidade, durante as quais foram pródigas as circunstâncias que me proporcionaram afirma-me ante a cidade tal qual sou e tal qual espero continuar a ser, desvanece-me sobremodo ter merecido da imprensa local os conceitos acima referidos que agradeço sensibilizado.

Deixo Cruzeiro, mercê de Deus, com a consciência do dever cumprido, esperando que não tenha sido em vão esses doze anos lutas intemeratas em prol das mais decididas afirmações do amor ao Brasil, a que procurei servir educando suas gerações novas em experiência educacional hoje tão confortadoramente apolada pelos altos poderes públicos. A Avenida N. S. de Copacabana, 152, AP.64, estarei como sempre, ao inteiro dispor dos amigos e dos inimigos, pois, a uns e outros, me honro de ter deixado nesta terra.

Saio daqui tendo saldo todas às dívidas morais e materiais aqui assumida. Entretanto fica o dr. Sinélio Passos, probo e acatado advogado do foro local, com os mais amplos poderes meus para tomar conhecimento imediato de qualquer assunto que me diga a respeito.

Com os melhores votos de prosperidade para a Folha de Cruzeiro e a Revista Variedades bem como para o ilustre amigo, sou o patrício e admirador. (FOLHA DE CRUZEIRO, 15 de maio de 1944, p.4).

Nota-se que as interpretações sobre o encerramento das atividades do *Instituto* são dúbias, como contraditórias são as experiências dos sujeitos. O fato é que a instituição de Neiva sobreviveu sintonizadas às políticas de educação de Vargas. Mas esse elemento não basta para explicar a iniciativa de Neiva. A ele devemos somar as relações próximas do mentor do projeto com Lourenço Filho e sua habilidade para conduzir a relação com os católicos e com as elites locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Instituto* apresentou características muito específicas que, de certa forma, foram de encontro a uma memória produzida sobre a história do movimento da Escola Nova no Brasil. De acordo com as fontes primárias consultadas, a experiência liderada por Neiva pautou-se na filosofia e pedagogia salesiana e nos princípios disciplinadores de escotismo. Essa evidência foi essencial à análise sobre duas vertentes: a primeira, relacionada à formação de Álvaro Neiva e, em segundo lugar, a influência social e cultural da cidade de Cruzeiro e o processo de salesianidade educacional na região da zona norte do Vale do Paraíba Paulista.

A literatura consultada sobre a história do movimento da Escola Nova no Brasil permitiu uma compreensão mais alargada da complexa experiência do *Instituto*. Destacamos a pesquisa de Carvalho (1998) que distinguiu, no movimento, vertentes díspares, inclusive entre os católicos, particularmente por meio da ação de seus intelectuais. Ao contrário de Cury (1978), que mapeou de forma a considerar uma dicotomia entre liberais e católicos, a autora supracitada evidenciou uma disputa mais complexa no interior do movimento, notadamente na Associação Brasileira de Educação (ABE), criada no Rio de Janeiro, em 1924. Outro estudo de referência é de Sgarbi (1997), que além de salientar as heterogeneidades do movimento da Escola Nova, conseguiu demarcar a existência de um “Escolanovismo Católico”, que tinha como objetivo central a conciliação da pedagogia pragmática da Escola Nova e os princípios cristãos. O autor debruçou-se, particularmente, sobre a produção veiculada pela especialmente na Revista Brasileira de Pedagogia.

A atuação pregressa de Álvaro Moitinho Neiva foi, sem dúvida, o elemento chave que justificou a criação do *Instituto* em Cruzeiro. Sua ativa participação na Associação Fluminense de Professores Católicos, dirigida por Everardo Backheuser, lhe rendeu a aproximação a uma rede de intelectuais e militantes católicos. Álvaro Neiva foi secretário da Associação.

O *Instituto* representou para a cidade de Cruzeiro e para a intelectualidade católica do período um espaço para o debate e experimentação das novas concepções pedagógicas como a Escola Nova, o ensino ativo e a Escola Ativa Direta. No primeiro momento, a

proposta de conciliação não foi aceita pelo grupo de intelectuais católicos do Distrito Federal, vinculados ao Centro Dom Vital, porém o *Instituto* confirmou que a influência religiosa e salesiana foi bem recebida pelas elites cruzeirenses.

O segundo ponto em destaque é a constatação de uma nova metodologia pedagógica, intitulada pelo seu fundador, a Escola Ativa Direta. A Escola Ativa Direta privilegiava a formação moral, cívica e religiosa de seus alunos. Porém, essa proposta tinha o intuito de contribuir com os preceitos da Escola Nova, por meio de um ensino ativo e para o trabalho. Essa proposta didática se concretizou pelas instituições extraclases.

Álvaro Neiva (1943) introduziu as instituições extraclases em que cada disciplina era responsável pela aprendizagem prática e manual por uma instituição. No *Instituto* foram vivenciadas vinte instituições extraclases. Eram academias, grêmios, palestras, extensões, viagens, excursões, ou seja, todas as atividades tinham o objetivo pedagógico, que atualmente é considerado uma atividade “extraclasse”, para a Escola Ativa Direta, era o próprio componente curricular.

Neste contexto em que se debatia principalmente o ensino secundário e a sua função social, Álvaro Neiva (1943) questionava a formação propedêutica e livresca desta modalidade. É preciso destacar a relevância de o *Instituto* ser a primeira em um ensaio sistemático a utilização da “metodologia” da pedagogia experimental conhecida como o Movimento da Escola Nova no ensino secundário, de maneira sistemática e singular.

A década de 1930 na história da educação brasileira foi um período de destaque e discussão em relação a uma proposta do ensino secundário, quando no governo de Vargas, assumiu Francisco Campos para o Ministério da Educação e Saúde e que pronunciou a necessidade de mudança na concepção do que seria a formação secundário e a dualidade característico do momento. Clarice Nunes (2000) discute a expansão e o acesso do ensino secundário e a questão da ascensão social aos que cursassem. Percebendo historicamente que o acesso ao ensino secundário ficou por muito tempo sob a batuta da iniciativa privada e que o censo educacional localizou uma minoria até a década de 1960 ao seu acesso.

Detectamos que professores e alunos que fizeram parte dos quadros do *Instituto* eram oriundos da classe média da cidade. Porém, mesmo a dualidade do ensino, que na prática preparava os alunos para o ensino superior e uma formação enciclopédica, o *Instituto* guardava uma certa singularidade, pois havia a tentativa de diminuir essa

distância entre o ensino intelectual e técnico. Tendo como proposta filosófica além do aspecto religioso, também uma proposta de formar o cidadão para o trabalho. Segundo Neiva (1943) ao criar o Instituto Cruzeiro propôs como filosofia e prática pedagógica teve como propósito promover uma transição dum regime de simples preparação livresca aos cursos acadêmicos para um regime de finalidade específica definido, ou seja, formar e instruir o educando para o trabalho, o civismo e a religião.

Ao problematizar a memória como fonte histórica, podemos, ao pesquisar a trajetória de uma instituição escolar e seus agentes históricos, recorrer à memória como fonte histórica sem enaltecimentos, confirmar memórias saudosistas, e até mesmo desconstruir memórias que somente alcançam objetivos e propósitos que convêm a um determinado grupo social. Deste modo, não podemos diminuir a importância da trajetória de Álvaro Neiva ao empenhar em uma instituição que propunha a “renovação escolar” e a sua atuação na cidade de Cruzeiro, porém neste ofício de construir a história, surgem outros questionamentos para a discussão, a seleção da memória.

O *Instituto*, por meio das instituições extracurriculares, interligadas como componentes do próprio currículo, alcançou essa finalidade. Porém, sua concepção e prática pedagógica evidenciaram uma filosofia e proposta cristã. E o mais significativo é o seu objetivo de construir em seus alunos um ideal de civilidade e comunidade para a vivência do trabalho e por meio deste construir uma prática e sentimento cívico e patriótico. Segundo Nerici (1978), Álvaro Neiva representou para o Brasil um ensino renovador e que sua experiência da Escola Ativa Direta tinha como objetivo o amor e cultivo de três pilares da sociedade: Deus, a Pátria e o Trabalho.

Desse modo questionamos: que nacionalidade buscava Álvaro Neiva ao fundar o *Instituto*? Quais eram suas referências de nação ao destacar nomes de personalidades da monarquia? Estava a Escola Nova a serviço da construção de uma nacionalidade republicana? Tudo indica que Álvaro Neiva, como outros educadores influenciados e divulgadores da Escola Nova, estavam em processo e propósitos de construir uma sociedade pautada nos princípios republicanos aliados às suas motivações religiosas e cívicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZZI, Riolando. 1983. *Os salesianos no Brasil*. Petrópolis. Vozes.
- ANDRADE, Carlos Borromeu. 1994. *Os pioneiros da história de Cruzeiro*. Centro Educacional Objetivo. Fundação Nacional do Tropeirismo. Cruzeiro.
- BACELLAR, Carlos. 2005. “Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos”. In: PINSKI, Carla B.(Org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto.
- BALASSIANO, Ana Luisa Grillo. 2012. *Liceu Francês do Rio de Janeiro (1915-1965): instituições escolares e difusão da cultura francesa no exterior*. Tese de Doutorado em Educação – USP. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- BACKHEUSER, Everardo. 1948. 4 ed. *Manual de Pedagogia Moderna (Teórica e Prática) – para uso das Escolas Normais e Institutos de Educação*. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo. (Biblioteca “Vida e Educação”).
- BOBBIO, Noberto.1997. 2 ed. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora UNESP.
- BORGES, Davi Coura. 2008. “*Dai-me almas e ficai com o resto*”: as práticas escolares do *Gymnasio São Joaquim de Lorena, para a formação do bom cristão e do honesto cidadão (1902-1928)*. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- CAMPOS, Francisco. 1933. “Exposições de Motivos”. In. Brasil. Ministério da Educação e Saúde Pública. *Organização do Ensino Secundário*. Porto Alegre. Livraria Globo.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. 1998. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: EDUSF.
- COSTA, Emilia Viotti. 1999. *Da Monarquia a República: momentos decisivos*. 6 edição. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. 1978. *Ideologia e Educação Brasileira: católicos e liberais*. São Paulo: Cortez & Moraes.
- DINIZ, Marcelo Lucena. 2009. *Os caminhos da intelectualidade católica na década de 1930: católicos e “pioneiros” na construção da ordem pública varguista*. Dissertação.
- UNESP. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de História, Direito e Serviço Social.
- EVANGELISTA, José Geraldo. 1991. *História do Colégio São Joaquim: 1890-1940*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco.

- EVANGELISTA, Olinda. 1997. *A formação do professor em nível universitário: o Instituto de Educação da Universidade de São Paulo (1934-1938)*. Tese de doutorado em Educação: História e Filosofia da Educação. PUC, São Paulo.
- FILHO, Lourenço Bergstrom. 1963. *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. 6 ed. São Paulo. Melhoramentos.
- GUIMARÃES, Joaquim de Paula. 1951. *Síntese da História de Cruzeiro*. Cruzeiro: Edição Prefeitura Municipal de Cruzeiro.
- GUIMARÃES, José. S-D. *Personas*. Lavrinhas. Gráfica Independente.
- GUSSEN, Pedro. 1986. *História de Cruzeiro – Síntese Panorâmica*. Ed. CMC: Cruzeiro, SP.
- HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. 2005. *História da Educação Brasileira: leituras*. São Paulo. Pioneira Thomson Learning.
- KILPATRICK, W.H. 1964. 9ed. *Educação para uma civilização em mudança*. São Paulo. Edições Melhoramentos.
- LEAL, M.C. & PIMENTEL, M.A.L. 2003. (Org.) *História e memória da Escola Nova*. São Paulo: Edições Loyola.
- LUCA, Tania Regina de. 2005. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto.
- _____. 2009. *O historiador e suas fontes*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) São Paulo: Contexto.
- MONARCHA, Carlos. 2009. *Brasil arcaico, Escola Nova: ciência, técnica e utopia nos anos 1920 - 1930*. São Paulo: Editora UNESP.
- NEIVA, Álvaro. 1972. 2 edição. *Educação Moral e Cívica e as instituições extraclasse*. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora.
- NERICI, Imideo Giuseppe. 1972. 2ª edição. *Ensino renovado e fundamental*. São Paulo: Livraria Nobel S.A.
- _____. 1985. *Educação e Ensino*. São Paulo. Impresso no Brasil. IBRASA.

- NERY, Ana Clara Bortoleto. 2009. *A sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)*. São Paulo: Editora Unesp.
- NUNES, Clarice. 2003. *História e Memória da Escola Nova*. Maria Cristina Leal, Marília Araújo Lima Pimentel (org). São Paulo. Edições Loyola.
- RAGAZZINI, Dário. 2001. *Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação?* Educar em Revista, Curitiba, n. 18.
- RODRIGUES, Almerinda Maria dos Reis. *O movimento da Escola Nova no Sul do Mato Grosso: Uma análise de suas contribuições para a Educação do Estado na primeira metade do século XX*. 2006. Dissertação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Dourados - MS.
- SANTOS, Alessandra Ramalho. 2009. *Escola do Trabalho: expansão do escolanovismo nos debates educacionais paulistas sobre a reorganização do ensino primário (1926-1933)*. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).
- SANTOS, Cláudia Isabel Ribeiro. 2012. *O Momento: o espaço de luta ferroviária na cidade de Cruzeiro em 1933*. Dissertação (História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).
- SANTOS, Manoel Isáu de Souza Ponciano. 2000. *Luz e Sombras: Internatos no Brasil*. São Paulo Salesianos.
- SAVIANI, Demerval. 2010. 3 edição revisada. *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados (Coleção Memória da Educação).
- SGARBI, Antonio Donizete. 1997. *Igreja, Educação e modernidade na década de 30: escolanovismo católico, construído na CCBE, divulgado pela Revista Brasileira de Pedagogia*. Dissertação (Mestrado em Educação: História e Filosofia da Educação. PUC, São Paulo).
- SILVA, Maria Aparecida Felix do Amaral e. *A educação de mulheres no Vale do Paraíba através da ação das irmãs Salesianas: o Colégio do Carmo de Guaratinguetá: 1892-1910*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).
- SILVA, João Ramos da. 1970. *Cruzeiro – Binômio: Educação e Indústria*. Cruzeiro, SP, Of. Gráfica “Prof. João Silveira”. 3 Gesc de Cruzeiro.

SIRINELLI, Jean-François. 2003, 2 ed. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV.

STANG, Bernardete de Lourdes Streiky. 2009. *O saber e o credo: Os intelectuais católicos e a Doutrina da Escola Nova (1924- 1940)*. (Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas PUC – RJ. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro).

VALDEMARIN, VERA TERESA. 2010. *História dos métodos e materiais de ensino: a Escola Nova e seus modos de uso*. São Paulo: Cortez.

ARQUIVOS E FONTES PRIMÁRIAS

Biblioteca Pública Municipal de Cruzeiro “Professora Marlene Sampaio Pinto”.

Museu Histórico e Pedagógico de Cruzeiro “Major Novaes”.

Jornais locais:

Jornal *O Momento*, 1932 a 1941.

Jornal *Folha Cruzeiroense*, 1932 a 1941.

Jornal *Cruzeirense*, 1932 a 1941.

Revista Coleção Instituto Cruzeiro.

FEDERICI, Hilton. *Investigação Histórico-Geográfica sobre Cruzeiro*. In. Revista *Coleção Instituto Cruzeiro*, volume I, dezembro de 1935.

FEDERICI, Hilton. *Esboço Histórico de Cruzeiro*. In. Revista *Coleção Instituto Cruzeiro*, volume II, fevereiro de 1936.

TORRES, Flávio. *Um pouco pelo Brasil*. In. Revista *Coleção Instituto Cruzeiro*, volume III, agosto de 1941.

FILHO, Lourenço Bergstron. *A Escola Ativa Direta*. In. Revista *Coleção Instituto Cruzeiro*, volume IV, fevereiro de 1942.

NEIVA, Álvaro Moitinho. *Educando para a Vida*. In. Revista *Coleção Instituto Cruzeiro*, volume V, 1943.

Arquivos digitais:

Fundação Biblioteca Nacional: Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em <http://hemerotecadigital.bn.br/>.

Os periódicos cariocas: *O Imparcial, Diário da Noite, Correio da Manhã, A Noite, Diário Carioca, A Batalha, Jornal do Brasil, O Paiz e Gazeta de Noticias*.

Os periódicos paulistas: *Correio Paulistano e Diário Nacional*. Todas as consultas foram do período de 1920 a 1945.

Anuários Escolares dos anos de 1926 e 1936. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/educacao/anuario.php> .Acesso em: 20 de janeiro de 2014.

Arquivo CPDOC- FGV Fundação Getúlio Vargas.

COUTO, Miguel. Disponível em:

<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acesso em: 12 jan 2014.

NEIVA, Artur. Disponível em:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/artur_neiva . Acesso em: 20 set. 2013.

O Instituto Nacional do Livro. Disponível em:

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos3745/EducacaoCulturaPropaganda/INL> . Acesso em: 21 jan. 2014.

Artigos

ABREU, J. A “*Educação Secundária no Brasil: (Ensaio de identificação de suas características principais)*”. *Revista brasileira de estudos pedagógicos*, v.86, n 212, p. 39-84, jan/abr.2005. Disponível em www.inep.gov.br. Acesso em 12 de outubro de 2013.

A Nação e a Juventude Comunista do Brasil. In: *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth*. UNICAMP, v. 17, n. 29, 2010. Disponível em:

http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/viewFile/179/179.

Acesso em: 23 out. 2013.

Revista Ave Maria. Disponível em: <http://www.avemaria.com.br/pagTexto/revista-ave-maria>. Acesso em: 20 jan. 2014.

Memória Colégio de Aplicação UFRJ. Disponível:

<http://www.cap.ufrj.br/perspectiva/n1/PERSPECTIVA%20-%20No1%20-%20Memoria.pdf>.

Acesso em: 15 jan. 2014.

Biografias

Sobre Carlos Américo. Disponível em: http://www.e-biografias.net/pedro_americo/. Acesso em: 13 de jan. de 2014.

Sobre André Arcoverde. Disponível em: Acesso: <http://www.diocesedevalenca.org/Arcoverde+de+Albuquerque+Cavalcanti&cod=22> Acesso em: 03 de jan. de 2014.

Sobre Luiz Pereira Barreto. Disponível em: <http://www.ihgs.com.br/cadeiras/patronos/luizpereirabarreto.html>. Acesso em: 12 de jan. de 2014.

Sobre Rui Barbosa. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/rui-barbosa.jhtm>. Acesso em: 21 de jan. de 2014.

Sobre Pedro Bittencourt. Disponível em: www.cdpdoc.org.br. Acesso em: 02 de jan. de 2014.

Sobre José Bonifácio. Disponível em: www.historiabrasileira.com/biografias/jose-bonif Acesso em: 08 de jan. de 2014.

Sobre Oswaldo Cruz. Disponível em: <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/oswaldocruz>. Acesso em: 4 de jan. de 2014.

Sobre Hilton Federici. Disponível em: <http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com.br/2008/02/personagem-hilton-federici.html>. Acesso em: 05 de jan. de 2014.

Sobre Guilherme Fernandez. Disponível em: http://www.camaravarginha.mg.gov.br/intralegis/pdf/leis_ordinarias/3784.pdf. Acesso em 04 de jan. de 2014.

Sobre Carlos Gomes. Disponível em: http://www.e-biografias.net/carlos_gomes/. Acesso em: 13 de jan. de 2014.

Sobre Agripino Grieco. Disponível em: <http://www.brasile scola.com/biografia/agripino-grieco.htm>. Acesso em: 30 de set. de 2013.

Sobre Barão Macaúbas. Disponível em: http://www.cdpb.org.br/dic_bio_bibliografico_borges.html. Acesso em: 8 de jan. de 2014.

Sobre Luiz Marcigaglia. Disponível em: <http://www.missaosalesiana.org.br/falecidos>

Acesso em: 17 de out. de 2013.

Sobre José Vieira Couto de Magalhães. Disponível em:

<http://www.calendario.cnt.br/COUTOMAGALHAES.htm>. Acesso em: 10 de jan. de 2014.

Sobre Barão de Mauá. Disponível em

www.suapesquisa.com/quemfoi/barao_de_maua.htm .Acesso em: 13 de jan. de 2014.

Sobre Plínio Mello. Disponível em:

<http://www.unicamp.br/~boventu/page9b.htm>. Acesso em: 20 de set. de 2013.

Sobre Joaquim Murтинho. Disponível em: <http://guimaraesrocha.com.br/grandezas-literarias/248-joaquim-murtinho-cidadao-integral.html>. Acesso em: 21 de jan. de 2014.

Sobre João Neiva. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=neiva|infograficos:-historico>. Acesso em: 09 de jan. de 2014.

Sobre Ana Neri. Disponível em: http://www.e-biografias.net/ana_neri/. Acesso em: 12 de jan. de 2014.

Sobre Sebastião Pinto. Disponível em: <http://www.sebastiaopinto.com.br/> . Acesso em 11 de jan. de 2014.

NOGUEIRA, José. Disponível em:

<http://www2.camara.sp.gov.br/projetos/1965/00/00/08/G4/000008G4C.PDF>. Acesso em : 06 de jan. de 2014.

Sobre Barão do Rio Branco. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/rio-branco.jhtm>. Acesso em: 11 de jan. de 2014.

Sobre Joaquim Gomes de Souza. Disponível em:

<http://www.fujb.ufrj.br/arquivos/materia.asp?cat=3&tipo=concurso&cod=37> Acesso em: 5 de jan. de 2014.

Sobre Alberto Torres. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/alberto-torres.jhtm>. Acesso em: 12 de jan. de 2014.

Sobre Santa Zita. Disponível em: <http://www.paulinas.org.br/diafeliz/?system=santo&id=199> . Acesso em: 02 de nov. de 2013.

ANEXOS



Desfile cívico Instituto Cruzeiro, de 1933.

Fonte: Museu Histórico e Pedagógico “Major Novaes”.



Jardim de entrada do Instituto Cruzeiro.

Fonte: *Coleção Instituto Cruzeiro*, vol. IV, 1941.



Fachada principal do Instituto Cruzeiro 1933.

Fonte: Museu Histórico e Pedagógico “Major Novaes”.

Cruzeiro - Jornal — 14.6.1934 — Suplemento

INSTITUTO CRUZEIRO

Um grande estabelecimento de ensino, cuja ação se irradia pelo norte de São Paulo, Sul de Minas e Sul Fluminense.



O batalhão escolar, num dia de desfile, á frente do estabelecimento.



Vista parcial do Museu de Historia Natural

- I -

- II -

Faculdade de...

Jornal *Folha de Cruzeiro*, 14 de junho de 1934.

- I -

O que é o INSTITUTO CRUZEIRO

Um estabelecimento de ensino modelado pelas normas educativas de D. Bosco, em pleno gozo de oficialização federal (é seu atual inspetor o ilustre jornalista católico Prof. Artur Gaspar Viana), mantendo um Internato masculino e um Externato para ambos os sexos, com os seguintes cursos: INFANTIL, PRIMARIO, ADMISSÃO, SECUNDARIO e CONSERVATORIO MUSICAL anexo; este ano letivo já é 3º. ano de funcionamento regular. Ocupa um grande edifício na rua principal de Cruzeiro e dispõe de todas as instalações exigidas para um educandário de seu porte.



Dr. ALVARO MOITINHO NEIVA,
DIRETOR GERAL DO
INSTITUTO CRUZEIRO.

- II -

Faculdade de Comércio "D. Bosco"

(Anexa ao Instituto Cruzeiro)

- DIRETORES: -

José de Castro e José Benedito

(respectivamente, Chefe da Seção de Comércio da 1ª Seção da Contadoria da Estação Sul de Minas).

Durante a 2ª quinzena de Junho, abertas as matrículas para o curso de Datilografia, essa nova anexa ao Instituto.

Oficialização Federal certa no próximo ano.

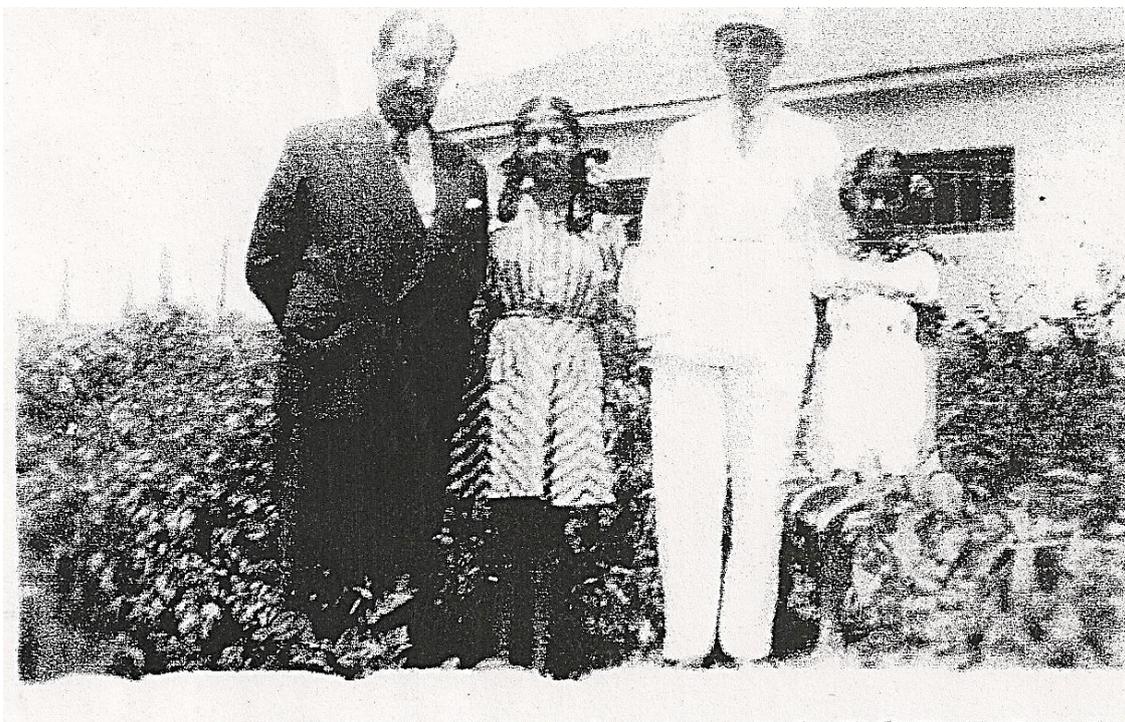
PEÇAM INFORMAÇÕES




Jornal *Folha de Cruzeiro*, 14 de junho de 1934.

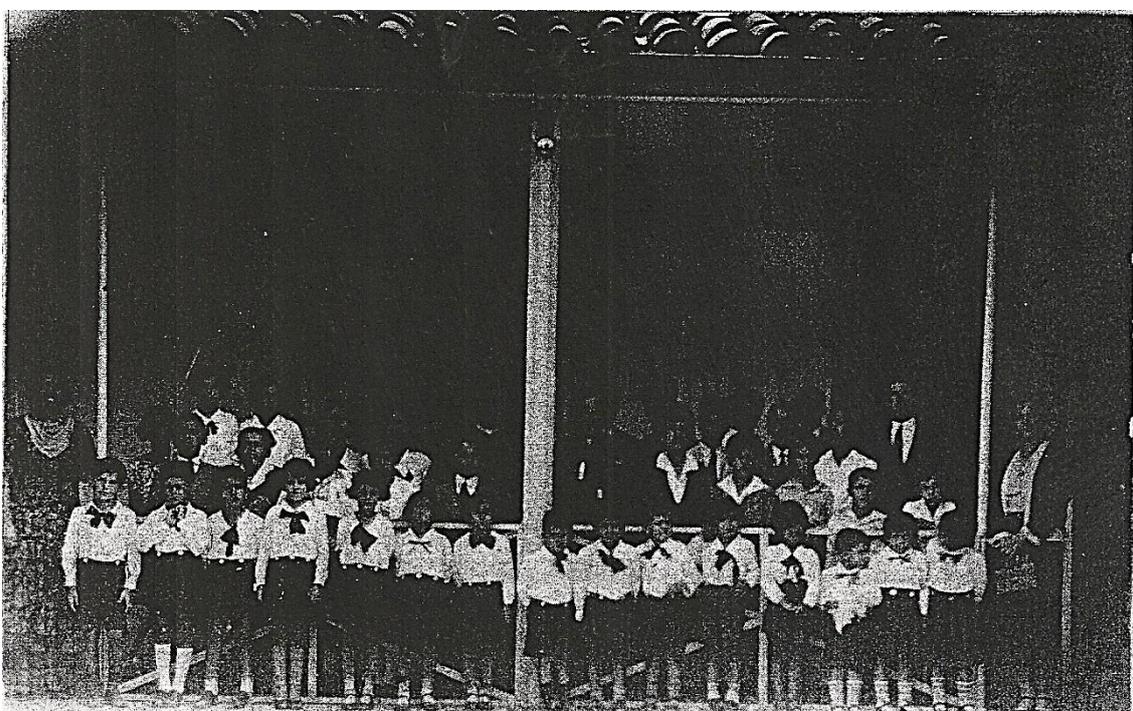


Jornal *Folha de Cruzeiro*, 14 de junho de 1934.



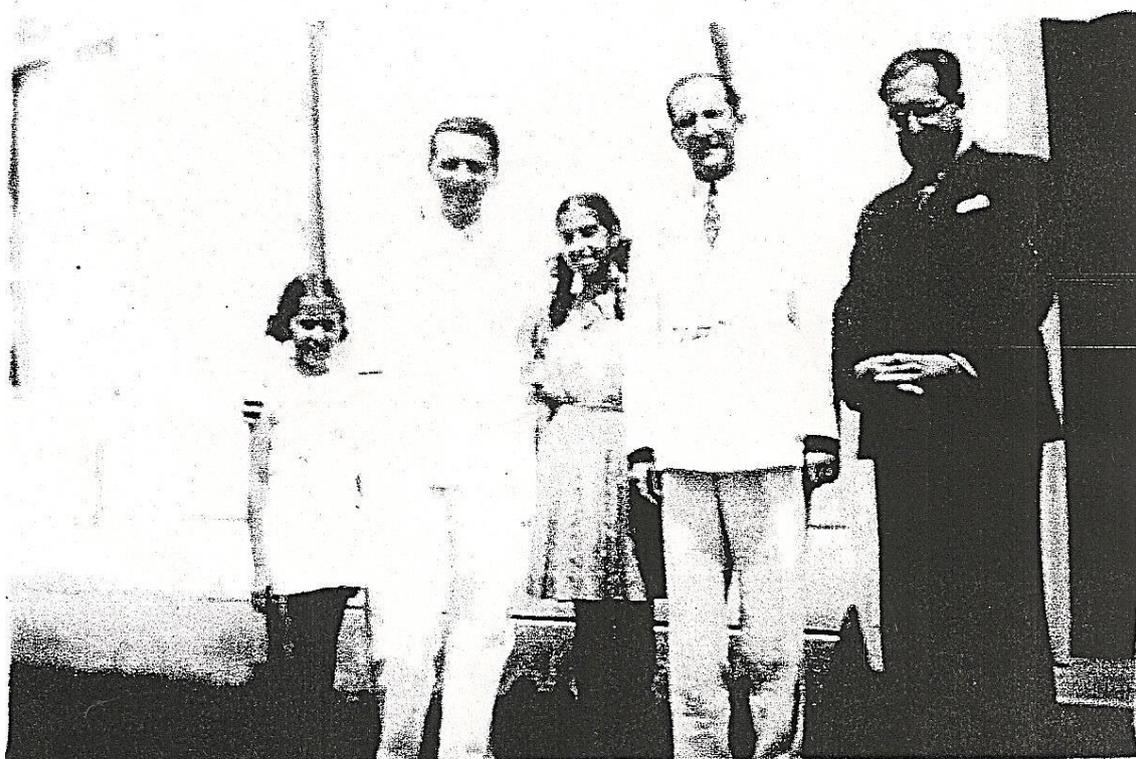
Álvaro Neiva à esquerda; no meio, sua filha Helenita; à direita Lourenço Filho; e ao lado, Celita, filha de Álvaro Neiva.

Fonte: Arquivo pessoal Maria Cristina Neiva Prata



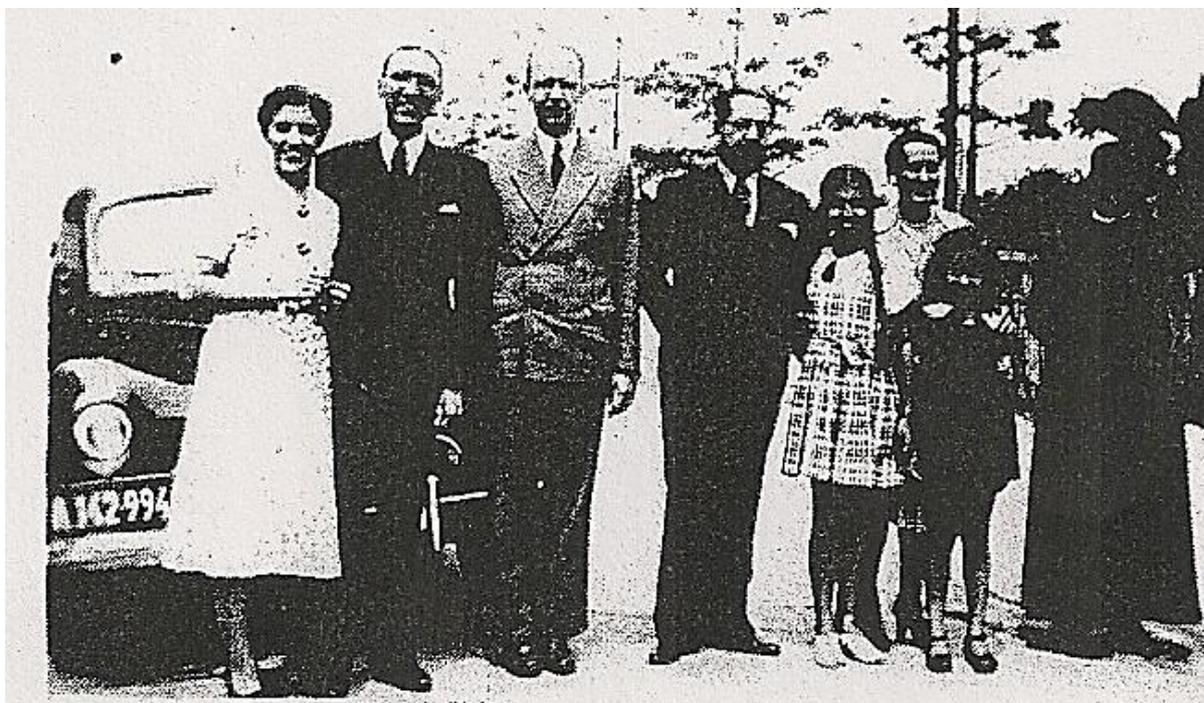
Álvaro Neiva, sua esposa Fantina Neiva e alunos no Instituto Cruzeiro. Sem data.

Fonte: Arquivo pessoal Maria Cristina Prata.



As filhas de Álvaro Neiva; à esquerda, Lourenço Filho, o promotor público da cidade Flávio Torres e Álvaro Neiva.

Fonte: Coleção *Instituto Cruzeiro* vol. IV, 1941.



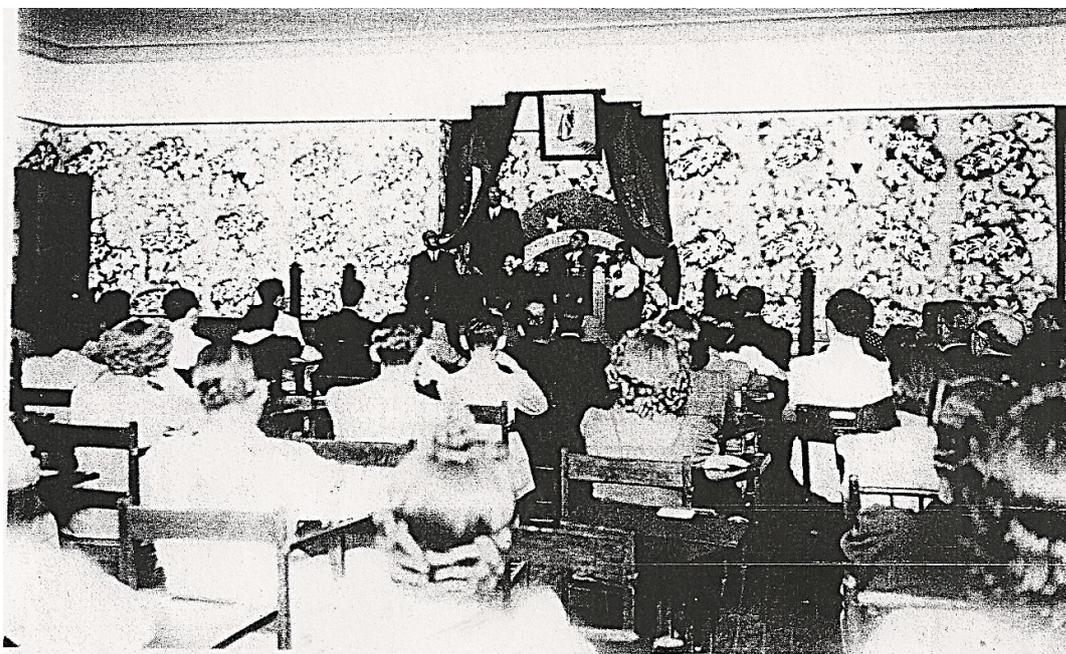
O promotor público Flávio Torres e esposa, ao lado Tristão de Athayde, Álvaro Neiva, esposa e as filhas Helenita e Celita, e o pároco local.

Fonte: *Coleção Instituto Cruzeiro*, vol. IV, 1941.



O promotor público Flavio Torres, ao lado Tristão de Athayde, Álvaro Neiva, esposa e as filhas Helenita e Celita e o pároco local.

Fonte: *Coleção Instituto Cruzeiro*, vol. IV, 1941.



Sala de aula.

Fonte: *Coleção Instituto Cruzeiro*, vol. IV, 1941.



Última turma de formandos Guarda Livros.

Foto realizada no dia 26 de fevereiro de 1944, pelo fotógrafo Pedro Gussen.

Fonte: Arquivo pessoal de Ieda Braga de Oliveira, ex- aluna do Instituto Cruzeiro.